

The image features two budgies against a bright blue background. The budgie on the left is yellow with a white face and a blue patch on its throat. The budgie on the right is grey with a white face and a blue patch on its throat. In the foreground, there are several pink cherry blossoms with green leaves. The text 'A espuma dos dias' is overlaid in a large, black, serif font.

**A espuma
dos dias**

ER

**V. Boris
Vian**





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



COSACNAIFY

**V. Boris
Vian**

***A
espuma
dos dias***

TRADUÇÃO

Paulo Werneck

Para a minha Bibi

Prólogo

Na vida, o essencial é manter, sobre todas as coisas, julgamentos *a priori*. Parece, com efeito, que as massas estão erradas, e que os indivíduos sempre têm razão. É necessário ter cautela para não extrair disso regras de conduta: elas não precisam ser formuladas para que as sigamos. Existem apenas duas coisas: o amor, de todas as maneiras, com garotas bonitas, e a música de Nova Orleans ou de Duke Ellington. O resto deveria desaparecer, pois o resto é feio, e as poucas páginas de demonstração que vêm a seguir extraem toda a sua força do fato de que a história é totalmente verdadeira, pois eu a imaginei do começo ao fim. Sua realização material propriamente dita consiste, no essencial, em uma projeção da realidade, em atmosfera enfiada e aquecida, num plano de referência irregularmente ondulado e que apresenta distorção. Vemos que se trata de um procedimento perfeitamente confessável.

Nova Orleans, 10 de março de 1946

1

Colin terminava sua higiene pessoal. Estava enrolado, ao sair do banho, em uma ampla toalha felpuda que deixava ver apenas suas pernas e seu torso. Pegou na prateleira de vidro o spray e aspergiu o óleo fluido e aromático nos cabelos claros. O pente de âmbar cortou a massa sedosa em longos sulcos cor de laranja, parecidos com os talhos que o alegre camponês faz, com um garfo, na geleia de damasco. Colin largou o pente e, armando-se do cortador de unha, aparou obliquamente os cantos das pálpebras foscas, conferindo mistério a seu olhar. Volta e meia precisava repetir o gesto, pois elas cresciam rápido. Acendeu a luz do espelho ampliador e se aproximou para verificar o estado de sua pele. Alguns cravos sobressaíam em volta das aletas do nariz. Ao se verem tão feios no espelho ampliador, eles logo entraram de volta na pele, e, satisfeito, Colin apagou a luz. Soltou a toalha que lhe cingia o quadril e passou uma das pontas por entre os dedos do pé, para absorver os últimos vestígios de umidade. No espelho, dava para ver com quem ele se parecia, com o louro que faz o papel de Slim em *Um sonho em Hollywood*. Tinha a cabeça redonda, as orelhas pequenas, o nariz arrebitado, a pele dourada. Volta e meia sorria, um sorriso de bebê, e, por força do hábito, aquilo lhe rendera uma covinha no queixo. Era bem alto, magro, com as pernas compridas, e muito gentil. O nome Colin mal se encaixava nele. Falava suavemente com as garotas e alegremente com os rapazes. Estava quase sempre de bom humor e, no resto do tempo, dormia.

Esvaziou a banheira fazendo um buraco no fundo. O chão do banheiro, revestido de ladrilhos hidráulicos amarelo-claros, era

inclinado e levava a água para um orifício bem em cima da escrivaninha do locatário do apartamento de baixo. Fazia pouco tempo que ele, sem avisar Colin, mudara a escrivaninha de lugar. Agora, a água caía em cima de seu guarda-comida.

Enfiou os pés em chinelas de couro de morcego e envergou um elegante terno. Sua calça era de veludo cotelê de um verde-água bem profundo, e o casaco era de uma rara lã cor de nozes. Pendurou a toalha no toalheiro, dependurou o tapetinho do banheiro na borda da banheira e o salpicou de sal grosso, para que expelisse toda a água. O tapete começou a babar, fazendo cachos de bolinhas de sabão.

Saiu do banheiro e foi para a cozinha, para supervisionar os finais da refeição. Tinha convidado para jantar, como toda segunda à noite, o seu amigo Chick, que morava ali pertinho. Ainda era sábado, mas Colin estava com vontade de ver Chick e fazê-lo degustar o menu elaborado com uma alegria serena por Nicolas, seu novo cozinheiro. Chick também era solteiro. Tinha a mesma idade de Colin, vinte e dois anos, e gostos literários como os dele, mas tinha menos dinheiro. A fortuna de Colin era suficiente para viver com conforto, sem trabalhar para os outros, e Chick precisava ir todo dia ao ministério para ver o tio e pegar dinheiro emprestado, pois o ofício de engenheiro não rendia o necessário para se manter no mesmo nível dos operários sob seu comando, e é difícil comandar gente mais bem vestida e mais bem alimentada do que nós mesmos. Colin ajudava como podia, convidando-o para jantar sempre que possível, mas o orgulho de Chick o obrigava a ser prudente, e a não mostrar, por favores frequentes demais, que sua intenção era ajudar.

O corredor da cozinha era claro, com vidraças dos dois lados, e um sol brilhava de cada um dos lados, pois Colin gostava de luz. Havia torneiras de latão cuidadosamente polidas por todos os cantos. As brincadeiras do sol nas torneiras produziam efeitos feéricos. Os camundongos da cozinha gostavam de dançar ao som

dos choques dos raios de sol nas torneiras e corriam atrás das bolinhas que os raios formavam ao se pulverizar no solo, feito jatos de mercúrio amarelo. Colin acariciou um dos camundongos ao passar, ele tinha compridíssimos bigodes pretos, era cinzento e magro, e milagrosamente lustroso. O cozinheiro os alimentava muito bem, sem deixá-los engordar muito. Os camundongos não faziam barulho durante o dia e só brincavam no corredor.

Colin empurrou a porta esmaltada da cozinha. O cozinheiro Nicolas vigiava o painel de bordo. Estava sentado diante de uma pequena mesa, igualmente esmaltada de amarelo-claro e que tinha mostradores correspondentes aos diversos utensílios culinários alinhados pelas paredes. O ponteiro do forno elétrico, ajustado para peru assado, oscilava entre “quase” e “ao ponto”. Logo, logo estaria na hora de tirar. Nicolas apertou um botão verde, que acionava o medidor sensível. Este penetrou sem encontrar resistência, e nesse momento o ponteiro marcou “ao ponto”. Num gesto rápido, Nicolas desligou o forno e ligou o aquecedor de pratos.

– Será que está bom? – perguntou Colin.

– Não tenha a menor dúvida, senhor! – afirmou Nicolas. – O peru estava perfeitamente calibrado.

– Que entrada o senhor preparou?

– Meu Deus – disse Nicolas –, para variar, não inovei coisa nenhuma. Limitei-me a plagiar Gouffé.

– O senhor poderia ter escolhido um mestre pior! – observou Colin. – E que parte da obra dele vai reproduzir?

– Está na página 638 de seu *Livro de cozinha*. Vou ler a passagem em questão.

Colin sentou-se num tamborete com assento capitonê de borracha alveolada, sob uma seda que combinava com a cor das paredes, e Nicolas começou nos seguintes termos: “Faça uma crosta de patê quente para a entrada. Prepare uma enguia das grandes e corte-a em pedaços de três centímetros. Leve a uma

panela, com vinho branco, sal e pimenta, cebolas fatiadas, ramos de salsa, endro e louro, com um dentinho de alho”.

– Não consegui amolar o dente como gostaria – disse Nicolas. – A pedra de afiar está gasta.

– Vou mandar comprar outra – disse Colin.

Nicolas continuou: “Ponha para cozinhar. Retire a enguia da panela e ponha numa frigideira. Passe o molho por uma peneira de tecido, acrescente molho espanhol e deixe reduzir até que fique aderente à colher. Filtre novamente, cubra a enguia com o molho e deixe ferver por dez minutos. Acomode a enguia na massa. Faça um cordão de cogumelos em torno da crosta, ponha uma pitada de sêmen de carpa no meio. Regue com a parte do molho que ficou reservada”.

– Certo – aprovou Colin. – Acho que o Chick vai gostar.

– Não tenho a vantagem de conhecer o senhor Chick – concluiu Nicolas. – Mas, caso ele não goste, farei outra coisa da próxima vez, o que vai me permitir me situar, com quase certeza, na ordem espacial de seus gostos e desgostos.

– Zim!... – disse Colin. – Vou embora, Nicolas. Vou pôr a mesa.

Ele foi pelo corredor no outro sentido e atravessou a copa para chegar à sala de jantar-estúdio, cujo tapete azul-pálido e as paredes bege-rosadas eram um repouso para olhos abertos.

Daquela sala, de uns quatro metros por cinco, via-se a avenida Louis Armstrong por duas grandes janelas. Espelhos sem aço escorriam pelos dois lados e permitiam a introdução dos odores da primavera quando eles estivessem disponíveis do lado de fora. Do outro lado, uma mesa de carvalho macio dominava um dos cantos do ambiente. Dois bancos em ângulo reto correspondiam a dois lados da mesa, e cadeiras estofadas com almofadas de marroquim azul ornavam os dois lados livres. A mobília incluía, além disso, um móvel comprido e baixo, transformado em discoteca, uma vitrola hipermodulada e um móvel, simétrico ao

primeiro, contendo estilingues, pratos, copos e outros utensílios de que o homem civilizado se serve para comer.

Colin escolheu uma toalha de mesa azul-claro, combinando com o tapete. Dispôs, no centro da mesa, uma travessa com um vidro de formol em cujo interior havia dois embriões de frango que pareciam fazer a mímica de *O espectro da rosa*, na coreografia de Nijinski. Ao redor, alguns ramos de acácia em fitas: o jardineiro de uns amigos a obtinha a partir do cruzamento da acácia em cachos com aquelas fitas de alcaçuz que se encontram nas vendinhas de porta de escola. Depois ele pegou, um para cada um, dois pratos de porcelana branca incrustados de ouro translúcido, talheres de aço inoxidável com o cabo perfurado, com uma joaninha empalhada em cada um deles, isolada entre duas plaquinhas de plexiglas, para dar sorte. Acrescentou taças de cristal e guardanapos dobrados em forma de chapéu de padre; isso levava um certo tempo. Mal terminara esses preparativos e a campainha se soltou da parede e o avisou da chegada de Chick.

Colin desfez um vinco da toalha e foi abrir.

– Como vai? – perguntou Chick.

– E você? – replicou Colin. – Tira a capa de chuva e vem ver o que o Nicolas está fazendo.

– O novo cozinheiro?

– É – disse Colin. – Troquei com a minha tia pelo antigo, mais um quilo de café belga.

– E ele é bom de serviço? – perguntou Chick.

– Parece que sabe o que faz. É discípulo do Gouffé.

– O homem do crime da mala? – quis saber Chick, horrorizado, e seu bigodinho preto abaixou-se tragicamente.

– Não, cretino, Jules Gouffé, o cozinheiro conhecidíssimo!

– Ah, é que... – disse Chick – fora Jean-Sol Partre, não sou muito de ler...

Ele seguiu Colin pelo corredor de ladrilhos, fez um carinho nos camundongos e abasteceu, enquanto isso, seu isqueiro com algumas gotículas de sol.

– Nicolas – disse Colin, ao entrar –, eu lhe apresento o meu amigo Chick.

– Olá, senhor – disse Nicolas.

– Olá, Nicolas – respondeu Chick. – O senhor não teria uma sobrinha chamada Alise?

– Tenho, sim, senhor – disse Nicolas. – Uma beleza de menina, se o senhor me permite o comentário.

– Vocês realmente parecem ser da mesma família – disse Chick. – Embora na parte do busto haja algumas diferenças.

– Sou bem truncado – disse Nicolas –, e ela se desenvolveu mais no sentido perpendicular, se o senhor me permite fazer essa precisão.

– Pois é – disse Colin –, aqui estamos, quase em família. O senhor não me disse que tinha uma sobrinha, Nicolas.

– Minha irmã não deu certo, senhor – disse Nicolas. – Estudou filosofia. Não é o tipo de coisa de que a gente goste de se gabar numa família orgulhosa de suas tradições...

– É... – disse Colin. – Acho que o senhor tem razão. Compreendo, pelo menos. Mostre-nos então esse patê de enguia...

– Pode ser perigoso abrir o forno agora – preveniu Nicolas. – Poderia desencadear uma desidratação devido à introdução de ar menos rico em vapor d'água do que aquele que se encontra encerrado lá dentro.

– Prefiro ter – disse Chick – a surpresa de ver primeiro na mesa.

– Só me resta apoiá-lo, senhor – disse Nicolas. – Posso me permitir pedir aos senhores o obséquio de me autorizarem a retomar o meu trabalho?

– Faça isso, Nicolas, por favor.

Nicolas retomou sua tarefa, que consistia em desenformar gelatinas de filés de linguado, incrustados de lâminas de trufas, destinadas a compor a entrada de peixe. Colin e Chick saíram da cozinha.

– Quer um aperitivo? – perguntou Colin. – Meu pianoquetel está pronto, você pode experimentar.

– Funciona? – perguntou Chick.

– Perfeitamente. Foi difícil acertar o ponto, mas o resultado está além do que eu esperava. Consegui, a partir de “Black and Tan Fantasy”, uma mistura realmente assombrosa.

– Qual é o princípio? – perguntou Chick.

– A cada nota – disse Colin – faço corresponder uma bebida, um licor ou um aromatizante. O pedal forte corresponde a um ovo batido, e o pedal doce, ao gelo. Para a soda, basta um toque no registro agudo. As quantidades são calculadas na razão direta da duração: à semifusa equivale um dezesseis avos de dose, à semínima uma unidade, à semibreve o quádruplo da dose. Quando tocamos uma peça lenta, aciona-se um sistema de registro de modo que a quantidade não seja aumentada, o que daria um coquetel grande demais, mas o teor de álcool, sim. E, de acordo com a duração da peça, podemos, se quisermos, fazer variar o valor da dose, reduzindo-a, por exemplo, a um centésimo, para obter uma bebida que leve em conta todas as harmonias, por meio de uma regulagem lateral.

– É complicado – disse Chick.

– O conjunto é comandado por contatos elétricos e relés. Não vou te dar detalhes, você sabe do que eu estou falando. E, além do mais, o piano funciona de verdade.

– É maravilhoso! – disse Chick.

– Só tem uma coisa chata – disse Colin –, é o pedal forte para o ovo batido. Precisei pôr um sistema de engate especial, porque, ao tocar um música mais *hot*, vêm uns pedaços de omelete no

coquetel, é difícil de engolir. Vou mudar isso aí. Por enquanto, é só prestar atenção. Para creme de leite, sol grave.

– Vou fazer um “Loveless Love” – disse Chick. – Vai ser demais.

– Ainda está no meio do muquifo que virou minha oficina – disse Colin –, porque as placas de proteção ainda não estão parafusadas. Vem, vamos lá. Vou ajustar para dois coquetéis de uns duzentos mililitros, só para começar.

Chick foi para o piano. Ao fim da peça, uma parte do painel da frente se abriu num golpe seco e apareceu uma fileira de vidros. Dois deles estavam cheios até a boca de uma mistura apetitosa.

– Fiquei com medo – disse Colin. – Teve uma hora em que você tocou uma nota errada. Felizmente, estava na harmonia.

– Isso aí considera a harmonia? – disse Chick.

– Não completamente – disse Colin. – Seria complicado demais. Só tem alguns recursos. Bebe e vem pra mesa.

2

– Esse patê de enguia está notável – disse Chick. – Quem te deu a ideia de fazer?

– Foi ideia do Nicolas – disse Colin. – Tem uma enguia, ou melhor, tinha, que todo dia aparecia no banheiro dele, no cano de água fria.

– Interessante – disse Chick. – Por que isso?

– Ela enfiava a cabeça para fora e esvaziava o tubo de pasta de dentes, apertando com a boca. O Nicolas só usa pasta americana, sabor abacaxi, deve ter sido uma tentação para ela.

– Como ele pegou? – perguntou Chick.

– Pôs um abacaxi inteiro no lugar do tubo. Quando ela comia a pasta, conseguia engolir e em seguida enfiar a cabeça de volta, mas com o abacaxi não deu, e, quanto mais ela puxava, mais os dentes entravam no abacaxi. O Nicolas...

Colin parou.

– O Nicolas o quê? – disse Chick.

– Não sei se te conto, talvez você perca o apetite.

– Conta logo – disse Chick –, já perdi quase todo.

– O Nicolas entrou nesse momento e cortou-lhe a cabeça com uma lâmina de barbear. Depois, abriu a torneira e veio todo o resto.

– É isso? – disse Chick. – Me dá mais patê. Espero que ela tenha uma família grande lá no encanamento.

– O Nicolas pôs pasta de framboesa para ver... – disse Colin. – Mas, me diz, você estava falando dessa tal de Alise...?

– Estou com ela na cabeça – disse Chick. – Conheci numa conferência do Jean-Sol. Nós dois estávamos de braços, debaixo do estrado, e foi assim que a gente se encontrou.

– Como ela é?

– Não sei descrever – disse Chick. – É bonita...

– Ah!... – disse Colin.

Nicolas estava de volta, com o peru.

– Sente-se conosco, Nicolas – disse Colin. – Afinal de contas, como dizia o Chick, o senhor já é quase da família.

– Primeiro vou cuidar dos camundongos, se não for inconveniente para o senhor – disse Nicolas. – Já volto, o peru está cortado... O molho está ali...

– Você vai ver – disse Colin. – É um molho ao creme de manga e zimbro, costurado dentro de um rocambole de trama de vitela. Você pressiona em cima e ele sai em filetes.

– Superior! – disse Chick.

– Você não quer me dar uma ideia de como fez para entrar em relação com ela?... – continuou Colin.

– Pois então... – disse Chick –, perguntei se ela gostava de Jean-Sol Partre, ela me disse que colecionava as obras dele... Então eu disse: “Eu também...”. E, a cada vez que eu lhe dizia alguma coisa, ela respondia: “Eu também...” e vice-versa... Então, no final, só para ter uma experiência existencialista, eu disse a ela: “Amo muito a senhora”, e ela disse: “Oh!”.^[1]

– A experiência deu errado – disse Colin.

– É – disse Chick. – Mas, mesmo assim, ela não foi embora. Então eu disse a ela: “Vou naquela direção”, e ela disse: “Eu, não”, e acrescentou: “Vou por ali”.

– Extraordinário – garantiu Colin.

– Então eu disse: “Eu também” – disse Chick. – E, aonde quer que ela fosse, lá estava eu...

– Como foi que terminou? – disse Colin.

– Hmm!... – disse Chick. – Já estava na hora de ir para a cama...

Colin engasgou e bebeu meio litro de borgonha antes de se recompor.

– Vou patinar com ela amanhã – disse Chick. – É domingo. Quer vir conosco? Preferimos ir de manhã porque tem menos gente. Isso me enche um pouco – comentou –, porque não sei patinar direito, mas poderemos falar de Partre.

– Vou, sim... – prometeu Colin. – Vou com o Nicolas... Vai ver ele tem outras sobrinhas...

3

Colin desceu do metrô, depois subiu as escadas. Saiu do lado errado e contornou a estação para se orientar. Conferiu a direção do vento com um lenço de seda amarela, e a cor do lenço, levada pelo vento, se depositou num enorme prédio de forma irregular que ficou parecido com a pista de patinação Molitor.

Perto de Colin estava a piscina de inverno. Passou por ela e, pela lateral, penetrou naquele organismo petrificado, atravessando portas de vidro duplas com barras de cobre. Estendeu a carteirinha de sócio, que piscou os olhos para o porteiro por meio de dois buracos previamente perfurados. O porteiro respondeu com um sorriso cúmplice, mas abriu um terceiro furo no cartão laranja e a carteirinha ficou cega. Colin a enfiou de qualquer jeito na carteira de couro da Rússia e tomou, à esquerda, o corredor de carpete de borracha que levava aos vestiários enfileirados. Não havia mais lugar no térreo. Então ele subiu a escada em concreto armado, passando por pessoas altas, montadas em lâminas metálicas verticais, que se esforçavam para fazer cabriolas com ar natural, apesar do evidente desconforto. Um homem de pulôver branco abriu-lhe um box, embolsou a gorjeta, que lhe serviria para comer, pois tinha jeito de mentiroso, e deixou-o naquele calabouço, não sem antes, com um giz sem capricho, traçar as iniciais do cliente num retângulo escuro, disposto para esse fim no interior da cabine. Colin reparou que o homem não tinha cabeça de homem, mas de pombo, e não entendeu por que estava lotado no serviço de patinação e não no da piscina.

Da pista vinha um rumor oval que a música dos alto-falantes, disseminados por todos os cantos, tornava complexo. O barulho

que os patinadores faziam no gelo ainda não atingia o nível dos horários de pico, nos quais apresentava uma analogia com o barulho dos passos de um regimento enlameado chapinhando no calçamento. Colin procurava Alise e Chick com os olhos, mas eles não pareciam estar na pista. Nicolas deveria juntar-se a eles um pouco mais tarde; precisava cozinhar para preparar a refeição do meio-dia.

Colin desamarrou os sapatos e percebeu que as solas estavam rachadas. Tirou do bolso um rolo de tafetá engomado, mas não havia o suficiente. Pôs então os sapatos numa pequena poça que havia se formado sob o banco de cimento e os regou com adubo concentrado para que o couro se reconstituísse. Calçou um par de meias de lã com listras largas, amarelas e roxas, e os patins. A lâmina se dividia em duas na frente, para lhe permitir mudanças de direção mais fáceis.

Ele saiu e desceu um andar. Seus pés se entortavam de leve ao pisar no carpete de borracha perfurada que revestia os corredores de concreto. Na hora de se arriscar na pista, precisou subir às pressas os dois degraus de madeira para evitar um tombo: uma patinadora, ao fim da magnífica manobra da águia, acabava de botar um enorme ovo, que se quebrou aos pés de Colin.

Enquanto um dos criados-limpadores vinha recolher os fragmentos espalhados, Colin viu Chick e Alise chegando à pista pelo outro lado. Fez um sinal que eles não viram e lançou-se a seu encontro, mas sem levar em conta o movimento giratório. O resultado foi a formação de um considerável amontoado de manifestantes, aos quais vieram se agregar, de segundo em segundo, humanos que espancavam o ar desesperadamente com braços, pernas, ombros e corpos inteiros, antes de se esmagarem nos primeiros caídos. Tendo o sol derretido a superfície, a parte de cima do amontoado borbulhava.

Em pouco tempo, em cada dez patinadores nove estavam reunidos ali, e Chick e Alise tinham a pista só para eles, ou quase isso. Eles se aproximaram da massa fervilhante e Chick, reconhecendo Colin com seus patins bífidos, o extirpou do conjunto puxando-o pelas canelas. Trocaram um aperto de mãos. Chick apresentou Alise e Colin se pôs à esquerda dela, cujo flanco destro já era ocupado por Chick.

Eles formaram uma fila ao chegar à extremidade direita da pista para deixar passar os limpadores, que, sem esperanças de encontrar, na montanha de vítimas, alguma coisa além de farrapos sem interesse de individualidades dissociadas, muniram-se de seus rodos para eliminar o total dos deitados e os empurravam para o ralo cantando o hino de Molitor, composto em 1709 por Vaillant-Couturier, e que começa assim:

*Senhores e senhoras
Queiram evacuar a pista
(Por favor)
Para nos permitir
Proceder à limpeza...*

Tudo pontuado por buzinas destinadas a manter, no fundo das almas mais encharcadas, um arrepio de incoercível terror.

Os patinadores que ainda estavam de pé aplaudiram essa iniciativa e a armadilha se fechou sobre o conjunto. Chick, Alise e Colin fizeram uma breve prece e retomaram a giração.

Colin observava Alise. Ela usava, por um estranho acaso, um suéter branco e uma saia amarela. Tinha patins brancos e amarelos, de hóquei. Usava meias de seda esfumaçada e soquetes brancas, dobradas por cima das botinhas com cadarços de algodão branco, fazendo três voltas no tornozelo. Usava ainda um *foulard* de seda verde-vivo e o cabelo louro extraordinariamente

volumoso, emoldurando o rosto com uma massa anelada e cerrada. Ela olhava com seus olhos azuis abertos, e seu volume era delimitado por uma pele fresca e dourada. Tinha braços e panturrilhas roliços, cintura fina e um busto tão bem desenhado que mais parecia uma fotografia.

Colin se pôs a olhar para o outro lado, para recuperar o equilíbrio. Conseguiu e, baixando os olhos, perguntou a Chick se o patê de enguia tinha descido bem.

– Nem me fale – disse Chick. – Fiquei pescando na minha pia a noite inteira, para ver se também encontrava uma. Mas na minha só deu truta.

– O Nicolas deve poder fazer alguma coisa com truta! – garantiu Colin. – Você tem – disse ele, dirigindo-se particularmente a Alise – um tio extraordinariamente dotado.

– É o orgulho da família – disse Alise. – Minha mãe não se conforma em ter casado com um mero professor de matemática, enquanto o irmão dela deu tão certo na vida.

– O seu pai é professor de matemática?

– É, no Collège de France, e é membro do Institut^[2] ou coisa parecida... – disse Alise. – É lamentável... Trinta e oito anos. Poderia ter se esforçado. Felizmente, temos o tio Nicolas.

– Ele não deveria ter vindo? – perguntou Chick.

Um perfume delicioso subia do cabelo de Alise. Colin se afastou um pouco.

– Acho que vai chegar atrasado. Estava com alguma coisa na cabeça hoje de manhã... E se vocês dois fossem almoçar lá em casa?... Vamos ver o que era...

– Ótimo – disse Chick. – Mas se você acha que vou aceitar uma proposta dessas, a sua concepção de universo está redondamente enganada. Você precisa encontrar uma quarta convidada. Não vou deixar a Alise ir na sua casa, você vai seduzi-la com as harmonias do seu pianoquedel, e eu não quero saber dessa história.

– Ora!... – protestou Colin. – Está ouvindo o que ele está dizendo?...

Ele não ouviu a resposta, pois um indivíduo de largura desmesurada que, por cinco minutos, fazia uma demonstração de velocidade, tinha acabado de passar no meio de suas pernas, inclinado à frente até o limite extremo, e a corrente de ar que ali se produziu ergueu Colin alguns metros acima do solo. Ele se agarrou no corrimão da galeria do primeiro andar, se restabeleceu e caiu de novo, ao lado de Chick e Alise, tendo executado a manobra na direção errada.

– Devia ser proibido correr desse jeito – disse Colin.

Depois fez o sinal da cruz, pois o patinador tinha acabado de se espatifar na parede do restaurante, no extremo oposto da pista, e ficou estatelado ali, feito uma medusa de papel-machê esquartejada por uma criança cruel.

Os criados-limpadores exerceram, uma vez mais, seu ofício, e um deles espetou uma cruz de gelo no lugar do acidente. Enquanto ela derretia, o encarregado tocava discos religiosos.

Depois, tudo retomou a ordem. Chick, Alise e Colin continuavam girando.

4

– Ali está o Nicolas! – exclamou Alise.

– E ali está a Isis – disse Chick.

Nicolas tinha acabado de aparecer na entrada e Isis na pista. O primeiro foi rumo aos andares superiores, e a segunda, para onde estavam Chick, Colin e Alise.

– Oi, Isis – disse Colin. – Essa é a Alise. Alise, esta é a Isis. O Chick você já conhece.

Houve apertos de mão e Chick aproveitou para ir embora com Alise, deixando Isis nos braços de Colin, os quais se puseram a funcionar em seguida.

– Estou contente em vê-lo – disse Isis.

Colin também estava contente em vê-la. Isis, em dezoito anos de idade, conseguira se munir de um cabelo castanho, de um suéter branco e de uma saia amarela com um *foulard* verde-ácido, patins brancos e amarelos e óculos escuros. Era bonita. Mas Colin conhecia muito bem os pais dela.

– Vamos fazer uma festinha lá em casa, na semana que vem – disse Isis. – Aniversário do Dupont.

– Quem é Dupont?

– O meu cachorrinho. Chamei todos os amigos. Você vem? Às quatro?...

– Vou – disse Colin. – Com muito gosto.

– Chame os seus amigos também! – disse Isis.

– O Chick e a Alise?

– É, eles são legais... Então, até domingo!

– Já vai? – disse Colin.

– Vou, nunca fico muito tempo. Se bem que estou aqui desde as dez...

- São só onze horas! – disse Colin.
- Eu estava no bar!... Tchau!...

5

Colin se apressava pelas ruas luminosas. Soprava um vento seco e vivo, e, sob seus pés, pequenas lâminas de gelo trincado se quebravam crepitando.

As pessoas escondiam o queixo no que encontravam pela frente: gola do sobretudo, cachecol, manga, ele viu até mesmo um que usava para esse fim uma gaiola de passarinho aramada cuja porta ficava apoiada na testa.

“Amanhã vou nos Pontoasinino”, pensava Colin.

Eram os pais de Isis.

“Hoje eu janto com o Chick...”

“Vou para casa, para me preparar para amanhã...”

Deu um passo mais largo para evitar uma faixa do meio-fio que parecia perigosa.

– Se conseguir dar vinte passos sem pisar nela – disse Colin –, amanhã não vou ter nenhuma espinha no nariz...

– Nada disso – disse ele, pisando com toda a força no meio-fio –, essas coisas são idiotas. Não vou ter espinha mesmo assim.

Abaixou-se para colher uma orquídea azul e rosa que o gelo tinha feito sair da terra.

A orquídea tinha o perfume do cabelo de Alise.

“Amanhã, vou ver a Alise...”

Era um pensamento a ser evitado. Alise pertencia a Chick, de pleno direito.

“Com certeza, amanhã eu encontro uma garota...”

Mas seus pensamentos se demoravam em Alise.

“Será que eles falam mesmo sobre Jean-Sol Partre quando estão sozinhos?!...”

Mais valia, quem sabe, não pensar no que eles faziam quando estavam sozinhos.

“Quantos artigos o Jean-Sol Partre escreveu no último ano?...”

De todo modo, não lhe restava tempo de contar até chegar em casa.

“O que será que o Nicolas vai fazer para o jantar?...”

Pensando bem, a semelhança de Alise e Nicolas não tinha nada de extraordinário, já que eram da mesma família. Mas isso levava suavemente ao tema proibido.

“O que será, digo eu, que o Nicolas vai fazer para o jantar?”

“Não sei o que o Nicolas, que é parecido com a Alise, vai fazer para o jantar...”

“O Nicolas é onze anos mais velho que a Alise. Isso dá vinte e nove anos. É muito talentoso na cozinha. Vai fazer contrafilé de vitela assado.”

Colin se aproximava de sua residência.

“As floriculturas nunca têm portões de ferro. Ninguém quer roubar flores.”

Isso era bastante compreensível. Ele colheu uma orquídea laranja e cinza cuja corola delicada se curvava. Tinha um reflexo de cores matizadas.

“Tem a cor do camundongo de bigodes pretos... Cheguei em casa.”

Colin subiu a escada de pedra vestida de lã. Introduziu na fechadura da porta de vidro argênteo uma chavinha de ouro.

– A mim, meus fiéis servidores!... Pois eis-me aqui, de regresso!...

Ele jogou a capa de chuva numa poltrona e saiu à procura de Nicolas.

6

– Pode fazer, Nicolas, contrafilé de vitela para hoje à noite? – pediu Colin.

– Meu Deus – disse Nicolas –, o senhor não me avisou. Era outro o meu intento.

– Por quê, peste diabo demônio – disse Colin –, sempre fala comigo perpetuamente com tanta cerimônia?

– Se o senhor quiser me autorizar a lhe dar o motivo, acho que uma certa familiaridade só se admite quando se vem do mesmo andar, e não é o caso, de modo algum.

– O senhor é altivo, Nicolas – disse Colin.

– Tenho orgulho da minha posição, senhor – disse Nicolas –, e o senhor não poderia se queixar disso.

– Sem dúvida – disse Colin. – Mas gostaria de vê-lo menos distante.

– Tenho pelo senhor um sincero, embora dissimulado, afeto – disse Nicolas.

– Fico orgulhoso e feliz com isso, Nicolas, e digo o mesmo. Pois então, o que vai fazer para hoje à noite?

– Vou ficar, uma vez mais, na tradição de Gouffé, elaborando, desta vez, um salsichão das ilhas ao Porto almiscarado.

– E como isso se executa? – disse Colin.

– Da seguinte maneira: “Pegue um salsichão e pele-o completamente, apesar de seus gritos. Reserve cuidadosamente a pele. Guarneça o salsichão com patas de lagosta picadas e salteadas a toda velocidade na manteiga bem quente. Deixe deglacear numa panela pequena. Aumente o fogo e, no espaço que sobrar, disponha com gosto fatias de timo cozido em fogo baixo. Quando o salsichão emitir um som grave, retire com presteza do

fogo e cubra com Porto de qualidade. Mexa com uma espátula de platina. Unte uma forma e disponha-o de modo que não enferruje. No momento de servir, faça uma calda com um sachê de litina e um quarto de litro de leite frio. Decore com o timo, sirva e vá-se embora”.

– Sem comentários – disse Colin. – Gouffé foi um grande homem. Diga-me, Nicolas, terei, no nariz, amanhã, uma espinha?

Nicolas examinou a napa de Colin e concluiu pela negativa.

– E, aproveitando a consulta, sabe como se dança o miranimim?

– Limitei-me ao desconjuntado estilo Boissière e à trasmontana, criada no semestre passado em Neuilly – disse Nicolas –, e não domino a fundo o miranimim, do qual conheço apenas rudimentos.

– O senhor acredita – perguntou Colin – que seja possível adquirir de primeira a técnica necessária?

– Parece-me que sim – disse Nicolas. – Para o essencial, não é nada complicado. Convém apenas evitar erros grosseiros e o mau gosto. Um exemplo seria dançar o miranimim em ritmo de *boogie-woogie*.

– Seria um erro?

– Seria de mau gosto.

Nicolas pôs sobre a mesa a *grapefruit* que havia depenado durante a conversa e passou as mãos na água fria.

– Está com pressa? – perguntou Colin.

– Meu Deus, não, senhor – disse Nicolas –, minha cozinha está em ordem.

– Então o senhor me faria um favor se me ensinasse esses rudimentos de miranimim – disse Colin. – Venha ao *living room*, vou pôr um disco.

– Recomendo um ritmo que crie uma atmosfera, no estilo de “Chloé”, no arranjo de Duke Ellington, ou do “Concerto para

Johnny Hodges”... – disse Nicolas. – Aquilo que, do outro lado do Atlântico, designamos por *moody* ou *sultry tune*.

7

– O princípio do miranimim – disse Nicolas –, que o senhor sem dúvida conhece, reside na produção de interferências por duas fontes animadas por um movimento oscilatório rigorosamente sincronizado.

– Eu ignorava – disse Colin – que a dança mobilizava elementos de física tão avançados.

– Nesse caso – disse Nicolas –, o dançarino e a dançarina se mantêm a uma distância bem curta um do outro e põem o corpo inteiro em ondulação segundo o ritmo da música.

– É? – disse Colin, meio nervoso.

– Produz-se então – disse Nicolas – um sistema de ondas estáticas que apresentam, como na acústica, nós e ventres, o que contribui para criar a atmosfera numa sala de dança.

– Certamente... – murmurou Colin.

– Os profissionais do miranimim – prosseguiu Nicolas – às vezes conseguem instalar campos de ondas parasitas ao pôr, separadamente, alguns de seus membros em vibração sincronizada. Não vou insistir, vou tratar de mostrar ao senhor como se faz.

Colin escolheu “Chloé”, como Nicolas havia recomendado, e o centralizou no prato da vitrola. Pousou delicadamente a ponta da agulha no fundo do primeiro sulco e olhou Nicolas entrar em vibração.

8

– O senhor vai conseguir! – disse Nicolas. – Mais um esforço.
– Mas por que – disse Colin, suando – fomos com uma música lenta? Fica muito mais difícil.

– Existe uma razão – disse Nicolas. – Em princípio, o dançarino e a dançarina se mantêm a uma distância média um do outro. Com música lenta, podemos conseguir regular a ondulação de tal maneira que o campo fixo se situe a meia altura dos dois parceiros: a cabeça e os pés, então, ficam móveis. É o resultado que teoricamente devemos obter. Acontece, e isso é lamentável, que pessoas pouco escrupulosas começaram a dançar o miranimim à maneira dos negros, em ritmo rápido.

– E o que isso quer dizer? – perguntou Colin.

– Quer dizer: com um campo móvel nos pés, um na cabeça e, infelizmente, um campo móvel intermediário na cintura, sendo as pontas fixas, ou pseudoarticulações, o esterno e os joelhos.

Colin ruborizou-se.

– Entendo – disse.

– Num *boogie* – concluiu Nicolas – o efeito é, para chamar as coisas pelo nome, tanto mais obsceno quanto mais obsessiva é a música, de modo geral.

Colin parecia devanear.

– Onde aprendeu o miranimim? – perguntou a Nicolas.

– Minha sobrinha me ensinou... – disse Nicolas. – Estabeleci a teoria completa do miranimim em conversas com meu cunhado. Ele é membro do Institut, como o senhor sem dúvida sabe, e não teve maiores dificuldades para pegar o método. Até disse que já tinha feito isso, dezenove anos atrás...

– A sua sobrinha tem dezoito anos? – perguntou Colin.

– E três meses... – corrigiu Nicolas. – Se o senhor não precisar mais de mim, vou voltar para cuidar da minha cozinha.

– Pode ir, Nicolas, e obrigado – disse Colin, pegando o disco que tinha acabado de parar.

9

“Vou vestir o meu terno bege, com camisa azul, gravata bege e vermelha, sapatos de camurça furadinha e meias vermelhas e bege.

“Primeiro vou fazer minha ablução, me barbear e me verificar.

“E vou perguntar a Nicolas em sua cozinha:”

– Nicolas, quer dançar comigo?

– Meu Deus – disse Nicolas –, se o senhor me pedir com insistência, irei, caso contrário, ficarei feliz em cuidar de certos negócios cuja urgência se faz imperativa.

– Seria indiscreto, Nicolas, pedir que o senhor aprofunde um pouco mais?

– Sou – disse Nicolas – presidente do Círculo Filosófico dos Criados do Bairro e, por conseguinte, me vejo obrigado a observar certa assiduidade às reuniões.

– Eu não me atreveria, Nicolas, a lhe perguntar o tema da reunião de hoje...

– Trataremos do engajamento. Um paralelo é traçado entre o engajamento segundo as teorias de Jean-Sol Partre, o engajamento ou reengajamento nas tropas coloniais e o engajamento, ou contratação de gajos, no trabalho doméstico.

– É o tipo da coisa que interessaria ao Chick! – disse Colin.

– Infeliz e lamentavelmente – disse Nicolas – o Círculo é bastante fechado. O Sr. Chick não seria aceito. Apenas empregados domésticos...

– Por que, Nicolas – perguntou Colin –, só se fala no plural?

– O senhor decerto haverá de notar – disse Nicolas – que enquanto “homem de casa” soa anódino, “mulher da casa” toma um significado notoriamente agressivo...

– Tem razão, Nicolas. Na sua opinião, devo encontrar a minha alma gêmea hoje?... Queria uma alma gêmea do tipo da sua sobrinha...

– O senhor faz mal em pensar na minha sobrinha – disse Nicolas –, pois parece, por fatos recentes, que o senhor Chick a escolheu primeiro.

– Mas, Nicolas – disse Colin –, tenho tanta vontade de me apaixonar...

Uma fumaça leve emanou do bico da chaleira e Nicolas foi abrir. O porteiro trazia duas cartas.

– Correio para mim? – disse Colin.

– Perdão, senhor – disse Nicolas –, mas as duas cartas são para mim. O senhor espera notícias?

– Queria que uma moça me escrevesse – disse Colin. – Queria muito.

– É meio-dia – concluiu Nicolas. – O senhor gostaria do seu desjejum? Temos rabada moída e tigela de especiarias com *croûtons* na manteiga de anchovas.

– Nicolas, por que o Chick não quer vir almoçar com a sua sobrinha se eu não convidar outra moça?

– Queira me desculpar – disse Nicolas –, mas eu faria o mesmo, senhor. O senhor certamente é um rapaz bem bonito...

– Nicolas – disse Colin –, se hoje à noite eu não estiver apaixonado de verdade, eu... eu vou colecionar as obras da duquesa de Bovuar, para concorrer com o meu amigo Chick.

10

– Queria estar apaixonado – disse Colin. – Você queria estar apaixonado. Ele queria idem (estar apaixonado). Nós, vós, queríamos, queríeis estar. Eles queriam igualmente se apaixonar...

Ele dava o nó na gravata em frente do espelho do banheiro.

– Resta-me vestir o meu paletó e o meu sobretudo, o meu cachecol e a minha luva direita e a minha luva esquerda. E nada de chapéu, para eu não me despentear. O que é que você está fazendo aqui?

Ele interpelava o camundongo cinza de bigodes pretos, que claramente não estava no lugar dele, mas no copo da escova de dentes, e até apoiava os cotovelos na borda do referido copo, com ar aéreo.

– Suponha – disse ele ao camundongo, sentando-se na borda da banheira (retangular, de esmalte amarelo) para se aproximar – que eu encontre, na casa dos Pontoasinino, meu velho amigo Coiso...

O camundongo aquiesceu.

– Suponha, por que não?, que ele tenha uma prima. Ela estaria com um suéter branco, uma saia amarela e se chamaria Al... Onésima...

O camundongo cruzou as patas e afetou surpresa.

– Não é um nome bonito – disse Colin. – Mas você é um camundongo e você bem que tem um bigode. E então?

Ele se levantou.

– Já são três horas. Olha como você me faz perder tempo. O Chick e... O Chick certamente vai chegar bem cedo.

Ele chupou o dedo e o ergueu sobre a cabeça. Baixou-o logo em seguida. Queimava como se estivesse dentro de um forno.

– O amor está no ar – concluiu. – Está esquentando.

– Eu me levanto, tu te, ele se levanta, nós, vós, eles, nos levantamos, vos levantais, se levantam. Quer sair do copo?

O camundongo provou que não precisava de ninguém saindo sozinho e cortando um pedaço de sabão em forma de pirulito.

– Não vai lambrecar tudo – disse Colin. – Como você é guloso!...

Ele saiu, foi até o quarto e vestiu o paletó.

– O Nicolas precisou sair... Deve conhecer garotas extraordinárias... Dizem que em Auteuil as meninas vão na casa dos filósofos para trabalhar como empregadas dispostas a fazer de tudo...

Fechou a porta do quarto.

– O forro da manga esquerda está meio rasgado... Não tenho mais fita isolante... Paciência, vou pôr um prego.

A porta fechou atrás dele com o barulho de uma mão nua sobre uma nádega nua... Isso o fez estremecer...

– Queria pensar em outra coisa... Suponha que eu arrebente a fuça na escada...

O tapete da escada, de um violeta bem claro, só estava gasto de três em três degraus: na verdade, Colin sempre descia de quatro em quatro. Ele tropeçou numa peça de metal e espatifou-se no corrimão.

– É para eu aprender a falar besteira. Bem feito. Eu, tu, sou, ele é burro!...

Estava com dor nas costas. Ao chegar embaixo, entendeu por quê, e puxou uma vara de metal inteira da gola do sobretudo.

A porta externa se fechou atrás dele com o barulho de um beijo num ombro nu...

– O que é que tem para ver nesta rua?

Havia, no primeiro plano, dois operários jogando amarelinha. A barriga do mais gordo saltava no contratempo de seu proprietário. No lugar da pedrinha, usavam um crucifixo pintado de vermelho ao qual faltava a cruz.

Colin passou por eles.

À direita, à esquerda, subiam belas construções de taipa com janelas-guilhotina. Uma mulher se espichava pela janela. Colin mandou-lhe um beijo e ela sacudiu na cabeça dele o tapetinho de flanela escuro e prata que o marido detestava.

Lojas alegravam o aspecto cruel dos grandes prédios. Uma estalagem de suprimentos para faquires reteve a atenção de Colin. Ele notou a alta dos preços da salada de vidro e dos pregos para estofar, em relação à semana passada.

Passou por um cachorro e duas outras pessoas. O frio mantinha as pessoas em casa. Os que conseguiam se livrar das suas garras deixavam farrapos de roupas e morriam de angina.

O policial, na encruzilhada, tinha escondido a cabeça debaixo do poncho. Mais parecia um enorme guarda-chuva preto. Garçons faziam a ronda em torno dele para se aquecer.

Dois namorados se beijavam sob um pórtico.

“Não quero vê-los... Não, não quero vê-los... Eles me aborrecem...”

Colin atravessou a rua. Dois namorados se beijavam sob um pórtico.

Ele fechou os olhos e começou a correr...

Abriu-os sem demora, pois enxergava, sob as pálpebras, montes de garotas, e isso o fazia se perder. Havia uma diante dele. Ia na mesma direção. Viam-se suas belas pernas em botinhas de carneiro branco, o sobretudo de pele de brucutu envelhecida, combinando com o chapéu. Cabelos ruivos debaixo do chapéu. O sobretudo dava-lhe ombros largos e dançava em torno dela.

“Queria ultrapassá-la. Queria ver a cara dela...”

Ele a ultrapassou e começou a chorar. Tinha pelo menos cinquenta e nove anos. Sentou-se no meio-fio e chorou mais. Isso o consolou bastante, e as lágrimas congelavam num pequeno estalo e se quebravam no granito liso da calçada.

Ele se deu conta, ao fim de cinco minutos, de que se encontrava em frente à casa de Isis Pontoasinino. Duas garotas passaram por perto dele e entraram no vestíbulo.

Seu coração se inchou desmesuradamente, tornou-se leve, levantou-o do chão, e ele entrou atrás delas.

11

Do primeiro andar, começava-se a ouvir o vago rebuliço da reunião na casa dos pais de Isis. A escada girava três vezes sobre si mesma e amplificava os sons em suas grades, feito as aletas no ressonador cilíndrico de um vibrafone. Colin subia com o nariz no salto das duas garotas. Belos saltos reforçados, de nylon cor de carne, sapatos altos de couro fino e tornozelos delicados. Depois, a costura das meias, ligeiramente franzidas, feito compridas lagartas, e os buracos articulados do engate dos joelhos. Colin parou e perdeu dois degraus. Retomou. Agora, via o alto das meias da da esquerda, a dupla espessura das tramas e a brancura sombreada da coxa. A saia da outra, plissada, não permitia o mesmo divertimento, mas, debaixo do sobretudo de pele de castor, suas ancas eram mais graciosas que as da primeira, formando uma pequena dobra quebrada alternativa. Colin olhou para os pés dela, por decência, e os viu parar no segundo andar.

Seguiu as duas garotas, para quem uma criada acabara de abrir.

– Olá, Colin – disse Isis. – Como vai?

Ele a puxou e a beijou perto do cabelo. Ela tinha um cheiro bom.

– Mas não é o meu aniversário! – protestou Isis. – É do Dupont!...

– Cadê o Dupont? Minhas congratulações!...

– É asqueroso – disse Isis. – Hoje de manhã, nós o levamos ao tosador, para ficar bonito. Demos banho e tudo, e, às duas horas, três amigos dele chegaram com um quarto que era só pele e osso, e o levaram embora. Com certeza vai voltar num estado terrível!...

– Mas é aniversário dele – observou Colin.

Ele via, pela fresta da porta dupla, os rapazes e as garotas. Uma dúzia deles dançava. De pé e um ao lado do outro, a maioria estava com as mãos nas costas, em pares do mesmo sexo, e trocava impressões nada convincentes com ar nada convencido.

– Tire o casaco – disse Isis. – Venha, vou levá-lo à chapelaria masculina.

Ele a seguiu, cruzando no caminho duas outras garotas que saíam, com o rumor das bolsas e dos estojos de maquiagem, do quarto de Isis, transformado em chapelaria feminina. Do teto pendiam ganchos emprestados pelo açougueiro, e, para ficar bonito, Isis também pegou emprestadas duas cabeças de ovelha muito limpinhas que sorriam no alto das fileiras de casacos.

A chapelaria masculina, instalada no escritório do pai de Isis, consistia na supressão dos móveis do mesmo. Jogavam-se os casacos no chão e a fatura estava liquidada. Colin não se furtou e demorou-se diante de um espelho.

– Vamos lá, venha – Isis impacientou-se. – Vou lhe apresentar umas garotas que são puro charme.

Ele a puxou pelos dois punhos.

– O seu vestido é encantador – ele disse.

Era um vestidinho simples, de lã verde-amêndoa com grandes botões de cerâmica dourada e uma grelha de ferro fundido formando o acabamento das costas.

– Gostou? – disse Isis.

– É muito encantador – disse Colin. – Posso enfiar a mão por entre as barras sem ser mordido?

– Não seja tão confiante – disse Isis.

Ela se desvencilhou, pegou Colin pela mão e o levou até o centro de sudação. Empurraram dois recém-chegados do sexo pontudo, se esquivaram pela curva do corredor e ganharam o núcleo central pela porta da sala de jantar.

– Veja só! – disse Colin. – A Alise e o Chick já chegaram?

– Já – disse Isis. – Venha, vou lhe apresentar para...

A média das garotas era apresentável. Uma delas estava de vestido de lã verde-amêndoa, com grandes botões de cerâmica dourada e, nas costas, um acabamento de formato peculiar.

– Apresente-me principalmente àquela ali – disse Colin. Isis o sacudiu para que ele ficasse mais tranquilo.

– Vai se comportar ou não?...

Ele já estava de olho em outra e puxava a mão de sua guia.

– Este é o Colin – disse Isis. – Esta é a Chloé.

Colin engoliu saliva. Sua boca lhe causava algo como uma coceira de fritura queimada.

– Oi!... – disse Chloé.

– O... O seu arranjo é o do Duke Ellington?... – perguntou Colin. E escapuliu, na certeza de ter falado besteira.

Chick pegou-o pela ponta do paletó.

– Onde é que você vai desse jeito? Não vai embora, não é? Olha aqui!...

Tirou do bolso um livrinho com encadernação vermelha.

– É o original de *Paradoxo sobre o vômito*, do Partre...

– Você acabou encontrando? – disse Colin.

Depois lembrou que estava fugindo e fugiu.

Alise interrompeu-lhe o caminho.

– Então o senhor vai embora sem ter dançado nem uma vez comigo? – disse ela.

– Perdão – disse Colin –, mas acabo de agir como um idiota, e ficar aqui me incomoda.

– No entanto, vendo o senhor assim, sou obrigada a aceitar...

– Alise – choramingou Colin, abraçando-a e esfregando a bochecha nos cabelos de Alise.

– O quê, meu velho Colin?

– Zut... Zut... e Blam!... Peste diabo demônio. Está vendo a garota ali?...

– A Chloé?...

– Conhece?... – disse Colin. – Falei uma estupidez para ela, e por isso estava indo embora.

Ele não acrescentou que, no interior do seu tórax, era como se tocasse uma marcha militar alemã, só se ouvia o bumbo.

– Não é verdade que ela é bonita? – perguntou Alise.

Chloé tinha os lábios vermelhos, o cabelo castanho, um jeito feliz, e nada disso era por causa do vestido.

– Eu não me atreveria! – disse Colin.

Então largou Alise e foi tirar Chloé para dançar. Ela olhou para ele. Riu e pôs a mão direita no ombro dele. Ele sentia o frescor dos dedos em seu pescoço. Reduziu o espaço entre seus corpos por meio de um encolhimento do bíceps direito, transmitido, pelo cérebro, por um par de nervos cranianos judiciosamente selecionado.

Chloé o olhou mais. Tinha olhos azuis. Fez um meneio com a cabeça para jogar para trás o cabelo crespo e brilhante, e aplicou, num gesto firme e determinado, a têmpora sobre a bochecha de Colin.

Fez-se um abundante silêncio ao redor, e era como se a maior parte do resto do mundo não valesse nem um tostão.

Mas, como era de esperar, o disco parou. Só então Colin voltou à verdadeira realidade e percebeu que no teto havia uma claraboia, através da qual os locatários do andar de cima observavam; que uma espessa franja de lírio-amarelo escondia a parte de baixo das paredes; que gases de diversas cores escapavam de aberturas aqui e ali, e que sua amiga Isis estava diante dele e lhe oferecia quitutes numa travessa de mão dupla.

– Obrigada, Isis – disse Chloé, sacudindo os cachos.

– Obrigado, Isis – disse Colin, pegando uma minibomba de efeito moral.

– Você está enganada – disse ele a Chloé. – Estão ótimas.

E depois tossiu, pois tinha engolido, por azar, um espinho de ouriço escondido no quitute.

Chloé deu risada mostrando seus belos dentes.

– O que foi?

Ele precisou soltá-la e se afastou para tossir à vontade, e afinal a tosse passou. Chloé se aproximou com duas taças.

– Tome isto que passa – disse ela.

– Obrigado – disse Colin. – É champanhe?

– Uma mistura.

Ele deu uma bela talagada e engasgou. Chloé não se aguentava de dar risada. Chick e Alise se aproximaram.

– O que é que há? – perguntou Chick.

– Ele não sabe beber! – disse Chloé.

Alise deu uns tapinhas nas costas dele, que soaram como um gongo de Bali. Nisso, todos pararam de dançar e passaram à mesa.

– Pronto – disse Chick. – Estamos tranquilos. E se a gente pusesse um bom disco?...

Ele piscou para Colin.

– E se a gente dançasse um miranimim? – propôs Alise.

Chick fuçava na pilha de discos perto da vitrola.

– Dança comigo, Chick – disse Alise.

– Tá – disse Chick –, estou pondo um disco.

Era um *boogie-woogie*.

Chloé esperava.

– Mas vocês vão dançar o miranimim ao som disso aí?... – disse Colin, horrorizado.

– Por que não?... – perguntou Chick.

– Não olhe para isso – disse Colin a Chloé.

Ele inclinou a cabeça de leve e a beijou entre a orelha e o ombro. Ela tremeu, mas não tirou a cabeça.

Colin também não retirou seus lábios.

Alise e Chick, enquanto isso, se entregavam a uma notável demonstração de miranimim em estilo negro.

O disco terminou rápido. Alise se soltou de Chick e foi ver o que pôr em seguida. Chick desabou num divã. Colin e Chloé estavam diante dele. Ele os pegou pela perna e os fez cair a seu lado.

– E então, meus cordeirinhos – disse ele –, na paz?

Colin sentou-se e Chloé se aninhou confortavelmente perto dele.

– Essa garota é bacana, hein? – disse Chick.

Chloé sorriu. Colin não disse nada, mas passou o braço por trás do pescoço de Chloé e, como quem não quer nada, começou a brincar com o primeiro botão do vestido dela, que se abria pela frente.

Alise estava de volta.

– Vai para lá, Chick, quero ficar entre o Colin e você.

Ela escolheu o disco direitinho. Era “Chloé”, no arranjo de Duke Ellington. Colin mordiscava o cabelo de Chloé perto da orelha. Murmurou:

– É exatamente você.

E, sem que Chloé tivesse tempo de responder, todos os demais foram dançar, ao perceber que não era a hora de ir para a mesa.

– Oh!... – disse Chloé – Que pena!...

12

– Você vai encontrá-la de novo? – perguntou Chick.

Eles estavam à mesa, diante da última criação de Nicolas, uma abóbora com nozes.

– Não sei – disse Colin. – Não sei o que fazer. Você sabe que ela é uma garota muito educada. Da última vez, na casa da Isis, estava tomando champanhe...

– O que lhe caiu muito bem – disse Chick. – Ela é linda. Não precisa fazer essa cara!... Imagina que hoje eu encontrei uma edição de *Escolha preliminar antes do engulho*, do Partre, em papel higiênico não picotado...

– Mas onde você arranja esse dinheiro todo? – quis saber Colin.

Chick murchou.

– Custa caríssimo, mas não vivo sem – disse ele. – Preciso de Partre. Sou um colecionador. Preciso de tudo o que ele produziu.

– Mas ele não para de produzir – disse Colin. – Publica pelo menos cinco artigos por semana...

– Sei muito bem – disse Chick.

Colin o fez repetir a abóbora.

– Como é que eu vou conseguir ver a Chloé de novo? – disse.

Chick olhou para ele e sorriu.

– É verdade – disse. – Estou te enchendo com o meu papo de Jean-Sol Partre. Queria te ajudar... O que devo fazer?...

– É horrível – disse Colin. – Estou ao mesmo tempo desesperado e terrivelmente feliz. Nesse ponto, é muito agradável ter vontade de alguma coisa.

– Eu queria – continuou ele – estar deitado na grama meio queimada, com a terra seca e sol, sabe, grama amarela que nem

palha, estalando, com uma porção de bichos e musgo. A gente se deita de bruços e olha. Não pode faltar uma sebe com pedras e árvores retorcidas e folhinhas. Faz um bem danado.

– E a Chloé? – disse Chick.

– E a Chloé, naturalmente – disse Colin. – A Chloé na cabeça.

Eles ficaram calados por alguns instantes. Uma jarra aproveitou para emitir um som cristalino que repercutiu nas paredes.

– Bebe mais um pouco de Sauternes – disse Colin.

– Certo – disse Chick. – Obrigado.

Nicolas trazia o próximo prato, pão de abacaxi ao creme de laranja.

– Obrigado, Nicolas – disse Colin. – Na sua opinião, o que posso fazer para ver de novo uma garota pela qual me apaixonei?

– Meu Deus, senhor – disse Nicolas –, o caso é bem possível de acontecer... Confesso que nunca ocorreu comigo, senhor.

– É claro – disse Chick. – Você mais parece um Johnny Weissmuller. Mas não é a regra!

– Sou grato por essa apreciação, que é tocante – disse Nicolas. – Recomendo que o senhor – prosseguiu ele, dirigindo-se a Colin – se esforce para recolher, pelo intermédio da pessoa em cuja casa o senhor encontrou a pessoa cuja presença parece lhe fazer falta, determinadas informações sobre os hábitos e amizades desta última.

– Apesar do seu tom pomposo – disse Colin –, acredito, Nicolas, que de fato aí está uma possibilidade. Mas o senhor sabe, quando estamos apaixonados, ficamos idiotas. Foi por isso que eu não disse ao Chick que pensei nisso faz um bom tempo.

Nicolas voltou a sua cozinha.

– Esse rapaz não tem preço – disse Colin.

– É – disse Chick –, ele sabe cozinhar.

Beberam mais Sauternes. Nicolas estava de volta, com um enorme bolo nas mãos.

– É uma sobremesa suplementar – disse.

Colin pegou uma faca e se deteve no momento de inaugurar a superfície brilhante.

– Está bonito demais – disse. – Vamos esperar um pouco.

– A espera – disse Chick – é um prelúdio em modo menor.

– O que te faz dizer uma coisa dessas? – disse Colin.

Ele pegou o copo de Chick e o encheu com um vinho dourado, denso e móbil como o éter pesado.

– Não sei – disse Chick. – É um pensamento inopinado.

– Experimenta! – disse Colin.

Juntos, eles esvaziaram as taças.

– É sensacional!... – disse Chick, cujos olhos começaram a brilhar com fogos alternados e avermelhados.

Colin estava com a mão no peito.

– É melhor que isso – disse ele. – Não se parece com nada conhecido.

– Isso não tem a menor importância – disse Chick. – Você também não se parece com nada conhecido.

– Tenho certeza – disse Colin – que, se bebermos bastante, a Chloé virá logo em seguida.

– Isso não foi provado! – disse Chick.

– Não me provoca! – disse Colin estendendo a sua taça.

Chick encheu as duas taças.

– Espera! – disse Colin.

Ele apagou a luz central e a luminária que iluminava a mesa. Só brilhava num canto a luz verde do ícone escocês diante do qual Colin meditava sobre trivialidades.

– Oh!... – murmurou Chick.

No cristal, o vinho luzia num brilho fosforescente e incerto, que mais parecia saído de uma miríade de pontos luminosos de todas as cores.

– Bebe! – disse Colin.

Eles beberam. O luar ficava nos lábios deles. Colin reacendeu. Parecia hesitar em ficar de pé.

– Não deu nem pro cheiro – disse ele. – Acho que podemos acabar com a garrafa.

– E se a gente cortasse o bolo? – disse Chick.

Colin pegou uma faca de prata e começou a traçar uma espiral na brancura polida do bolo. Parou de repente e olhou sua obra com espanto.

– Vou tentar uma coisa – disse ele.

Apanhou uma folha de azevinho no buquê que estava em cima da mesa e pegou o bolo com uma das mãos. Girando-o rápido na ponta do dedo, pousou, com a outra mão, uma das pontas da folha na espiral.

– Escuta!... – disse.

Chick escutou. Era “Chloé”, no arranjo de Duke Ellington.

Chick olhou para Colin. Estava completamente pálido.

Chick pegou a faca de suas mãos e cravou no bolo num gesto firme. Ele se partiu em dois, e, lá dentro, havia um novo artigo de Partre para Chick e, para Colin, um encontro com Chloé.

13

Colin, de pé na esquina da praça, esperava Chloé. A praça era redonda e havia uma igreja, pombos, um jardim, bancos e, em frente, carros e ônibus no macadame. O sol também esperava Chloé, mas podia se divertir fazendo sombras, fazendo germinar sementes de feijão selvagem nos interstícios adequados, fazendo escancarar as janelas e envergonhando um poste de iluminação aceso em razão de inconsciência da parte de um lumifuncionário.

Colin enrolava a borda de suas luvas e preparava sua primeira frase. Esta se modificava mais e mais depressa à medida que a hora se aproximava. Ele não sabia o que fazer com Chloé. Talvez levá-la a um salão de chá, mas em geral a atmosfera ali é mais para deprimente, e as senhoras gluttonas de quarenta anos que comem sete doces de creme com o dedinho levantado – disso ele não gostava. Ele só concebia a gluttonaria para os homens, nos quais ela ganha todo o sentido sem retirar-lhes sua dignidade natural. Não no cinema, isso ela não aceitaria. Não no deputódromo, ela não gostaria. Não nas corridas de bezerros, ela vai ficar com medo. Não no hospital Saint-Louis, é proibido. Não no museu do Louvre, está cheio de tarados atrás dos querubins assírios. Não na estação Saint-Lazare, só tem carrinhos de mão e nenhum trem.^[3]

– Olá!...

Chloé tinha chegado por trás. Muito rápido, ele tirou a luva, se enroscou lá dentro, deu-se um belo soco no nariz, fez “ui!...” e apertou a mão dela. Ela riu.

– Você parece bem atrapalhado!...

Um casaco de pele com pelos longos, da cor do cabelo dela, e um chapeuzinho também de pele, e botinhas curtas forradas de

pele.

Ela pegou Colin pelo braço.

– Me dê o seu braço. Hoje você não está atrevido!...

– Da última vez foi melhor – confessou Colin.

Ela continuou a rir e olhou para ele e riu de novo, ainda melhor.

– Está zombando da minha cara – disse Colin em tom misericordioso. – Não é caridoso de sua parte.

– Está contente em me ver? – disse Chloé.

– Estou!... – disse Colin.

Eles caminhavam seguindo a primeira calçada que apareceu. Uma nuvenzinha rosa desceu dos ares e se aproximou deles.

– Vou até aí! – propôs ela.

– Pode vir! – disse Colin.

E a nuvem os envolveu. Lá dentro estava quente e cheirava a açúcar com canela.

– Ninguém consegue nos ver!... – disse Colin. – Mas nós conseguimos vê-los!...

– É meio transparente – disse Chloé. – Cuidado.

– Não tem problema, a gente se sente melhor mesmo assim – disse Colin. – O que quer fazer?...

– Só passear... Isso o entedia?

– Conte-me coisas, então...

– Não sei coisas o suficiente – disse Chloé. – Podemos olhar as vitrines. Veja esta!... Interessante.

Na vitrine, uma mulher bonita repousava sobre um colchão de molas. Seu peito estava nu e um aparelho escovava-lhe os seios para o alto, com compridas e sedosas escovas de um pelo branco e fino. O cartaz apregoava: *Economize seus sapatos com o antípoda do reverendo Charles.*

– É uma boa ideia – disse Chloé.

– Mas não tem nada a ver!... – disse Colin. – Com a mão, é bem mais agradável.

Chloé ruborizou-se.

– Não diga coisas assim. Não gosto de rapazes que dizem horrores na frente das moças.

– Sinto muito... – disse Colin. – Eu não queria...

Ele parecia tão penalizado que ela sorriu e o sacudiu de leve para mostrar que não se ofendera.

Em outra vitrine, um homem gordo, de avental de açougueiro, degolava crianças. Era uma vitrine de propaganda da Assistência Pública.

– Veja só onde o dinheiro vai parar – disse Colin. – Deve ser terrivelmente caro limpar isso toda tarde.

– Não são de verdade!... – disse Chloé, alarmada.

– Como dá para saber? – disse Colin. – Criança é o que não falta na Assistência Pública...

– Não gosto disso – disse Chloé. – Antes, não se viam vitrines de propaganda como essas. Não acho que seja um progresso.

– Não importa – disse Colin. – Só funciona para os que já acreditam nessas imbecilidades.

– E isso aqui?... – disse Chloé.

Na vitrine havia uma barriga com rodinhas de borracha, bem redonda e empinada. No cartaz, lia-se: *A sua também não terá dobras se for passada com Ferro Elétrico.*

– Mas eu conheço essa barriga!... – disse Colin. – É do Serge, meu ex-cozinheiro!... O que será que ele está fazendo aqui?

– Não importa – disse Chloé. – Também não precisa fazer um tratado sobre essa barriga. É gorda até demais, aliás...

– É que ele sabia cozinhar!

– Vamos embora – disse Chloé. – Não quero mais ver vitrine, isso me desagrada.

– O que vamos fazer? – disse Colin. – Vamos tomar um chá em algum lugar?

– Oh!... Não é o momento... E, além do mais, não gosto muito.

Colin respirou aliviado e seu suspensório se rompeu.

– O que foi esse barulho?

– Pisei num galho seco – explicou Colin, ruborizando-se.

– E se a gente fosse passear no bosque? – disse Chloé.

Colin olhou para ela, encantado.

– Ótima ideia. Lá não vai ter ninguém.

Chloé ruborizou-se.

– Não é para isso. Aliás – acrescentou ela, para se vingar –, não vamos sair das aleias maiores, para não molhar os pés.

Ele apertou de leve o braço que sentia debaixo do seu.

– Vamos pegar o subterrâneo – disse ele.

O subterrâneo era bordejado dos dois lados por uma fileira de viveiros de grandes dimensões, nas quais os Arrumadores Urbanos estocavam pombos sobressalentes para as Praças e Monumentos. Também havia gaiolas com pardais e pios de pardaizinhos. As pessoas não iam muito lá embaixo porque as asas daqueles pássaros faziam uma corrente de ar terrível, na qual revoavam penugens brancas e azuladas.

– Eles nunca param de se remexer? – disse Chloé, segurando o chapéu para que ele não voasse.

– Não são sempre os mesmos o tempo todo – disse Colin.

Ele lutava com as abas do sobretudo.

– Vamos passar logo os pombos, os pardais fazem menos vento – disse Chloé, abraçando Colin.

Eles se apressaram e saíram da zona perigosa. A nuvenzinha não os tinha seguido. Pegou um atalho e foi esperá-los já na outra ponta.

14

O banco parecia meio molhado e verde-escuro. Apesar disso, aquela aleia não era muito frequentada, e até que eles não estavam mal.

– Não está com frio? – perguntou Colin.

– Não com essa nuvem – disse Chloé. – Mas... queria chegar perto mesmo assim.

– Oh!... – disse Colin, e ruborizou-se.

Isso lhe causou uma sensação estranha. Ele pôs o braço em torno da cintura de Chloé. O chapéu dela estava inclinado para o outro lado e ele tinha, bem perto dos lábios, uma torrente de cabelos lustrosos.

– Gosto de estar com você – disse ele.

Chloé não disse nada. Respirou um pouco mais rápido e se aproximou imperceptivelmente.

Colin falava com ela quase na orelha.

– Não está entediada? – perguntou.

Ela fez que não com a cabeça, e com o movimento Colin conseguiu se aproximar mais.

– Eu... – disse ele, bem perto da orelha dela, e nesse momento, como que por engano, ela virou a cabeça e Colin beijou seus lábios. Não durou muito; mas, na vez seguinte, foi bem melhor. Então ele enfiou o rosto no cabelo de Chloé e eles ficaram ali, sem dizer nada.

15

– Gentileza sua ter vindo, Alise – disse Colin. – Mas vai ser a única mulher...

– Não tem problema – disse Alise. – O Chick topou.

Chick aprovou. Mas, para falar a verdade, a voz de Alise não estava inteiramente alegre.

– A Chloé não está em Paris – disse Colin. – Foi passar três semanas no sul, com uns relativos.

– Ah! – disse Chick –, você deve estar muito triste.

– Nunca estive tão feliz! – disse Colin. – Gostaria de anunciar para vocês o meu noivado com ela...

– Felicidades – disse Chick.

Ele evitava olhar para Alise.

– O que é que há com vocês dois? – disse Colin. – Não parece que as coisas andam lá muito bem.

– Nada, não – disse Alise. – O Chick é que é um bobo.

– Nada disso – disse Chick. – Não dê ouvidos a ela, Colin... Não tem nada, não.

– Vocês estão dizendo a mesma coisa, mas não concordam – disse Colin –, logo, um dos dois está mentindo, ou então os dois. Venham, vamos jantar agora mesmo.

Eles foram para a sala de jantar.

– Sente-se, Alise – disse Colin. – Venha aqui ao meu lado, diga-me o que é que há.

– O Chick é um bobo – disse Alise. – Ele disse que eu estou errada em ficar com ele, porque ele não tem dinheiro para me fazer viver bem e tem vergonha de não casar comigo.

– Sou um canalha – disse Chick.

– Não sei o que dizer – disse Colin.

Ele estava tão feliz que isso acabava deixando-o imensamente penalizado.

– Não é, de jeito nenhum, o dinheiro – disse Chick. – É que os pais da Alise nunca vão querer que eu case com ela, e estarão certos. Tem uma história assim num dos livros do Partre.

– É um livro excelente – disse Alise. – Não leu, Colin?

– Aí está, vocês são assim mesmo – disse Colin. – Tenho certeza que o dinheiro de vocês vai embora nisso aí.

Chick e Alise abaixaram a cabeça.

– A culpa é minha – disse Chick. – A Alise não gasta mais nada com o Partre. Ele quase não mexe mais com isso desde que foi morar comigo.

A voz dele continha uma reprovação.

– Gosto mais de você do que do Partre – disse Alise.

Ela já ia quase chorando.

– Você é legal – disse Chick. – Eu não te mereço. Mas colecionar Partre é o meu vício, e infelizmente um engenheiro não pode se permitir ter tudo.

– Sinto muito – disse Colin. – Quero que tudo dê certo para vocês. Vocês deveriam abrir o guardanapo.

Debaixo do guardanapo de Chick, havia um exemplar encadernado do *Vômito* e, debaixo do de Alise, uma grossa aliança de ouro em forma de náusea.

– Oh!... – disse Alise.

Ela passou o braço por trás do pescoço de Colin e o beijou.

– Você é um cara bacana – disse Chick. – Não sei como te agradecer; aliás, você sabe que não posso te agradecer do jeito que gostaria...

Colin se sentiu um pouco reconfortado. E Alise realmente estava uma beleza naquela noite.

– Qual é o seu perfume? – disse ele. – O da Chloé é uma essência de orquídea bidestilada.

– Não uso perfume – disse Alise.

– É natural – disse Chick.

– É maravilhoso!... – disse Colin. – Você cheira a floresta, com um riacho e coelhinhos.

– Fale-nos de Chloé!... – disse Alise, lisonjeada.

Nicolas trouxe a entrada.

– Oi, Nicolas – disse Alise. – Tudo bem?

– Sim, tudo bem – disse Nicolas.

Ele apoiou a bandeja na mesa.

– Não vai me dar um beijo? – disse Alise.

– Não se incomode, Nicolas – disse Colin. – De fato, o senhor me daria um grande prazer se jantasse conosco...

– Ah! Isso... – disse Alise. – Janta com a gente.

– O senhor está me cobrindo de confusão – disse Nicolas. – Não posso me sentar à mesa com estas vestes...

– Ouça, Nicolas – disse Colin. – Vá trocar de roupa se quiser, mas ordeno que jante conosco.

– Obrigado, senhor – disse Nicolas. – Vou trocar de roupa.

Ele deixou a bandeja na mesa e saiu.

– E então – disse Alise –, e a Chloé?

– Sirva-se – disse Colin. – Não sei o que é, mas deve estar bom.

– Assim você nos mata de vontade!... – disse Chick.

– Vou casar com a Chloé daqui a um mês – disse Colin. – E eu queria tanto que fosse amanhã!...

– Oh! – disse Alise –, você tem sorte.

Colin tinha vergonha de ser tão rico.

– Escuta, Chick – disse –, quer meu dinheiro?

Alise olhou para Colin com ternura. Ele era tão gentil que dava para ver os pensamentos azuis e violeta fervilhando nas veias de suas mãos.

– Acho que não vai adiantar – disse Chick.

– Você poderia casar com a Alise – disse Colin.

– Os pais dela não querem – respondeu Chick –, e eu não queria que ela ficasse zangada com eles. Ela é muito nova...

– Não sou tão nova assim – disse Alise, se empinando na banqueta capitonê para valorizar o peito provocante.

– Não é isso que ele está querendo dizer!... – interrompeu Colin. – Escuta, Chick, tenho cem mil dobrezões, te dou um quarto disso e você vai poder viver com tranquilidade. Vai continuar a trabalhar e, desse jeito, vai dar tudo certo.

– Jamais vou conseguir te agradecer o suficiente – disse Chick.

– Não me agradeça – disse Colin. – O que me interessa não é a felicidade de todos os homens, mas a de cada um.

Tocaram a campainha.

– Vou abrir – disse Alise. – Sou a mais nova, é você quem diz...

Ela se levantou e seus pés entraram em atrito miúdo com o tapete suave.

Era Nicolas descendo pela escada de serviço. Estava de volta, agora, com um sobretudo de espesso tecido espinha-de-peixe bege e verde e com um chapéu de feltro americano extrabaixo. Usava luvas de porco despossuído, sapatos de gavial consistente e, assim que tirou o sobretudo, apareceu em todo o seu esplendor o paletó de veludo marrom com costas de marfim e a calça azul-petróleo com barra dobrada de cinco dedos mais o polegar.

– Oh! – disse Alise. – Como você está *smart*!...

– Tudo bem, minha sobrinha? Sempre linda?...

Ele acariciou-a no colo e nas ancas.

– Vem para a mesa – disse Alise.

– Oi, pessoal! – disse Nicolas ao entrar.

– Até que enfim! – disse Colin. – Resolveu falar normalmente!...

– Claro! – disse Nicolas. – Também posso! Mas me digam – prosseguiu ele –, e se a gente se tratasse sem cerimônia, nós quatro?

– Eu topo – disse Colin. – Senta aí.

Nicolas sentou-se na frente de Chick.

– Pega a entrada – disse este último.

– Pessoal – concluiu Colin –, será que vocês querem ser os meus pajens?

– Combinado – aquiesceu Nicolas. – Mas nada de nos arranjar umas garotas horríveis, hein? O golpe é clássico, bem manjado...

– Meu plano é convidar a Alise e a Isis para serem as damas de honra – disse Colin –, e os irmãos Desmaret para serem os pederastas de honra.

– Combinado! – disse Chick.

– Alise – retomou Nicolas –, vai até a cozinha e pega o prato que está no forno. Já deve estar pronto.

Ela seguiu as instruções de Nicolas e levou a travessa de prata maciça. E, assim que Chick levantou a tampa, eles viram lá dentro dois figurinos esculpidos em *foie gras*, representando Colin de fraque e Chloé de vestido de noiva. Ao redor, lia-se a data do casamento e, num canto, a assinatura: *Nicolas*.

16

Colin corria na rua.

“Vai ser um casamento lindo... Amanhã, amanhã de manhã. Todos os meus amigos vão estar lá...”

A rua levava a Chloé.

“Chloé, os seus lábios são doces. Você tem uma tez de fruta. Os seus olhos olham como se deve olhar, e seu corpo me dá calor...”

Bolinhas de gude rolavam pela rua e crianças iam correndo atrás.

“Vou precisar de meses e meses até me saciar com os beijos que vou te dar. Vou precisar de anos e de meses para esgotar os beijos que quero distribuir em você, nas mãos, no cabelo, nos olhos, no pescoço...”

Ali estavam três garotinhas que cantavam uma cantiga de roda redondinha e dançavam em triângulo.

“Chloé, queria sentir os seus seios no meu peito, as minhas mãos cruzadas em cima de você, os seus braços em torno do meu pescoço, a sua cabeça perfumada na cavidade do meu ombro, e a sua pele palpitante, e o cheiro que vem de você...”

O céu estava claro e azul, o frio ainda vivo, porém menos. As árvores, escuras, mostravam, na ponta de sua madeira baça, brotos verdes e inchados.

“Quando está longe de mim, eu a vejo naquele vestido, com botões de prata, mas quando foi que você o vestiu? Não, não na primeira vez. Foi no dia do encontro, debaixo do seu sobretudo pesado e macio, você estava com ele contra o seu corpo.”

Ele empurrou a porta da loja e entrou.

– Queria montanhas de flores para Chloé – disse.

– Quando devemos entregar? – perguntou a florista.

Ela era jovem e frágil, e tinha as mãos vermelhas. Adorava flores.

– Leve amanhã de manhã, e depois leve também em minha casa. Que as flores estejam em toda parte no nosso quarto, lírios, gladiolos brancos, rosas e montes de outras flores brancas, e também ponha, principalmente, rosas vermelhas, um buquê dos grandes...

17

Os irmãos Desmaret estavam se vestindo para o casamento. Vira e mexe eles eram convidados como pederastas de honra, pois tinham boa apresentação. Eram gêmeos. O mais velho se chamava Coriolano. Tinha o cabelo preto e crespo, a pele branca e macia, um ar virginal, o nariz arrebitado e olhos azuis por trás dos longos cílios amarelos.

O mais novo, chamado Pégaso, oferecia aspecto semelhante, exceto pelos cílios verdes, o que bastava para distinguir um do outro. Abraçaram a carreira de pederastas por gosto e necessidade, mas, como eram bem pagos como pederastas de honra, quase já não trabalhavam mais, e infelizmente esse ócio funesto os empurrava, vez por outra, ao vício. Foi assim que, na véspera, Coriolano se comportou mal com uma moça. Pégaso o repreendia com severidade, massageando a pele dos quadris com pasta de amêndoa macho, diante do grande espelho de três faces.

– E que horas você chegou, hein? – disse Pégaso.

– Já nem sem mais – disse Coriolano. – Me deixa. Vai cuidar dos seus quadris.

Coriolano depilava a sobrancelha por meio de uma pinça de forcipressão.

– Você é obsceno! – disse Pégaso. – Uma garota!... Se a sua tia te visse!...

– Oh!... Então você nunca fez? Hein? – disse Coriolano, ameaçador.

– Quando? – disse Pégaso, já meio nervoso.

Ele interrompeu a massagem e fez alguns movimentos de relaxamento em frente ao espelho.

– Chega – disse Coriolano –, não vou insistir. Não quero te deixar com a cara no chão. Vem aqui e abotoa a minha cueca.

Eles tinham cuecas especiais, com braguilhas atrás, difíceis de fechar sozinho.

– Ah! – zombou Pégaso –, tá vendo! Você não pode falar nada!...

– Chega, já disse! – repetiu Coriolano. – Hoje o casamento é de quem?

– Do Colin e da Chloé – disse o irmão, com cara de nojo.

– Por que esse tom? – perguntou Coriolano. – O cara é legal.

– Tá, é legal – disse Pégaso com inveja. – Mas ela tem um peito tão redondo que realmente seria impossível se passar por homem!...

Coriolano ruborizou-se.

– Eu acho bonita... – murmurou. – Dá vontade de tocar no peito dela... Não te causa esse efeito?...

O irmão olhou para ele com estupor.

– Mas que canalha você está me saindo! – concluiu, com energia. – Você é mais depravado que qualquer outra pessoa... Um dia desses, você ainda casa com uma mulher!...

18

O Religioso saiu da sacristuda, seguido por um Sacrostão e um Bedeláu. Carregavam grandes caixas de papelão cheias de elementos decorativos.

– Quando o caminhão dos pinturileiros chegar, mande-os entrar até o altar, Joseph – disse ele ao Bedeláu.

De fato, quase todos os Bedeláus profissionais se chamavam Joseph.

– Pintamos tudo de amarelo? – disse Joseph.

– Com listras roxas – disse o Sacrostão, Emmanuel Jude, um galalau simpático cujo uniforme e corrente de ouro brilhavam feito narizes gelados.

– Sim – disse o Religioso –, porque o Arquibispo vem para a bênção. Venha, vamos decorar o balcão dos músicos com tudo o que está nessas caixas.

– São quantos músicos? – perguntou o Bedeláu.

– Setenta e três – disse o Sacrostão.

– E catorze Crianças de Fé – disse o Religioso, com orgulho.

O Bedeláu deu um longo assobio: “Fiiiiiiiiiiiiiu...”.

– E são só dois se casando! – disse ele, com admiração.

– É – disse o Religioso. – Gente rica é assim.

– Vai ter muita gente? – perguntou o Sacrostão.

– Muita! – disse o Bedeláu. – Vou pegar minha longa alabarda vermelha e minha bengala de castão vermelho.

– Não – disse o Religioso. – Tem que ser a alabarda amarela e a bengala roxa, vai ficar mais elegante.

Chegaram debaixo do balcão. O Religioso abriu a portinhola dissimulada numa das colunas da abóbada e a abriu. Um depois

do outro, eles entraram na estreita escadinha em parafuso de Arquimedes. Uma luz baça vinha lá do alto.

Subiram vinte e quatro voltas de parafuso e pararam para recuperar o fôlego.

– É difícil! – disse o Religioso.

O Bedelêu, o mais baixo, aprovou, e o Sacrostão, encurralado entre dois fogos, rendeu-se a essa constatação.

– Ainda faltam duas voltas e meia – disse o Religioso.

Emergiram na plataforma situada no lado oposto ao altar, a cem metros do solo, que mal se adivinhava em meio à neblina. As nuvens entravam sem dificuldade na igreja e atravessavam a nave em flocos cinzentos e grandes.

– Vai fazer tempo bom – disse o Sacrostão, fungando o cheiro das nuvens. – Têm cheiro de tomilho.

– Com traços de centáurea – disse o Bedelêu –, também se percebe.

– Espero que tudo dê certo na cerimônia! – disse o Religioso.

Eles puseram as caixas no chão e começaram a adornar as cadeiras dos músicos com elementos decorativos. O Bedelêu os desdobrava, soprava por cima, para tirar a poeira, e passava para o Sacrostão e o Religioso.

Acima deles, as colunas subiam, subiam e pareciam se encontrar bem longe. A pedra fosca, de um belo branco-creme, acariciada pelo suave brilho do dia, refletia em toda parte uma luz leve e calma. Lá no alto era azul-esverdeado.

– Precisava lustrar os microfones – disse o Religioso ao Bedelêu.

– Estou desdobrando o último elemento! – disse o Bedelêu –, e já cuida disso!

Ele tirou de seu alforje um lenço de lã vermelha e começou a esfregar energicamente o pedestal do primeiro microfone. Havia quatro, dispostos em fila diante das cadeiras da orquestra, e preparados de tal maneira que a cada melodia correspondia um

toque de sinos no lado de fora da igreja, enquanto lá dentro ouvia-se a música.

– Vai logo, Joseph! – disse o Religioso. – O Emmanuel e eu já terminamos.

– Me esperem – disse o Bedeléu –, só faltam cinco minutos de indulgência.

O Sacroston e o Religioso fecharam as caixas de elementos e as puseram num canto do coro para pegar de volta depois do casamento.

– Estou pronto! – disse o Bedeléu.

Os três fecharam as correias dos paraquedas e lançaram-se graciosamente no vazio. As três enormes flores versicolores se abriram com um farfalhar sedoso e, sem incômodo, eles pousaram os pés nas lajotas polidas da nave.

19

– Você me acha bonita?

Chloé mirava-se no espelho d'água de prata jateada no qual se divertia, sem aborrecimentos, o peixe vermelho. No ombro dela, o camundongo cinza de bigodes pretos coçava o nariz com as patas e olhava os reflexos cambiantes.

Chloé tinha posto as meias, finas como fumaça de incenso, da cor de sua pele loura, e seus sapatos altos de couro branco. De resto, estava nua, exceto por uma pesada pulseira de ouro azul que fazia seu punho delicado parecer ainda mais frágil.

– Você acha que eu preciso me vestir?...

O camundongo escorregou pelo pescoço roliço de Chloé e apoiou-se num dos seios. Ele a olhou por baixo e parecia concordar com isso.

– Então vou te pôr no chão! – disse Chloé. – Você sabe que vai voltar para a casa do Colin hoje à noite. Diga adeus aos outros daqui!...

Ela deixou o camundongo no tapete, olhou pela janela, fechou a cortina e se aproximou da cama. Lá estava o seu vestido branco, todo aberto, e os vestidos de água clara de Isis e Alise.

– Estão prontas?

No banheiro, Alise ajudava Isis a se pentear. Também já estavam com sapatos e meias.

– Estamos indo muito devagar, vocês e eu! – disse Chloé, falsamente severa. – Vocês sabiam, filhinhas, que hoje é meu casamento?

– Você ainda tem uma hora! – disse Alise.

– Dá e sobra – disse Isis. – Você já está com o cabelo arrumado!

Chloé riu, sacudindo os cachos. Fazia calor naquele banheiro cheio de vapor, e as costas de Alise estavam tão apetitosas que Chloé fez uma carícia leve com a palma das mãos. Isis, sentada em frente ao espelho, entregava a sua cabeça dócil aos gestos precisos de Alise.

– Está me fazendo cosquinhas! – disse Alise, começando a rir.

Chloé acariciava de propósito justamente o ponto das cócegas, a parte dos flancos que vai até as ancas. A pele de Alise estava quente e viva.

– Você vai estragar meus bobes – disse Isis, que fazia as unhas para matar o tempo.

– Vocês duas estão lindas – disse Chloé. – Pena que não possam ir assim, eu adoraria que vocês ficassem só de meia e sapato.

– Vai se vestir, bebê – disse Alise. – Você vai estragar tudo.

– Me beija – disse Chloé. – Estou tão feliz!

Alise a enxotou do banheiro e Chloé sentou-se na cama. Dava risada sozinha ao olhar para a renda do vestido. Pôs, para começar, um sutiãzinho de celofane e uma calcinha de cetim branco que suas formas firmes arredondavam docemente na parte de trás.

20

– Foi? – disse Colin.

– Ainda não – disse Chick.

Pela décima quarta vez, Chick refazia o nó da gravata de Colin e nunca acertava a mão.

– Podíamos tentar de luvas – disse Colin.

– Por quê? – perguntou Chick. – É melhor?

– Não sei – disse Colin. – É uma ideia sem pretensão.

– Fizemos bem em nos adiantarmos.

– É – disse Colin. – Mas, se não conseguirmos, vamos chegar atrasados.

– Ah! – disse Chick. – Vamos conseguir.

Ele realizou uma série de movimentos rápidos, estreitamente associados, e puxou as duas pontas com força. A gravata se rasgou no meio e ficou entre seus dedos.

– É a terceira – comentou Colin, com ar ausente.

– Ah! – disse Chick. – Tudo bem... Eu sei...

Ele se sentou numa cadeira e coçou o queixo com ar absorto.

– Não sei o que há – disse.

– Eu também não – disse Colin. – Normal, não é.

– Não mesmo – disse Chick, claramente. – Vou tentar sem olhar.

Pegou uma quarta gravata e a enrolou de qualquer maneira no pescoço de Colin, seguindo com os olhos o voo de um bruzilhão com ar muito interessado. Passou a ponta maior debaixo da menor, a fez voltar num círculo, uma volta para a direita, passou de novo por cima e, infelizmente, naquele momento, seus olhos caíram sobre a sua obra e a gravata se fechou num movimento

brutal, esmagando-lhe o indicador. Ele deixou escapar um cacarejo de dor.

– Raios de nada! – disse ele. – Diabos!!

– Ela te machucou? – perguntou Colin, compassivo.

Chick chupava o dedo com vigor.

– Minha unha vai ficar preta – disse ele.

– Coitado de você, meu velho! – disse Colin.

Chick resmungou alguma coisa e olhou para o pescoço de Colin.

– Minuto!... – sussurrou. – O nó está feito!... Não se mexa!...

Recuou com cautela sem tirá-lo dos olhos e pegou na mesa logo atrás um frasco de fixador de pastel. Com vagar, levou até a boca a extremidade do pequeno tubo de spray e se aproximou sem ruído. Colin cantarolava olhando ostensivamente para o teto.

O jato atingiu a gravata bem no meio do nó. Ela teve um sobressalto rápido e se imobilizou, presa em seu lugar pelo endurecimento da resina.

21

Colin saiu de casa, seguido por Chick. Iam buscar Chloé a pé. Nicolas os encontraria direto na igreja. Ele supervisionava o cozimento de um prato especial, descoberto na obra de Gouffé e do qual ele esperava maravilhas.

No caminho havia uma livraria diante da qual Chick fez uma pausa. Bem no meio das estantes, um exemplar do *Bafo* de Partre, encadernado em marroquim roxo, com as armas da duquesa de Bovuar, cintilante como uma joia preciosa.

– Oh! – disse Chick. – Olha isso!

– O quê? – disse Colin, que vinha atrás. – Ah! Isso?

– É – disse Chick.

Ele já começava a babar de cobiça. Um riacho se formou entre seus pés e tomou o caminho do meio-fio, contornando as miúdas irregularidades da poeira.

– Pois é! – disse Colin. – Você tem esse?...

– Não nessa encadernação!... – disse Chick.

– Ah! Caramba! – disse Colin, se afastando. – Vem, estamos com pressa.

– Vale pelo menos um ou dois dobrezões – disse Chick.

– Certamente – disse Colin, e se distanciou.

Chick vasculhou os bolsos.

– Colin!... – chamou –, me empresta um dinheiro.

Colin se deteve de novo. Sacudiu a cabeça com ar entristecido.

– Eu acho – disse ele – que os vinte e cinco mil dobrezões que te prometi não vão durar muito.

Chick ruborizou-se, abaixou a cabeça, mas estendeu a mão. Pegou o dinheiro e se precipitou loja adentro. Colin esperava, preocupado. Ao ver o ar contente de Chick, sacudiu novamente a

cabeça, agora compassivo, e um meio sorriso se desenhou em seus lábios.

– Você é louco, Chick! Coitado! Quanto pagou?

– Não tem importância – disse Chick. – Vamos logo.

Eles se apressaram. Chick parecia estar montado em dragões voadores.

Na porta de Chloé, as pessoas olhavam o belo carro branco encomendado por Colin e que acabara de chegar, com o chofer de gala. Lá dentro, com o revestimento de pele branca, ficava-se bem quentinho e ouvia-se música.

O céu continuava azul, as nuvens, leves e vagas. Fazia frio sem exagero. O inverno caminhava para o final.

O assoalho do elevador se inflou sob seus pés e, num grande espasmo mole, os depositou no andar. A porta se abriu diante deles. Tocaram a campainha. Vieram abrir. Chloé os esperava.

Além do sutiã de celofane, da calcinha e das meias, ela tinha duas camadas de musselina sobre o corpo e um grande véu de tule que começava nos ombros, deixando a cabeça totalmente livre.

Alise e Isis estavam vestidas do mesmo jeito, mas os vestidos eram da cor da água. Seus cabelos crespos brilhavam ao sol e se anelavam nos ombros em massas pesadas e aromáticas. Não se sabia qual das duas escolher. Colin sabia. Não se atreveu a beijar Chloé para não atrapalhar a harmonia de sua maquiagem e se enganchou em Isis e Alise. Elas consentiram de bom grado, vendo como ele estava feliz.

O quarto estava repleto das flores brancas escolhidas por Colin, e no travesseiro da cama desfeita havia uma pétala de rosa vermelha. O cheiro das flores e o perfume das garotas se mesclavam estreitamente e Chick se tomava por uma abelha numa colmeia. Alise tinha uma orquídea violeta no cabelo, Isis uma rosa escarlata e Chloé uma grande camélia branca. Tinha um broto de lírio e uma pulseira de folhas de hera, novinhas,

brilhando de frescas, ao lado da grande pulseira de ouro azul. A aliança de noivado era incrustada de pequenos diamantes quadrados ou oblongos que desenhavam o nome de Colin em código Morse. Num canto, sob um arranjo floral, via-se o cocuruto de um cinematografista que girava desesperadamente a manivela.

Colin posou por alguns instantes com Chloé, depois com Chick, Alise e Isis. Então todos se reuniram e seguiram Chloé, que foi a primeira a entrar no elevador. Os cabos do mesmo se espicharam tanto com a carga pesada demais que nem foi preciso apertar o botão, mas eles tiveram o cuidado de saírem juntos, para não tornarem a subir com a cabine.

O chofer abriu a porta. As três garotas e Colin se sentaram no banco de trás, Chick na frente, e assim eles foram. As pessoas na rua se voltavam e acenavam com entusiasmo, achando que era o presidente, e depois retomavam seu caminho, pensando em coisas brilhantes e douradas.

A igreja não era muito distante. O carro descreveu uma elegante cardioide e parou aos pés da escadinha.

No alto, entre duas colunas esculpidas, o Religioso, o Sacrostão e o Bedeléu faziam um desfile pré-nupcial. Atrás dele, um panejamento de seda branca descia até o chão, e as catorze Crianças de Fé executavam um balé. Vestiam aventais brancos, com calças vermelhas e sapatos brancos. No lugar das calças, as garotas usavam pequenas saias plissadas vermelhas e tinham uma pena vermelha no cabelo. O Religioso estava com o bumbo, o Sacrostão tocava pífaro e o Bedeléu escandia o ritmo com maracas. Os três cantavam o refrão em coro, após o que o Bedeléu esboçou um passo de sapateado, pegou um contrabaixo e executou um solo sensacional com o arco sobre uma música de circunstância.

Os setenta e três músicos já tocavam no coro da igreja e os sinos badalavam com toda a força.

Houve um brusco acorde dissonante, pois o maestro, que tinha se aproximado demais da borda, acabara de cair no vazio, e o vice-regente tomou a direção do conjunto. No momento em que o maestro se espatifou no piso de lajotas, fizeram um novo acorde para abafar o barulho da queda, mas a igreja tremeu na base.

Colin e Chloé olhavam, maravilhados, o desfile do Religioso, do Sacrostão e do Bedeléu, e dois sub-Bedeléus esperavam, lá atrás, na porta da igreja, o momento de apresentar a alabarda.

O Religioso deu um último giro fazendo um malabarismo com as batutas, o Sacrostão extraiu de seu pífaro um miado superagudo, que fez entrar em devoção metade das beatas que ocupavam os degraus para ver a noiva, e o Bedeléu rompeu, num último acorde, as cordas de seu baixo. Então as catorze Crianças de Fé desceram os degraus, uma por uma, e as meninas se postaram à direita da porta do carro, e os meninos, à esquerda.

Chloé saiu. Estava encantadora e radiante em seu vestido branco. Alise e Isis vieram em seguida. Nicolas acabara de chegar e juntou-se ao grupo. Colin tomou o braço de Chloé, Nicolas o de Isis e Chick o de Alise, e eles subiram os degraus seguidos pelos irmãos Desmaret, Coriolano à direita e Pégaso à esquerda, enquanto as Crianças de Fé vinham em duplas pela escada. O Religioso, o Sacrostão e o Bedeléu, depois de guardarem seus instrumentos, dançavam uma ciranda enquanto esperavam.

No alto da escadinha, Colin e seus amigos executaram um movimento complicado e se viram da maneira adequada para entrar na igreja: Colin com Alise, Nicolas de braço com Chloé, depois Chick e Isis, e por fim os irmãos Desmaret, mas desta vez com Pégaso à direita e Coriolano à esquerda. O Religioso e seus sectários pararam de rodopiar, tomaram a frente do cortejo e todos, cantando um velho canto gregoriano, rumaram para a porta. Os sub-Bedeléus lhes quebravam na cabeça, ao passar, um pequeno cálice de cristal fino, cheio de água benta, e enfiavam em

seu cabelo um bastonete de incenso aceso, com chama amarela para os homens e roxa para as mulheres.

Os vagonetes estavam dispostos na entrada da igreja. Colin e Alise se instalaram no primeiro e logo partiram. Caíram num corredor escuro que cheirava a religião. O vagonete corria sobre os trilhos com um barulho de trovão, e a música ressoava com muita força. No final do corredor, o vagonete passou por uma porta, virou em ângulo reto e o Santo apareceu em luz verde. Ele fazia caretas horríveis e Alise se agarrou em Colin. Teias de aranha varriam-lhes o rosto e fragmentos de orações vinham-lhes à memória. A segunda visão foi da Virgem, e na terceira, diante de Deus, que estava com um olho roxo e a cara nada satisfeita, Colin se lembrou da oração inteira e a disse a Alise.

O vagonete desembocou, num estardalhaço ensurdecador, sob a abóbada do tramo e parou. Colin desceu, deixou Alise ocupar seu lugar e esperou Chloé, que logo emergiu.

Eles olharam para a nave. Havia uma grande multidão. Todas as pessoas que os conheciam estavam lá, ouvindo a música e se deleitando com uma cerimônia tão bonita.

O Bedelú e o Sacrostão, fazendo cabriolas em suas belas vestes, surgiram, precedendo o Religioso, que conduzia o Arquibispo. Todos se levantaram e o Arquibispo sentou-se numa grande poltrona de veludo. O barulho das cadeiras no piso era bem harmonioso.

A música de repente parou. O Religioso se ajoelhou diante do altar, baixou três vezes a cabeça para o chão e o Sacrostão se dirigiu até Colin e Chloé para levá-los a seus lugares, enquanto o Bedelú acomodava as Crianças de Fé nos dois lados do altar. Havia, agora, um silêncio muito profundo na igreja, e as pessoas seguravam a respiração.

Em toda parte, grandes luzes enviavam feixes de raios sobre coisas douradas que os faziam explodir para todos os lados, e as

largas faixas amarelas e roxas da igreja davam à nave o aspecto do abdômen de uma enorme vespa deitada, vista de dentro.

Bem alto, os músicos começaram um coro vago. As nuvens entraram. Tinham um cheiro de coentro e de ervas das montanhas. Fazia calor na igreja, e a sensação era de aconchego numa atmosfera benigna e acolhoda.

Ajoelhados diante do altar, sobre dois reza-tórios revestidos de veludo branco, Colin e Chloé, de mãos dadas, esperavam. O Religioso, diante deles, compulsava rapidamente um livro grosso, pois já não se lembrava das fórmulas. De vez em quando ele se voltava para dar uma olhada em Chloé, cujo vestido lhe agradava. Por fim, parou de virar as páginas, se recompôs, fez, com a mão, um sinal para o maestro, que atacou a abertura.

O Religioso tomou fôlego e começou a cantar o cerimonial, sustentado por um fundo de onze trompetes com abafador que tocavam em uníssono. O Arquibispo cochilava de leve, com a mão no báculo. Ele sabia que o acordariam em sua vez de cantar.

A abertura e o cerimonial estavam escritos sobre temas clássicos de blues. Para o Engajamento, Colin havia pedido que tocassem o arranjo de Duke Ellington para uma velha e conhecida melodia, “Chloé”.

Diante de Colin, pregado na parede, via-se Jesus numa grande cruz negra. Parecia feliz de ter sido convidado e olhava tudo aquilo com interesse. Colin segurava a mão de Chloé e sorria vagamente para Jesus. Estava meio cansado. A cerimônia lhe resultara muito cara, cinco mil dobrezões, e ele estava contente com o sucesso.

Havia flores ao redor do altar. Ele gostava da música que tocavam naquele momento. Viu o Religioso à sua frente e reconheceu a melodia. Então fechou suavemente os olhos, inclinou-se de leve para a frente e disse “sim”.

Chloé também disse “sim” e o Religioso lhes apertou vigorosamente as mãos. A orquestra retomou com mais força e o

Arquibispo se levantou para a Exortação. O Bedeláu deslizava entre duas fileiras de pessoas para dar uma bela bengalada nos dedos de Chick, que acabava de abrir o seu livro, em vez de escutar.

22

O Arquebispo tinha ido embora; Colin e Chloé, de pé na sacristuda, recebiam apertos de mão e injúrias para que tivessem sorte. Outros lhes davam conselhos para a noite, um camelô passou oferecendo fotos para que se instruissem. Começavam a se sentir exaustos. A música ainda tocava e as pessoas dançavam na igreja, onde estavam sendo servidos sorvete lustral e piedosos refrescos, com sanduichinhos de bacalhau. O Religioso tinha vestido seu hábito de todos os dias, com um enorme buraco nas nádegas, mas pretendia conseguir pagar um sobretudo novo com o lucro auferido sobre os cinco mil dobrezões. Além disso, acabara de dar um calote na orquestra, como sempre se faz, e de se recusar a pagar o cachê do maestro, pois este morreu antes de ter começado. O Sacrostão e o Bedeléu tiravam as roupas das Crianças de Fé para recolocá-las no lugar, e o Bedeléu se encarregava especialmente das garotinhas. Os dois sub-Bedeléus, contratados como extras, tinham ido embora. O caminhão dos pinturheiros esperava lá fora. Eles se apressaram em retirar o amarelo e o roxo para guardá-los em pequenos recipientes muito nojentos.

Ao lado de Colin e Chloé, Alise e Chick, Isis e Nicolas também recebiam apertos de mão. Os irmãos Desmaret davam os seus. Assim que Pégaso viu seu irmão se aproximar demais de Isis, que estava a seu lado, beliscou o quadril dele com toda a força, chamando-o de invertido.

Ainda faltava uma dúzia de pessoas. Eram os amigos de Colin e Chloé, que deviam chegar para a recepção da tarde. Todos saíram da igreja olhando pela última vez para as flores do altar e sentiram o ar frio golpeá-los no rosto ao chegar à escadinha.

Chloé começou a tossir e desceu os degraus bem depressa para entrar no carro aquecido. Afundou-se no banco estofado e esperou Colin.

Os demais, na escadinha, olhavam os músicos irem embora numa viatura gradeada, pois todos tinham dívidas. Estavam amontoados feito sardinhas e sopravam, para se vingar, seus instrumentos, o que, da parte dos violinistas, produzia um barulho abominável.

23

De forma sensivelmente quadrada, com pé-direito bastante alto, o quarto de Colin via o dia por uma janela de cinquenta centímetros de altura que corria sobre toda a extensão da parede a mais ou menos um metro e vinte do solo. O assoalho estava coberto por um grosso tapete laranja-claro, e as paredes eram revestidas de couro natural.

A cama não ficava sobre o tapete, mas sobre uma plataforma a meia altura do muro. Chegava-se a ela por uma pequena escada de carvalho de Siracusa ornada com cobre vermelho-branco. O nicho formado pela plataforma, debaixo da cama, servia de alcova. Ali havia livros e poltronas confortáveis, e a fotografia do dalai-lama.

Colin ainda dormia. Chloé tinha acabado de acordar e olhava para ele. Estava despenteada e parecia ainda mais jovem. Na cama, sobrava apenas um lençol, o de baixo, tendo o resto serpenteado pelo quarto inteiro, bem aquecido por bombas hidráulicas de fogo. Agora ela estava sentada, com os joelhos no queixo, e esfregava os olhos, depois se espreguiçou e deixou-se cair para trás, e o travesseiro se dobrou sob seu peso.

Colin estava esticado de bruços, abraçado ao travesseirão, e babava feito um bebê velho. Chloé começou a rir e se ajoelhou ao lado dele para sacudi-lo com vigor. Ele acordou, se ergueu apoiando-se nos punhos, sentou-se e a beijou antes de abrir os olhos. Complacente, Chloé não ofereceu resistência, guiando-o até as partes selecionadas. Ela tinha a pele âmbar e gostosa feito marzipã.

O camundongo cinza de bigodes pretos subiu pela escada e os avisou de que Nicolas os aguardava. Eles se lembraram da viagem

e pularam para fora da cama. O camundongo aproveitou a desatenção deles para rapinar à vontade uma grande caixa de bombons de sapoti que se encontrava no criado-mudo.

Fizeram rapidamente a higiene pessoal, puseram roupas combinadas e correram para a cozinha. Nicolas os convidara a tomar o café da manhã em seus domínios. O camundongo os seguiu e se deteve no corredor. Queria ver por que os sóis não entravam tão bem quanto de costume, para repreendê-los na próxima oportunidade.

– Então – disse Nicolas –, dormiram bem?

Os olhos de Nicolas tinham olheiras e sua pele estava mais ou menos alterada.

– Muito bem – disse Chloé, desabando numa cadeira, pois tinha dificuldades para se manter de pé.

– E você? – perguntou Colin, que escorregou, se viu sentado no chão e não fez o menor esforço para se reerguer.

– Eu – disse Nicolas – acompanhei a Isis até a casa dela, e ela me fez beber, como se deve.

– Os pais dela não estavam? – perguntou Chloé.

– Não – disse Nicolas. – Só duas outras primas dela, e elas quiseram que eu ficasse de qualquer maneira.

– Qual é a idade delas? – perguntou Colin, insidiosamente.

– Não sei – disse Nicolas. – Mas, pelo toque, eu daria dezesseis para uma e dezoito para a outra.

– Você passou a noite lá? – perguntou Colin.

– Hmm... – disse Nicolas – ... As três estavam meio altas, então... fui obrigado a levá-las para a cama. A cama da Isis é bem grande... Ainda tinha um lugar. Não quis acordá-los, então dormi com elas.

– Dormiu?... – disse Chloé. – A cama devia ser bem dura, porque você está com uma cara péssima...

Nicolas tossiu de maneira pouco natural e foi cuidar dos aparelhos elétricos.

– Provem isto – disse ele, para mudar de assunto.

Eram damascos recheados com tâmaras e ameixas numa calda untuosa e caramelizada por cima.

– Você vai conseguir dirigir? – perguntou Colin.

– Vou tentar – disse Nicolas.

– Isso está ótimo – disse Chloé. – Come com a gente, Nicolas.

– Prefiro alguma coisa mais revigorante – disse Nicolas.

Ele preparou uma beberagem horrível sob o olhar de Colin e Chloé. Levava vinho branco, uma colher de vinagre, cinco gemas de ovo, duas ostras e cem gramas de carne moída com creme de leite e uma pitada de hipossulfito de sódio. Tudo foi descendo pela goela com o barulho de um ciclotron a toda velocidade.

– E então? – perguntou Colin, quase engasgando de rir ao ver a careta de Nicolas.

– Tudo bem... – respondeu Nicolas, com esforço.

De fato as olheiras desapareceram subitamente de seus olhos, como se tivessem passado benzina, e sua pele ficou visivelmente mais clara. Ele se sacudiu, fechou os punhos e ficou rubro. Chloé olhava para ele meio preocupada.

– Está com dor de barriga, Nicolas?

– De jeito nenhum!... – berrou Nicolas. – Pronto. Vou servir a sequência, e depois vamos embora.

24

O carrão branco se embrenhava cautelosamente por um caminho pelas valetas da estrada. Colin e Chloé, sentados atrás, olhavam a paisagem com certo mal-estar. O céu estava baixo, passarinhos vermelhos voavam rente aos fios telegráficos, subindo e descendo que nem eles, e seus pios agudos se refletiam na água plúmbea das poças.

– Por que estamos passando por aqui? – perguntou Chloé a Colin.

– É um atalho – disse Colin. – Não tem outro jeito. A estrada principal está esburacada. Todo mundo quis viajar nela porque o tempo estava sempre ótimo, e agora só sobrou esta. Fica tranquila. O Nicolas sabe dirigir.

– É essa luz – disse Chloé.

O coração dela batia rápido, como se estivesse fechado numa casca dura demais. Colin abraçou Chloé e tomou-lhe o gracioso pescoço entre os dedos, debaixo do cabelo, como quem pega um gatinho.

– Isso – disse Chloé, encolhendo a cabeça nos ombros, pois Colin lhe fazia cócegas –, me toca, sozinha eu fico com medo...

– Quer que eu ponha os vidros amarelos? – disse Colin.

– Põe algumas cores...

Colin apertou botões verdes, azuis, amarelos, vermelhos, e os vidros correspondentes substituíram os do carro. Mais parecia um arco-íris, e, no revestimento de pele branca, sombras multicolores dançavam a cada poste telegráfico que passava. Chloé se sentia melhor.

Havia, dos dois lados da estrada, um musgo raso e magro, de um verde desbotado, e, de tempos em tempos, uma árvore

retorcida e descabelada. Nem um sopro de vento fazia rugas nas camadas de lama que chapinhavam sob as rodas do carro. Nicolas dava duro para não perder o controle da direção e se mantinha com esforço no meio do calçamento afundado.

Voltou-se por um momento.

– Não fique preocupada – disse ele a Chloé –, logo mais isso acaba. A estrada vai mudar daqui a pouco.

Chloé se voltou para o vidro à sua direita e teve um arrepio. Um bicho escamoso olhava para eles, de pé, atrás de um poste telegráfico.

– Olha, Colin... O que é aquilo?...

Colin olhou.

– Não sei – disse ele. – Isso aí... isso não tem cara de mau...

– É um dos homens que fazem a manutenção das linhas – disse Nicolas, por cima do ombro. – Eles se vestem assim para se proteger da lama...

– Era... era bem feio... – murmurou Chloé.

Colin a beijou.

– Não tenha medo, minha Chloé, era só um homem...

Debaixo das rodas, o solo parecia mais firme. Uma luz vaga tingia o horizonte.

– Olha – disse Colin. – É o sol...

Nicolas fez que não com a cabeça.

– São as minas de cobre – disse ele. – Vamos passar por elas.

O camundongo, ao lado de Nicolas, empinou as orelhas.

– Pois é – disse Nicolas. – Vai fazer calor.

A estrada deu diversas voltas. O barro, agora, começava a soltar fumaça. O carro estava rodeado de vapores brancos com forte cheiro de cobre. Depois, a lama se endureceu completamente e o calçamento apareceu, rachado e empoeirado. Na frente deles, ao longe, o ar vibrava como no alto de um grande forno.

– Não gosto disso – disse Chloé. – Não podemos passar por outro lado?

– Só tem essa estrada – disse Colin. – Quer o livro do Gouffé?... Eu trouxe...

Eles não levavam outras bagagens, pretendiam comprar tudo no caminho.

– Vamos baixar os vidros coloridos? – Colin disse.

– Vamos – disse Chloé. – Agora a luz está menos ruim.

Bruscamente, a estrada virou de novo e eles se viram no meio das minas de cobre. Elas se estendiam em patamares dos dois lados, alguns metros abaixo. Imensas extensões de cobre esverdeado, no infinito, desenrolavam sua aridez. Centenas de homens, vestidos com macacões herméticos, se agitavam ao redor dos fogos. Outros empilhavam em pirâmides regulares o combustível que era levado em vagonetes elétricos. O cobre, sob efeito do calor, derretia e corria em riachos vermelhos margeados por escórias esponjosas e duras feito pedra. Aqui e ali, era reunido em grandes cadinhos, onde máquinas o bombeavam e o canalizavam para tubos ovais.

– Que trabalho terrível! – disse Chloé.

– É muito bem pago – disse Nicolas.

Alguns homens estavam parados, vendo o carro passar. Não se via, em seus olhos, mais que uma comiseração meio irônica. Eram grandes e fortes, tinham o ar imperturbável.

– Eles não gostam da gente – disse Chloé. – Vamos embora daqui.

– Estão trabalhando... – disse Colin.

– Não é motivo – disse Chloé.

Nicolas acelerou um pouco. O carro seguia pela estrada rachada, sob o rumor das máquinas e do cobre fundido.

– Daqui a pouco vamos chegar à estrada velha – disse Nicolas.

25

– Por que eles têm tanto desprezo? – perguntou Chloé. – Trabalhar não é tão bom...

– Disseram a eles que é bom – disse Colin. – Em geral, achamos bom. No fundo, ninguém acha isso. Fazemos por costume e justamente para não pensar nisso.

– Em todo caso, é idiota fazer um trabalho que máquinas poderiam fazer.

– É preciso construir as máquinas – disse Colin. – Quem vai fazer isso?

– Oh! Claro – disse Chloé. – Para fazer um ovo, é preciso uma galinha, mas, uma vez que temos a galinha, podemos ter montes de ovos. Melhor, então, começar pela galinha.

– É preciso saber – disse Colin – quem impede que as máquinas sejam fabricadas. Deve faltar é tempo. As pessoas perdem tempo vivendo, então não sobra para trabalhar.

– Não seria o contrário? – disse Chloé.

– Não – disse Colin. – Se tivessem tempo de construir as máquinas, depois não precisariam fazer mais nada. Quero dizer que elas trabalham para viver em vez de trabalhar para construir máquinas que os fariam viver sem trabalhar.

– É complicado – disse Chloé.

– Não – disse Colin. – É bem simples. Deveria, é claro, vir progressivamente. Mas perdemos tanto tempo fazendo coisas que estragam...

– Mas você não acha que eles prefeririam ficar em casa e beijar a mulher e ir para a piscina e se divertir?

– Não – disse Colin. – Porque eles não pensam nisso.

– Mas é culpa deles se acham que trabalhar é bom?

– Não – disse Colin. – Não é culpa deles. É porque disseram para eles: “O trabalho é sagrado, é bom, é bonito, é o que conta antes de tudo, e só os trabalhadores têm direito a tudo”. Só que dá-se um jeito de fazê-los trabalhar o tempo todo, e então eles não podem aproveitar.

– Mas então eles são burros? – disse Chloé.

– É, são burros – disse Colin. – É por isso que concordam com aqueles que lhes fazem acreditar que o trabalho é o que há de melhor. Isso evita que eles reflitam e que busquem progredir e parar de trabalhar.

– Vamos falar de outra coisa – disse Chloé. – Esses assuntos me esgotam. Diz se você gosta do meu cabelo...

– Já te disse...

Ele pôs a mão nos joelhos dela. De novo, sentia-se completamente feliz.

– Eu já te disse que te amo no atacado e no varejo.

– Então vamos ao varejo – disse Chloé, se entregando aos braços de Colin, dengosa feito uma cobra não venenosa.

26

– Desculpe-me, senhor – disse Nicolas. – Deseja que desçamos aqui?

O carro havia parado diante de um hotel na beira da estrada. Era a estrada boa, lisa, de reflexos cambiantes e fotogênicos, com árvores perfeitamente cilíndricas dos dois lados, mato fresco, sol, vacas nos campos, cercas carcomidas, sebes em flor, maçãs nas macieiras e folhas secas em montinhos, com neve aqui e ali para variar a paisagem, palmeiras, acácias e pinheiros do norte no jardim do hotel e um rapaz ruivo e desgrenhado que conduzia duas ovelhas e um cão bêbado. De um lado da estrada havia vento, do outro, não. Bastava o freguês escolher qual o agradava. Só metade das árvores dava sombra, e, em apenas uma das valas laterais, encontravam-se rãs.

– Vamos descer aqui – disse Colin. – De qualquer maneira, não vamos chegar ao sul hoje.

Nicolas abriu a porteira e pôs o pé na terra. Usava um belo uniforme de chofer em couro de porco e um elegante boné combinando. Recuou dois passos e olhou para o carro. Colin e Chloé também desceram.

– Nosso veículo está passavelmente sujo – disse Nicolas. – Foi esse lamaçal que atravessamos.

– Isso não é nada – disse Chloé –, vamos mandar lavar no hotel.

– Entra e vai ver se tem quartos vagos – disse Colin – e alguma coisa que nos deixe nutridos.

– Muito bem, senhor – disse Nicolas, levando a mão ao boné, e mais exasperante do que nunca.

Ele empurrou a porteira de carvalho encerado, cuja maçaneta revestida de veludo lhe deu um arrepio. Seus passos fizeram o

cascalho estalar e ele subiu dois degraus. A porta envidraçada cedeu a seu empurrão e ele sumiu na casa.

As persianas estavam abaixadas e não se ouvia ruído nenhum. O sol cozinhou suavemente as maçãs caídas e as fazia eclodir em macieiras pequenas, verdes e frescas, que floresciam instantaneamente e davam maçãs ainda menores. Na terceira geração, não se via nada além de uma espécie de musgo verde e rosa onde minúsculas maçãs rolavam feito bolas.

Alguns insetos zunzuniavam no chão, entregando-se a tarefas incertas, algumas das quais consistiam num rápido giro sem sair do lugar. Do lado ventoso da estrada, as gramíneas se curvavam em surdina, folhas rodopiavam num ligeiro farfalhar. Alguns insetos de élitros tentavam subir a correnteza produzindo um pequeno marulho parecido ao das rodas de um vapor singrando na direção dos grandes lagos.

Colin e Chloé, um perto do outro, deixavam-se isolar sem nada dizer e seus corações batiam, os dois, num ritmo de *boogie*.

A porta envidraçada rangeu debilmente. Nicolas reapareceu. Seu boné estava atravessado, e sua roupa, em desordem.

– Te expulsaram? – perguntou Colin.

– Não, senhor – disse Nicolas. – Eles podem receber o senhor e a senhora e cuidar do carro.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Chloé.

– Bem... – disse Nicolas. – O proprietário não está... Fui recebido pela filha dele...

– Componha-se – disse Colin. – Você não está apresentável.

– Peço que o senhor me perdoe – disse Nicolas –, mas pensei que dois quartos valeriam um sacrifício...

– Vá se vestir à paisana – disse Colin – e volte a falar normalmente. Você está pondo os meus nervos em bobinas!

Chloé parou para brincar com um montinho de neve.

Os flocos, suaves e frescos, permaneciam brancos e não derretiam.

– Olha como é bonito – disse ela a Colin.

Sob a neve havia primaveras, centáureas e papoulas.

– É – disse Colin. – Mas você não devia mexer nisso. Vai ficar com frio.

– Oh! Não! – disse Chloé, e começou a tossir feito um retalho de seda que se rasga.

– Minha Chloé – disse Colin, envolvendo-a em seus braços –, não tosse assim, você me faz mal!

Ela soltou a neve, que caiu devagar feito uma pluma, e voltou a brilhar no sol.

– Não gosto dessa neve – murmurou Nicolas.

Ele se corrigiu logo em seguida.

– Peço que o senhor queira me desculpar por essa linguagem descabida.

Colin tirou um dos sapatos e o atirou no rosto de Nicolas, que se abaixou para esfregar uma pequena mancha na calça e se levantou com o barulho do vidro quebrado.

– Oh, senhor! – disse Nicolas em tom de reprovação –, é a janela do quarto do senhor!...

– Pois então, paciência! – disse Colin. – Vai nos arejar... Além do mais, vai te ensinar a falar feito um idiota...

Num pé só, ajudado por Chloé, ele foi na direção da porta do hotel. A vidraça quebrada começava a nascer de novo. Uma película fina se formava nas bordas do caixilho, opalescente e irisada com brilhos incertos, de cores vagas e cambiantes.

27

– Você dormiu bem? – perguntou Colin.

– Nada mal, e você? – disse Nicolas, desta vez à paisana.

Chloé bocejou e pegou a jarra de xarope de alcaparra.

– Essa vidraça me impediu de dormir – disse ela.

– Não está fechada? – perguntou Nicolas.

– Não completamente – disse Chloé. – A moleira ainda está aberta o suficiente para deixar passar aquele ventinho encanado. Hoje de manhã, meu peito estava coberto por essa neve...

– É muito desagradável – disse Nicolas. – Vou repreendê-los severamente. E então, seguimos viagem nesta manhã?

– Nesta tarde – disse Colin.

– Vou ter que vestir meu uniforme de chofer – disse Nicolas.

– Ah, Nicolas... – disse Colin. – Se você continuar... eu...

– Certo – disse Nicolas –, mas não agora.

Ele deglutiou sua tigela de xarope de alcaparra e terminou as torradas.

– Vou dar uma volta na cozinha – anunciou, levantando-se e corrigindo o nó da gravata por meio de um instrumento de bolso.

Deixou o quarto e ouviu-se o barulho de seus passos decrescer na direção provável da cozinha.

– O que você quer que a gente faça, minha Chloé? – perguntou Colin.

– Beijar – disse Chloé.

– Claro!... – respondeu Colin. – Mas e depois?

– Depois – disse Chloé –, não posso falar em voz alta.

– Tá – disse Colin –, mas e depois?

– Depois – disse Chloé – vai ser a hora do almoço. Me abraça.

Estou com frio. É essa neve...

O sol entrava no quarto em ondas douradas.

– Aqui não está frio – disse Colin.

– Não – disse Chloé, apertando-o –, mas eu estou com frio.

Depois, vou escrever para a Alise...

28

Desde o começo da rua, a multidão se acotovelava para chegar à sala onde Jean-Sol Partre dava sua conferência.

As pessoas se valiam das mais variadas artimanhas para despistar a segurança do cordão sanitário encarregado de examinar a validade das cartas-convite, pois dezenas de milhares de cópias falsas haviam sido postas em circulação.

Alguns chegavam de carro fúnebre e os guardas fincavam uma comprida lança de aço no caixão, fixando-as no carvalho para a eternidade, o que evitava que fossem retiradas para o enterro e só causava transtorno aos eventuais verdadeiros mortos, cuja mortalha ficava estragada. Outros saltavam de paraquedas de um avião especial (e era uma confusão também no aeroporto de Le Bourget para embarcar). Uma equipe de bombeiros os escolheu como alvo e, por meio de mangueiras de incêndio, os colocavam em Sena, onde se afogavam miseravelmente. Outros, por fim, tentavam chegar pelo esgoto. Eram empurrados a fortes golpes de sapatos com sola de ferro nas juntas no momento em que chegavam à borda para se restabelecer e sair, e os ratos cuidavam do resto. Mas nada desencorajava aqueles apaixonados. Os que se afogavam e os que perseveravam nas tentativas, é preciso confessar, não eram os mesmos, e o rumor subia em direção ao zênite, repercutindo nas nuvens num estardalhaço cavernoso.

Somente os puros, os inteirados, os íntimos tinham convites verdadeiros, muito facilmente reconhecíveis em relação aos falsos, e, por essa razão, passavam sem tumulto por um beco estreito ao lado dos prédios, vigiado, a cada cinquenta centímetros, por um agente secreto disfarçado de servofreio. Eles

eram, no entanto, numerosos, e a sala, já repleta, continuava a receber, a cada segundo, mais recém-chegados.

Chick estava lá desde a véspera. Tinha conseguido com o porteiro, a preço de ouro, o direito de substituí-lo, e para tornar possível essa substituição quebrou a perna esquerda do referido porteiro por meio de uma alavanca de substituição. Ele não economizava dobrezões quando se tratava de Partre. Alise e Isis esperavam com ele a chegada do conferencista. Tinham passado a noite lá, muito desejosas de não perder o evento. Chick, em seu uniforme verde-escuro de porteiro, estava o mais sedutor possível. Negligenciava bastante o trabalho desde que pôs as mãos nos vinte e cinco mil dobrezões de Colin.

O público que ali se espremia apresentava aspectos bem particulares. Não passavam de rostos fugidios, de óculos, cabelos arrepiados, bitucas amareladas, refluxos de comida na boca, e, para as mulheres, miseráveis trancinhas cingindo a cabeça e casacos de carneiro sobre a pele, com malhas caídas em forma de fatias de seios sobre um fundo escuro.

No amplo salão do térreo, de teto meio envidraçado, meio decorado com afrescos de água pesada, e bem próprios para fazer nascer, no espírito da plateia, dúvidas sobre o interesse de uma existência povoada por formas femininas tão desencorajadoras, o amontoado era ainda maior, e aos retardatários só restava o recurso de ficar ao fundo, num pé só, usando o outro para afastar os vizinhos muito próximos. Um camarote especial, no qual reinavam a duquesa de Bovuar e seu séquito, atraía os olhares de uma multidão quase exangue e ofendia, por seu luxo requintado, o caráter provisório das disposições pessoais de uma fileira de filósofos montados em bancos dobráveis.

A hora da conferência se aproximava e a multidão ficava febril. Um tumulto começou a se formar ao fundo, alguns estudantes tentando semear a dúvida nos espíritos declamando em voz alta

passagens truncadas dilatoriamente de *A travessia do mar escarlate*, da baronesa de Orczy.

Mas Jean-Sol se aproximava. Sons de tromba de elefante se fizeram ouvir na rua e Chick se dependurou pela janela de seu camarote. Ao longe, a silhueta de Jean-Sol emergia de um *howdah*^[4] blindado, sob o qual o dorso do elefante, rugoso e marcado, ganhava um aspecto insólito à luz de um farol vermelho. Em cada canto do *howdah*, um atirador de elite, armado com um machado, mantinha-se de prontidão. Com grandes passadas, o elefante se embrenhava na multidão, e a batida surda dos quatro pilares se agitando nos corpos esmagados se aproximava inexoravelmente. Em frente à porta, o elefante se ajoelhou e os atiradores de elite desceram. Num salto gracioso, Partre pulou no meio deles e, abrindo caminho a golpes de machado, avançaram até o estrado. Os agentes voltaram a fechar as portas e Chick se precipitou num corredor escondido que dava atrás do estrado, empurrando Isis e Alise à sua frente.

O fundo do estrado era ornado com uma tapeçaria de veludo enquistado, na qual Chick havia feito buracos para assistir. Eles se sentaram em almofadas e esperaram. A pouco mais de um metro, Partre se preparava para ler sua conferência. Seu corpo leve e ascético estava extraordinariamente radiante, e o público, cativado pelo temível charme que acompanhava seus menores gestos, esperava, ansioso, o sinal da partida.

Numerosos eram os casos de desmaio devidos à exaltação intrauterina que tomava o público feminino em particular, e, de seus lugares, Alise, Isis e Chick ouviam distintamente o arfar dos vinte e quatro espectadores que tinham se enfiado debaixo do estrado e tiravam a roupa às cegas para ocupar menos espaço.

– Lembra? – perguntou Alise olhando para Chick com ternura.

– Lembro – disse Chick. – Foi ali que a gente se conheceu...

Ele se inclinou na direção de Alise e a beijou suavemente.

– Vocês estavam ali? – perguntou Isis.

– É – disse Alise. – Foi muito agradável.

– Acredito – disse Isis. – O que é que é isso, Chick?

Chick estava abrindo uma grande caixa preta a seu lado.

– É um gravador – disse ele. – Comprei para a conferência.

– Oh! – disse Isis. – Que boa ideia!... Assim, não vamos precisar escutar!...

– É – disse Chick. – E, em casa, vamos poder ouvir a noite inteira, se quisermos, mas não vamos fazer isso para não estragar os discos. Vou mandar duplicar antes e talvez peça uma tiragem comercial na casa O Grito do Dono.

– Deve ter custado bem caro – disse Isis.

– Oh! – disse Chick. – Não importa!...

Alise suspirou. Um suspiro tão leve que ela foi a única a ouvi-lo... e mal o ouviu.

– Aí está!... – disse Chick. – Ele vai começar. Pus o meu microfone junto com os da rádio oficial que estão na mesa, eles não vão perceber.

Jean-Sol acabava de começar. De início, ouviram-se apenas os cliques dos obturadores. Os fotógrafos e os repórteres da imprensa e do cinema se deleitavam. Mas um deles foi derrubado pelo recuo de seu aparelho, e uma horrível confusão se seguiu. Seus confrades, furiosos, pularam em cima dele e o cobriram de pó de magnésio. Ele desapareceu num clarão ofuscante, para satisfação geral, e os agentes levaram para a prisão todos os que ficaram.

– Maravilhoso! – disse Chick. – Vou ser o único a ter a gravação.

A plateia, que até aqui se mantivera mais ou menos calma, começava a ficar nervosa e manifestava sua admiração por Partre com um reforço de gritos e aclamações a cada vez que ele dizia uma palavra, o que deixava bastante difícil a compreensão perfeita do texto.

– Não tentem entender tudo – disse Chick. – Vamos escutar a gravação à vontade.

– Até porque não dá para ouvir nada – disse Isis. – Ele faz menos barulho que um camundongo. Mas então, vocês têm notícias da Chloé?

– Recebi uma carta dela – disse Alise.

– Eles chegaram, afinal?

– Chegaram, conseguiram ir, mas vão abreviar a temporada por lá, porque a Chloé não está se sentindo muito bem – disse Alise.

– E o Nicolas? – perguntou Isis.

– Vai bem. A Chloé me disse que ele se comportou pessimamente com as filhas de todos os hoteleiros que os hospedaram.

– O Nicolas é ótimo – disse Isis. – Eu me pergunto por que ele é cozinheiro.

– É – disse Chick –, é estranho.

– Por que isso? – disse Alise. – Acho melhor que ser colecionador de Partre – acrescentou, beliscando a orelha de Chick.

– Mas a Chloé não está gravemente doente? – perguntou Isis.

– Ela não me disse o que tem – disse Alise. – Está com dor no peito.

– A Chloé é tão bonita – disse Isis. – Não consigo imaginar que ela esteja doente.

– Oh! – sussurrou Chick –, vejam!...

Uma parte do teto tinha se levantado e uma fileira de cabeças apareceu. Audaciosos admiradores tinham se chegado até a claraboia e efetuado aquela delicada operação. Havia outros empurrando-os, e os primeiros se agarravam energicamente na beira da abertura.

– Eles estão certos – disse Chick. – Essa conferência é notável!...

Partre tinha se levantado e apresentava ao público amostras de vômito empalhado. O mais bonito, de maçã crua e vinho tinto, obteve um franco sucesso. Já não se ouvia mais nada, nem mesmo atrás da cortina onde se encontravam Isis, Alise e Chick.

– Afinal de contas – disse Isis –, quando eles chegarão?

– Amanhã ou depois de amanhã – disse Alise.

– Faz tanto tempo que não os vemos!... – disse Isis.

– É – disse Alise –, desde o casamento...

– Foi um sucesso esse casamento – concluiu Isis.

– Foi – disse Alise. – Foi naquela noite que o Nicolas te levou em casa...

Felizmente, a totalidade do teto se abateu sobre a sala, o que evitou que Isis tivesse que dar detalhes. Uma poeira grossa subiu. Nos escombros, formas esbranquiçadas se agitavam, oscilavam e se espatifavam, asfixiadas pela nuvem pesada que planava sobre o entulho. Partre havia parado e ria de peito aberto, dando tapas nas coxas, feliz de ver tanta gente engajada naquela aventura. Engoliu um belo gole de poeira e se pôs a tossir feito doido.

Chick, febril, girava botões no gravador. Produziu uma grossa luz verde que fugiu rente ao solo e sumiu numa fenda do assoalho. Uma segunda luz, depois uma terceira a seguiram, e ele tirou o gravador da tomada bem no momento em que um bicho sujo, cheio de patas, ia saindo do motor.

– O que que eu faço? – disse ele. – Travou. É a poeira no microfone.

O pandemônio na sala estava no auge. Partre agora bebia no gargalo e se preparava para ir embora, pois acabara de ler a última página. Chick se decidiu.

– Vou oferecer a ele sair por aqui – disse ele. – Podem ir, já encontro vocês.

29

Ao passar pelo corredor, Nicolas se deteve. Decididamente, os sóis estavam entrando mal. Os ladrilhos de cerâmica amarela pareciam embaçados e recobertos por uma bruma leve, e os raios, em vez de ricochetear em gotinhas metálicas, se espatifavam no solo e se espalhavam em poças finas e preguiçosas. Manchadas de sol, as paredes não brilhavam mais uniformemente como antes.

Os camundongos não pareciam especialmente incomodados com essa mudança, exceto o cinza de bigodes pretos, cujo ar profundamente entediado era tocante desde o primeiro momento. Nicolas supôs que ele lamentava a interrupção inesperada da viagem e as amizades que poderia ter feito no caminho.

– Não está contente? – ele perguntou.

O camundongo fez um gesto de nojo e mostrou as paredes.

– Certo – disse Nicolas. – Não é isso. Antes, as coisas iam melhor. Não sei o que há...

O camundongo pareceu refletir por um instante, depois balançou a cabeça e abriu os braços com ar de incompreensão.

– Eu também não entendo – disse Nicolas. – Mesmo esfregando, não muda nada. Talvez seja a atmosfera que se tornou corrosiva...

Ele parou, pensativo, e balançou a cabeça por sua vez, depois retomou o caminho. O camundongo cruzou os braços e se pôs a mascar com ar ausente, depois cuspiu de súbito, ao sentir o gosto de chiclete para gatos. O vendedor tinha se enganado.

Na sala de jantar, Chloé almoçava com Colin.

– E aí? – perguntou Nicolas. – Está melhor?

- Vejam só – disse Colin –, resolveu falar que nem todo mundo?
- Estou sem sapatos – explicou Nicolas.
- Não ficou ruim – disse Chloé.

Ela estava com os olhos brilhando e a pele viva, e parecia feliz de se encontrar em casa.

- Ela comeu metade da torta de frango – disse Colin.
- Fico feliz – disse Nicolas. – Essa não era do Gouffé.
- O que você quer fazer hoje, Chloé? – perguntou Colin.
- Pois é – disse Nicolas –, vamos almoçar cedo ou tarde?
- Queria sair com vocês dois e com a Isis e o Chick e a Alise, e ir patinar e fazer compras e ir numa *surprise party* – disse Chloé –, e comprar um anel verde com compartimento.

- Bom – disse Nicolas –, então eu vou agora mesmo para a minha cozinha.

- Vá cozinhar à paisana, Nicolas – disse Chloé –, é tão menos cansativo para nós. Além do mais, você já fica pronto logo.

- Vou ali pegar dinheiro no meu cofre de dobrezões – disse Colin –, e você, Chloé, telefona para os amigos. Vamos dar uma bela saída.

- Vou ligar – disse Chloé.

Ela se levantou e correu para o telefone. Tirou o fone do gancho e imitou o pio da alma-de-gato para avisar que queria falar com Chick.

Nicolas tirou a mesa acionando uma pequena alavanca e a louça suja se encaminhou para a pia por um largo tubo pneumático que se escondia sob o tapete. Ele saiu e ganhou o corredor.

O camundongo, de pé sobre as patas de trás, raspava com as mãos um dos ladrilhos foscos. Onde ele raspava, brilhava de novo.

- Muito bem! – disse Nicolas. – Conseguiu!... Admirável!

O camundongo parou, arquejante, e mostrou a Nicolas a ponta das mãos, arranhadas e sangrentas.

– Oh! – disse Nicolas. – Você se machucou!... Vem, deixa disso. No final das contas, ainda tem bastante sol por aqui. Vem, vou fazer um curativo...

Ele o guardou no bolso do peito e o outro deixou de fora suas pobres patas feridas, esgotado, com os olhos semicerrados.

Colin girou os botões de seu cofre de dobrezões com grande rapidez e cantarolou. Não estava mais pressionado pela preocupação dos últimos dias e se sentia como se o coração tivesse a forma de uma laranja. O cofre era de mármore branco incrustado de marfim, e os botões de ametista verde-escura. O mostrador indicava sessenta mil dobrezões.

A porta se mexeu num clique azeitado e Colin parou de sorrir. O ponteiro, bloqueado sabe-se lá por quê, acabava de se fixar, depois de duas ou três oscilações, em trinta e cinco mil dobrezões. Ele enfiou a mão no cofre e verificou rapidamente a exatidão do número. Fazendo um rápido cálculo mental, constatou sua veracidade. De cem mil, deu vinte e cinco mil a Chick para se casar com Alise, quinze mil pelo carro, cinco mil pela cerimônia... O resto tinha ido embora naturalmente. Isso o tranquilizou um pouco.

– Normal – disse ele em voz alta, e sua voz lhe pareceu estranhamente alterada.

Ele pegou o que era preciso, hesitou, guardou a metade num gesto de cansaço e tornou a fechar a porta. Os botões giraram rápido, fazendo um pequeno clique claro. Deu um peteleco no mostrador e verificou que o ponteiro indicava corretamente a soma ali contida.

Então ele se ergueu. Ficou de pé por alguns instantes, espantado com a enormidade das somas que precisou mobilizar para dar a Chloé o que ele julgava digno dela, e sorriu, pensando em Chloé despenteada, de manhã, na cama, e na forma do lençol sobre seu corpo esticado e na cor âmbar de sua pele quando ele

puxava o lençol, e bruscamente se concentrou em pensar no cofre, pois não era o momento de pensar naquelas coisas.

Chloé estava se vestindo.

– Diz pro Nicolas fazer sanduíches – disse ela – porque vamos sair agora mesmo... Marquei com eles na casa da Isis.

Colin beijou-a no ombro, aproveitando uma clareira, e correu para avisar Nicolas. Nicolas tinha acabado de cuidar do camundongo e fabricava um pequeno par de muletas de bambu para ele.

– Pronto – concluiu ele. – Anda com isso até hoje à noite e ele não vai mais aparecer.

– O que é que ele tem? – perguntou Colin, fazendo-lhe um carinho na cabeça.

– Ele quis limpar os ladrilhos do corredor – disse Nicolas. – Conseguiu, mas se machucou.

– Não se preocupe com isso – disse Colin. – Isso volta sozinho a ser como antes.

– Não sei – disse Nicolas. – É estranho. Parece que os ladrilhos estão respirando mal.

– Vai voltar a ser como antes sozinho – disse Colin. – ... Eu acho, pelo menos... Isso nunca aconteceu antes?

– Não – disse Nicolas.

Colin permaneceu por alguns instantes diante da janela da cozinha.

– Talvez seja o desgaste normal – disse. – Poderíamos tentar mandar trocar...

– Vai custar bem caro – disse Nicolas.

– É – disse Colin. – Melhor esperar.

– O que você queria? – perguntou Nicolas.

– Não prepare nada na cozinha – disse Colin. – Só sanduíches... Vamos sair agora mesmo.

– Bom, vou me vestir – disse Nicolas.

Nicolas pôs o camundongo no chão e ele foi na direção da porta, oscilando entre suas pequenas muletas. Dos dois lados, os bigodes as ultrapassavam.

30

A rua tinha mudado completamente de aspecto desde a partida de Colin e Chloé. Agora, as folhas das árvores estavam grandes e as casas deixavam sua aparência pálida para se nuançar num verde apagado antes de ganhar o bege suave do verão. O calçamento se tornava elástico e suave sob os passos, e o ar cheirava a framboesa.

Ainda estava fresco, mas adivinhava-se o tempo bom por trás das janelas de vidros azulados. Flores verdes e azuis brotavam nas calçadas, e a seiva serpenteava por seus ramos finos com um ruído leve e úmido, como os beijos de um caramujo.

Nicolas abria a caminhada. Estava vestido com um conjunto esporte de lã mostarda, e vestia, por baixo, um abrigo de gola rulê cujo tecido desenhava um salmão à moda de Chambord, tal como aparecia na página 607 do *Livro de cozinha* de Gouffé. Seus sapatos de couro amarelo com sola de crepe mal roçavam a vegetação. Ele tomava o cuidado de andar nas duas trilhas que eram deixadas livres para que os carros passassem.

Colin e Chloé o seguiam, Chloé segurava Colin pela mão e respirava em longos haustos os odores do ar. Chloé usava um vestidinho de lã branco e um mantelete de leopardo benzolado, cujas pintas, atenuadas pelo tratamento, se alargavam em auréolas e se recortavam em curiosas interferências. Seus cabelos de musgo flutuavam livremente e exalavam um suave vapor perfumado de jasmim e cravo.

Colin, de olhos semicerrados, se guiava por esse perfume, e seus lábios tremiam suavemente a cada aspiração. As fachadas das casas murchavam um pouco, deixando a séria retidão de lado,

e o aspecto resultante da rua por vezes desnorteava Nicolas, que precisava parar para ler as placas esmaltadas.

– O que é que nós vamos fazer primeiro? – perguntou Colin.

– Vamos às compras – disse Chloé. – Não tenho nem mais um vestido.

– Não quer ir nas irmãs Callotte, como de costume? – disse Colin.

– Não – disse Chloé –, quero ir ao comércio e comprar vestidos já prontos e outras coisas.

– A Isis com certeza vai ficar feliz em te ver, Nicolas – disse Colin.

– Posso saber por quê? – perguntou Nicolas.

– Não sei...

Eles viraram na rua Sidney Bechet e já era ali. A porteira, na entrada, se balançava numa *rocking chair* mecânica cujo motor soltava petardos em ritmo de polca. Era um velho sistema.

Isis os recebeu. Chick e Alise já tinham chegado. Isis estava de vestido vermelho e sorriu para Nicolas. Beijou Chloé e eles se entrebeijaram por alguns instantes.

– Você está com uma cara ótima, minha Chloé – disse Isis. – Achei que estava doente. Isso me tranquiliza.

– Estou melhor – disse Chloé. – O Nicolas e o Colin cuidaram muito bem de mim.

– Como estão as suas primas? – perguntou Nicolas.

Isis ficou rubra até os olhos.

– Elas me pedem notícias suas todos os dias – disse ela.

– São garotas encantadoras – disse Nicolas virando-se levemente –, mas você é mais firme.

– Sim... – disse Isis.

– E a viagem? – disse Chick.

– Correu tudo bem – disse Colin. – No começo a estrada estava péssima, mas depois melhorou.

– Foi tudo bem – disse Chloé –, menos a neve...

Ela levou a mão ao peito.

– Aonde vamos? – perguntou Alise.

– Posso fazer um resumo da conferência do Partre, se vocês quiserem – disse Chick.

– Você comprou mais Partre desde que fomos embora? – perguntou Colin.

– Oh!... Não... – disse Chick.

– E o seu trabalho? – perguntou Colin.

– Oh! Tudo bem... – disse Chick. – Tem um cara que me substitui quando eu sou obrigado a sair.

– Ele faz isso de graça? – perguntou Colin.

– Oh!... Quase! – disse Chick. – Quer que a gente vá patinar agora mesmo?

– Não, vamos ao comércio – disse Chloé. – Mas, se os homens quiserem patinar...

– É uma ideia – disse Colin.

– Vou acompanhá-las no comércio – disse Nicolas. – Preciso fazer umas comprinhas.

– Assim está bem – disse Isis. – Mas vamos logo, para depois termos tempo de patinar um pouco.

31

Colin e Chick patinavam havia uma hora e a pista começava a encher de gente. Sempre as mesmas garotas, sempre os mesmos rapazes, sempre as quedas e sempre os criados-limpadores com o rodo. O encarregado tinha acabado de tocar na vitrola um refrão que os habitués tinham aprendido de cor fazia semanas. Ele a trocou pela do outro lado, a qual todos esperavam, pois suas manias já eram conhecidas, mas o disco parou de repente e uma voz cavernosa se fez ouvir em todos os alto-falantes exceto um, dissidente, que continuou a tocar música. A voz pedia ao sr. Colin que fosse até a entrada, pois havia um telefonema para ele.

– O que será? – disse Colin.

Ele correu até a borda, seguido por Chick, e pisou no tapete de borracha. Passou pelo bar e entrou na cabine de controle, onde ficava o microfone. O homem dos discos estava escovando um deles com uma escova de alpiste para eliminar as asperezas nascidas do desgaste.

– Alô! – disse Colin, pegando o aparelho.

E escutou.

Chick o viu, a princípio espantado, ficar bruscamente da cor do gelo.

– É grave? – perguntou.

Colin fez sinal para que se calasse.

– Estou indo – disse ele no fone e desligou.

As paredes da cabine se aproximavam e ele saiu antes de ser esmagado, seguido de perto por Chick. Correu de patins. Seus pés se torciam para todos os lados. Chamou um rapaz.

– Abra rápido a minha cabine. A 309.

– A minha também, a 311 – disse Chick.

O rapaz os seguiu, sem se apressar demais. Colin se virou, viu-o a dez metros e esperou que chegasse. Juntou forças e selvagememente aplicou-lhe um formidável golpe de patins no queixo, e a cabeça do rapaz foi parar em cima de uma das chaminés de respiro do maquinário, enquanto Colin se apossava da chave que o cadáver, com ar ausente, ainda tinha em mãos. Colin abriu uma cabine, enfiou o corpo lá dentro, cuspiu em cima e correu para a 309. Chick fechou a porta.

– O que há? – perguntou, em arquejos, ao chegar.

Colin já havia tirado os patins e recalçado os sapatos.

– A Chloé – disse ele – está doente.

– Grave?

– Não sei – disse Colin. – Teve uma síncope.

Ficou pronto e foi embora.

– Aonde você vai? – berrou Chick.

– Para casa!... – berrou Colin, e desapareceu na escada de concreto sonoro.

Do outro lado, os homens das máquinas saíram, sufocados, pois o respiro não funcionava mais, e desabaram, exaustos, às margens da pista.

Chick, tocado de estupor, com um patim nas mãos olhava vagamente o lugar onde Colin havia desaparecido.

Debaixo da porta da cabine 128, um filete de sangue espumoso serpenteava lentamente, e o licor rubro começou a correr no gelo em grossas gotas, fumegantes e pesadas.

32

Ele corria com todas as suas forças, e as pessoas, diante de seus olhos, se inclinavam lentamente, para cair, como no boliche, deitadas no calçamento, com um barulho mole, feito uma caixa grande que é largada no ar.

E Colin corria, corria, e o ângulo agudo do horizonte, apertado entre as casas, se precipitava em sua direção. Sob seus passos, era noite. Uma noite de chumaço negro, amorfo e inorgânico, e o céu estava sem cor, um forro, um ângulo agudo a mais, ele corria em direção ao cume da pirâmide, interrompido em cheio por seções de noite menos escuras, mas ainda havia três ruas antes da dele.

Chloé repousava, claríssima, na bela cama de suas núpcias. Estava de olhos abertos, mas respirava mal. Alise estava com ela. Isis ajudava Nicolas a preparar, segundo Gouffé, um reconstituente infalível, e o camundongo esmagava com os dentes agudos sementes de erva de decocção para a beberagem do criado-mudo.

Mas Colin não sabia, corria, tinha medo, porque nunca basta estar junto, ainda é preciso ter medo, talvez seja um acidente, foi atropelada, ela estaria na cama, eu não poderia vê-la, iriam me impedir de entrar, mas então vocês acham mesmo que eu tenho medo da minha Chloé, vou vê-la apesar de vocês, não, Colin, não entra. Ela talvez só esteja ferida, então não há de ser nada, amanhã vamos juntos ao bosque, visitar o banco, estávamos de mãos dadas, e os cabelos dela perto dos meus, o perfume dela no travesseiro. Sempre fico com o travesseiro dela, vamos disputá-lo até a noitinha, o meu ela acha fofo demais, fica redondinho debaixo da cabeça dela, e eu depois pego de volta, ele fica com o

cheiro dos cabelos dela. Nunca mais vou sentir o cheiro suave dos cabelos dela.

A calçada se compôs à sua frente. Passou por ela num salto gigante, já estava no primeiro andar, subiu, abriu a porta e estava calmo e tranquilo, ninguém de preto, nenhum religioso, a paz dos tapetes de padrão cinza-azul. Nicolas disse a ele: “Não foi nada”, e Chloé sorriu, estava feliz em vê-lo.

33

A mão de Chloé, morna e confiante, estava na mão de Colin. Ela olhava para ele, seus olhos claros e meio espantados o mantinham em repouso. Embaixo da plataforma, no quarto, havia temores que se amontoavam, obstinados em sufocar uns aos outros. Chloé sentia uma força opaca em seu corpo, em seu tórax, uma presença oposta, não sabia como lutar, tossia de tempos em tempos para deslocar o adversário agarrado em sua carne profunda. Parecia-lhe que, respirando fundo, ela seria entregue viva à ira terna do inimigo, à sua malignidade insidiosa. Seu peito se erguia com dificuldade e o contato dos lençóis macios com suas pernas compridas e nuas dava calma a seus movimentos. A seu lado, Colin, as costas meio encurvadas, olhava para ela. A noite estava chegando, formava-se em camadas concêntricas ao redor do pequeno nó luminoso da arandela acesa na cabeceira da cama, fechada por uma placa redonda de cristal jateado.

– Coloca uma música, meu Colin – disse Chloé. – Põe umas músicas de que você gosta.

– Você vai ficar cansada – disse Colin.

Ele falava de bem longe, estava com uma cara ruim. Seu coração ocupava todo o espaço em seu peito, e só agora ele se dava conta disso.

– Vai, por favor – disse Chloé.

Colin se levantou, desceu a escadinha de carvalho e acionou o aparelho automático. Havia caixas acústicas em todos os ambientes. Ele ligou a do quarto.

– O que você pôs? – perguntou Chloé.

Ela sorria. Sabia direitinho.

- Lembra? – disse Colin.
- Lembro...
- Não está sentindo dor?
- Não muita...

No lugar onde os rios se lançam ao mar forma-se uma barreira difícil de transpor, e grandes redemoinhos de espuma nos quais dançam destroços de navios. Entre a noite do lado de fora e a luz da arandela, as lembranças refluíam da escuridão, se chocavam com a claridade e, ora submersas, ora aparentes, mostravam seus ventres brancos e seus dorsos prateados. Chloé se acomodou de leve.

- Vem se sentar perto de mim...

Colin se aproximou dela, se instalou atravessado na cama, e a cabeça de Chloé repousou na cavidade formada por seu braço esquerdo. A renda da blusa leve desenhava em sua pele dourada uma trama caprichosa, ternamente inflada pelo nascimento dos seios. A mão de Chloé se agarrava ao ombro de Colin.

- Não está zangado?...
- Por que zangado?
- Por ter uma mulher tão boba...

Confiante, ele a beijou na saboneteira.

- Cobre mais o braço, minha Chloé. Você vai tomar friagem.
- Não estou com frio – disse Chloé. – Ouve o disco.

Havia algo de etéreo no estilo de Johnny Hodges, algo de inexplicável e de perfeitamente sensual. A sensualidade em estado puro, livre do corpo.

Os cantos do quarto se modificavam e se arredondavam sob o efeito da música. Colin e Chloé repousavam agora no centro de uma esfera.

- O que era? – perguntou Chloé.
- Era “The Mood to be Wooed” – disse Colin.
- É o que eu estava sentindo – disse Chloé. – Como o doutor vai conseguir entrar no nosso quarto no formato em que ele está?

34

Nicolas foi abrir. Na soleira, havia um doutor.

– Sou o doutor – disse ele.

– Bom – disse Nicolas. – Se quiser se dar o trabalho de me seguir...

Ele o arrastou atrás de si.

– Aí está – explicou, quando chegaram à cozinha. – Prove isto e me diga o que acha.

Era, num receptáculo sílico-sodo-cálcico vitrificado, uma beberagem de cor particular, tirante ao púrpura de Cássio e ao verde vessiê, com um leve desvio para o azul-cromo.

– O que é? – perguntou o doutor.

– Uma beberagem... – disse Nicolas.

– Sei muito bem... Mas – disse o doutor – a que se destina?

– Um reconstituente – disse Nicolas.

O doutor levou o copo ao nariz, farejou, se inflamou, aspirou e provou, depois bebeu e pegou a barriga entre as mãos, largando sua maleta doutorística.

– Funciona? Hein? – disse Nicolas.

– Eita!... Funciona – disse o doutor. – É mesmo de matar... O senhor é veterinário?

– Não – disse Nicolas –, cozinheiro. Enfim, resumindo, funciona.

– Nada mal – disse o doutor. – Me sinto revitalizado...

– Venha ver a doente – disse Nicolas. – Agora o senhor está desinfetado.

O doutor se pôs a caminho, mas na direção errada. Parecia bem pouco dono de seus movimentos.

– Ei! – disse Nicolas – Diga-nos!... Está em condições de fazer o exame, não?

– Bom – disse o doutor –, gostaria de ter a opinião de um confrade, então pedi ao Comemangas que viesse...

– Muito bem – disse Nicolas. – Então venha por aqui.

Ele abriu a porta da escada de serviço.

– Desça três andares e vire à direita. Entre e já estará lá...

– Pois bem... – disse o doutor.

Começou a descer, mas de repente parou.

– Mas onde estou?

– Aqui... – disse Nicolas.

– Ah! Certo!... – disse o doutor.

Nicolas voltou a fechar a porta. Colin estava chegando.

– O que era? – perguntou ele.

– Um doutor. Tinha cara de idiota, então me livrei dele.

– Mas precisamos de um – disse Colin.

– Claro – disse Nicolas. – O Comemangas vem aí.

– Melhor assim – disse Colin.

A campainha soou novamente.

– Não se mexa – disse Colin –, vou lá.

No corredor, o camundongo subiu por sua perna e veio se pendurar em seu ombro direito. Ele correu e abriu para o professor.

– Olá! – disse este último.

Ele estava vestido de preto e usava uma camisa de um amarelo brilhoso.

– Fisiologicamente – declarou – preto sobre amarelo significa contraste máximo. Acrescento que não cansa a vista e que evita ser atropelado.

– Certamente – aprovou Colin.

O professor Comemangas podia ter uns quarenta anos. Tinha tamanho para suportá-los. Mas nem um ano a mais. Tinha o rosto glabro, com uma barbicha pontuda e óculos inexpressivos.

– Queira me seguir – propôs Colin.
– Não sei – disse o professor –, estou em dúvida...
Ele se decidiu, mesmo assim.
– Quem está doente?
– A Chloé – disse Colin.
– Ah! – disse o professor – Isso me lembra uma melodia...
– É – disse Colin –, essa mesmo.
– Bom – concluiu Comemangas –, vamos lá. Poderia ter me dito antes. O que ela tem?
– Não sei – disse Colin.
– Eu também não – confessou o professor –, mas já, já poderei lhe dizer.
– Mas vai saber? – perguntou Colin, nervoso.
– É possível – disse o professor Comemangas, em dúvida. – Eu ainda precisaria examiná-la...
– Mas então venha... – disse Colin.
– Pois não... – disse o professor.
Colin o levou até a porta do quarto e se lembrou rapidamente de alguma coisa.
– Cuidado ao entrar – disse ele –, está uma bola.
– Sim, estou acostumado – disse Comemangas –, ela está grávida?...
– Não... – disse Colin. – O senhor é idiota... O quarto está uma bola.
– Redondinho? – perguntou o professor. – Então vocês puseram para tocar um disco do Ellington?
– Foi – disse Colin.
– Também tenho em casa – disse Comemangas. – Conhece “Slap Happy”?
– Eu prefiro... – começou Colin, e se lembrou de Chloé, que esperava, e empurrou o professor para dentro do quarto.
– Olá – disse o professor.
Ele subiu pela escadinha.

– Olá – respondeu Chloé. – Como vai?
– Meu Deus – respondeu o professor –, às vezes meu fígado me faz sofrer. Sabe o que é?
– Não – disse Chloé.
– Claro – respondeu o professor –, a senhora não tem o fígado doente.

Ele se aproximou de Chloé e pegou sua mão.

– Quentinha, hein?...

– Não percebo.

– Sim – disse o professor –, mas isso é uma imperfeição.

Ele se sentou na cama.

– Vou auscultá-la, se isso não a incomoda.

– Por favor – disse Chloé.

O professor tirou de sua maleta um estetoscópio com amplificador e aplicou a cápsula nas costas de Chloé.

– Conte – disse ele.

Chloé contou.

– Não está bom – disse o doutor –, depois de vinte e seis, é vinte e sete.

– Sim – disse Chloé –, desculpe-me.

– Já basta – disse o doutor. – Está tossindo?

– Sim – disse Chloé, e tossiu.

– O que ela tem, doutor? – perguntou Colin. – É grave?

– Hmm!... – disse o professor – Ela tem alguma coisa no pulmão direito. Mas não sei o que é...

– Então? – perguntou Colin.

– É preciso que ela faça um exame mais detalhado – disse o professor.

– Não me agrada que ela se levante, doutor – disse Colin. – E se ela se sentir mal, como hoje à tarde?

– Não – disse o professor –, não é grave. Vou lhe dar uma receita, mas é preciso seguir.

– Claro, doutor – disse Chloé.

Ela levou a mão à boca e se pôs a tossir.

– Não tussa – disse Comemangas.

– Não tosse, meu amor – disse Colin.

– Não consigo evitar – disse Chloé, com a voz entrecortada.

– Ouve-se uma música estranha no seu pulmão – disse o professor.

Ele parecia meio entediado.

– É normal, doutor? – perguntou Colin.

– Até certo ponto... – respondeu o professor.

Ele repuxou a barbicha, que voltou para o lugar com um clique seco.

– Quando devemos ir vê-lo, doutor? – perguntou Colin.

– Daqui a três dias – disse o professor. – Preciso aprontar meus aparelhos.

– O senhor não costuma utilizá-los? – perguntou Chloé por sua vez.

– Não – disse o professor. – Prefiro de longe construir modelos de avião em miniatura, mas não largam do meu pé, então estou no mesmo avião há um ano e não consigo encontrar tempo para terminar. É exasperante, no final das contas!...

– Sem dúvida – disse Colin.

– São uns tubarões – disse o professor. – Com muita complacência, eu me comparo ao infeliz naufrago cuja sonolência os monstros vorazes espreitam para virar seu frágil esquiife.

– É uma bela imagem – disse Chloé, e riu, suavemente, para não tossir de novo.

– Cuidado, pequena – disse o professor, pondo-lhe a mão no ombro. – É uma imagem completamente estúpida, uma vez que, segundo o *Génie Civil* de 15 de outubro de 1944, ao contrário da opinião corrente, das trinta e cinco espécies de tubarão conhecidas, as que podem comer homens não passam de três ou quatro! Os tubarões são mais atacados pelos homens do que os homens pelos tubarões...

– O senhor fala bem, doutor – disse Chloé, com admiração.
Bem que ela estava gostando daquele doutor.

– É a revista *Génie Civil* – disse o doutor. – Não sou eu. Dito isto, vou-me embora.

Ele deu em Chloé um belo beijo na bochecha direita e um tapinha no ombro e desceu a escadinha. Enganchou o pé direito no pé esquerdo e o pé esquerdo no último degrau e caiu.

– As suas instalações são especiais – observou ele para Colin, esfregando vigorosamente as costas.

– Desculpe-me – disse Colin.

– Além do mais – acrescentou o professor –, esse ambiente esférico tem algo de deprimente. Tente pôr “Slap Happy” para tocar, provavelmente vai fazer as coisas voltarem para o lugar, ou então passe uma plaina.

– Entendido – disse Colin. – Aceitaria um pequeno aperitivo?

– Vá lá – disse o professor. – Até a próxima, pequena – gritou ele para Chloé, antes de sair do quarto.

Chloé ainda estava rindo. De baixo, ela podia ser vista sentada na enorme cama superabaixada, como que sobre um estrado, iluminada de lado pela arandela. Os raios de luz eram filtrados por seus cabelos, da cor do sol na relva nova, e a luz que batia em sua pele se fazia dourada sobre as coisas.

– O senhor tem uma bela mulher – disse o professor a Colin no vestíbulo.

– Sim – disse Colin.

Ele começou a chorar de repente, pois sabia que Chloé sentia dores.

– Vamos lá – disse o professor –, assim o senhor me põe numa situação embaraçosa... Vou precisar consolá-lo... Tome...

Ele vasculhou um bolso interno do paletó e de lá tirou uma caderneta de couro vermelho.

– Veja, é a minha.

– A sua? – perguntou Colin, se esforçando para voltar à calma.

– Minha mulher – explicou o professor.

E Colin abriu a caderneta, maquinalmente, e se escangalhou de rir.

– Aí está – disse o professor. – Não falha nunca. Eles sempre riem. Mas, enfim... o que ela tem de tão engraçado?

– Eu... eu não... sei – balbuciou Colin, e desabou, entregue a uma crise de gargalhada extrema.

O professor pegou de volta a caderneta.

– Vocês são todos iguais – disse ele –, acham que as mulheres precisam ser bonitas... E então, e esse aperitivo, vem ou não vem?

35

Colin, seguido por Chick, empurrou a porta do vendedor de remédios. Fez *ding!*... e o vidro da porta veio abaixo sobre um sistema complicado de garrafinhas e aparelhos de laboratório.

Alertado pelo barulho, o vendedor apareceu. Era grande, velho e magro, e usava na cabeça um penacho de crina branca arrepitada.

Ele se precipitou em seu balcão, pegou o telefone e discou um número com a rapidez que resulta de um velho hábito.

– Alô! – disse ele.

Sua voz tinha o som de uma buzina náutica, e o chão, debaixo de seus pés compridos, negros e chatos, se inclinava com regularidade de frente para trás, enquanto pequenas ondas arrebentavam no balcão.

– Alô! Casa Gershwin? Poderia enviar uma vidraça para a minha porta de entrada?! Em quinze minutos?... Sejam rápidos, outro cliente pode chegar... Bom...

Ele recolocou o fone, que desligou com esforço.

– Senhores, em que posso ser útil?

– Executar esta receita... – sugeriu Colin.

O farmacêutico pegou o papel, dobrou em dois, transformou-o numa tira comprida e apertada e a introduziu numa pequena guilhotina de escritório.

– Feito – disse ele, apertando um botão vermelho.

A lâmina se abateu, e a receita se distensionou e desenrijeceu.

– Volte esta tarde, às seis horas, seus remédios estarão prontos.

– É que – disse Colin – estamos bastante apressados...

– Nós – acrescentou Chick – queríamos obtê-los agora mesmo.

– Se – respondeu o vendedor – vocês quiserem aguardar, vou preparar o que é necessário.

Colin e Chick se sentaram num banco de veludo púrpura, bem em frente ao balcão, e esperaram. O vendedor se abaixou atrás do balcão e deixou o ambiente por uma porta escondida, subindo quase silenciosamente. O atrito de seu corpo comprido e magro no assoalho se atenuou, depois se dissolveu no ar.

Eles olhavam para as paredes. Em altas estantes de cobre patinado enfileiravam-se potes de vidro com espécies simples e tópicos eficazes. Uma fluorescência compacta emanava do último vidro de cada fileira. Num recipiente cônico de vidro grosso e corroído, girinos inchados giravam em espiral descendente e atingiam o fundo, depois repartiam em flecha até a superfície e retomavam sua giração descentrada, deixando atrás um rastro esbranquecido de água espessa. Ao lado, ao fundo de um aquário de muitos metros de comprimento, o vendedor estabeleceu um banco de testes de rãs com chaminés, e aqui e ali jaziam algumas rãs inutilizáveis cujos quatro corações ainda batiam debilmente.

Atrás de Chick e Colin estendia-se um grande afresco que representava o vendedor de remédios fornicando com sua mãe, com as vestes de César Bórgia nas corridas. Havia, sobre as mesas, uma quantidade de máquinas para fabricar pílulas, e algumas funcionavam, ainda que em modo lento.

Os comprimidos, que saíam de uma tubulação de vidro azul, eram recolhidos por mãos de cera que os punham em cones de papel dobrado.

Colin levantou-se para olhar mais de perto a máquina mais próxima e ergueu o cárter enferrujado que a protegia. Lá dentro, um animal composto, meio carne, meio metal, se exauria engolindo a matéria de base e expulsando-a na forma de bolotas regulares.

– Vem ver, Chick – disse Colin.

– O quê? – perguntou Chick.

– É muito estranho!... – disse Colin.

Chick olhou. O bicho tinha o maxilar proeminente, que se deslocava em rápidos movimentos laterais. Sob uma pele transparente, distinguiam-se costelas tubulares de aço fino e um duto digestivo que se agitava preguiçosamente.

– É um coelho modificado – disse Chick.

– Você acha?

– Isso se faz a torto e a direito – disse Chick. – Conserva-se a função que se deseja. Aqui, ele manteve os movimentos do tubo digestivo, sem a parte química da digestão. É bem mais fácil que fazer comprimidos com um escapamento normal.

– O que é que isso come? – perguntou Colin.

– Cenouras cromadas – disse Chick. – Eram fabricadas na usina em que eu trabalhava depois da faculdade. Depois, dão para ele os ingredientes dos comprimidos...

– É mesmo uma bela invenção – disse Colin –, e faz umas pílulas bem bonitas.

– É – disse Chick. – Ficam redondinhas.

– Diz aí – disse Colin, voltando para se sentar...

– O quê? – perguntou Chick.

– Quanto sobrou dos vinte e cinco mil dobrezões que eu te dei antes de ir viajar?

– Bem... – respondeu Chick.

– Já é hora de você se decidir e casar com a Alise. É tão constrangedor para ela continuar do jeito que você continua...

– É... – respondeu Chick.

– Afinal, ainda sobraram uns vinte mil dobrezões? Mesmo assim... É suficiente para você se casar...

– É que... – disse Chick.

Ele parou, pois era difícil dizer.

– É que o quê? – insistiu Colin. – Você não é o único a ter problemas de dinheiro...

– Eu sei muito bem – disse Chick.

– E então? – disse Colin.

– Então – disse Chick –, só sobraram três mil e duzentos dobrezões...

Colin se sentia muito cansado. Coisas pontiagudas e foscas rodopiavam em sua cabeça com um rumor vago de maré. Ele se firmou no banco.

– Não pode ser verdade... – disse ele.

Ele estava cansado, como se tivesse sido forçado a chicotadas a fazer uma corrida com obstáculos.

– Não pode ser verdade... – repetiu. – É brincadeira sua...

– Não... – disse Chick.

Chick estava de pé. Arranhava, com a ponta do dedo, o canto da mesa mais próxima. Os comprimidos rolavam na tubulação de vidro com um barulhinho de bola de gude e o atrito do papel com as mãos de cera criava uma atmosfera de restaurante magdaleniano.

– Mas o que você fez com o dinheiro? – perguntou Colin.

– Comprei Partre – disse Chick.

Ele vasculhou o bolso.

– Veja este. Encontrei ontem. Não é uma maravilha?

Era *Arroto de flores* em marroquim perolado, com gravuras de Kierkegaard.

Colin pegou o livro e olhou, mas não via as páginas. Via os olhos de Alise, em seu casamento, e o olhar de deslumbramento triste que ela lançava sobre o vestido de Chloé. Mas Chick não conseguia entender. Os olhos de Chick nunca iam tão alto.

– O que você quer que eu te diga... – murmurou Colin. – Então você gastou tudo?...

– Obtive dois manuscritos dele na semana passada – disse Chick, e sua voz tremulava em contida vibração. – E já gravei sete conferências...

– Certo... – disse Colin.

– Por que me perguntou isso? – disse Chick. – Tanto faz para a Alise se eu caso com ela ou não. Está feliz assim. Eu gosto muito dela, você sabe, e além disso ela também adora o Partre!

Uma das máquinas parecia ter disparado. Os comprimidos saíam em cascata e clarões roxos jorravam no momento em que eles caíam nos cones de papel.

– O que está acontecendo? – disse Colin. – Será perigoso?

– Acho que não – disse Chick. – De todo modo, não vamos ficar perto.

Eles ouviram, bem longe, uma porta se fechar, e o vendedor de remédios de repente surgiu de trás do balcão.

– Eu os fiz esperar – disse ele.

– Não tem importância – garantiu Colin.

– Tem, sim... – disse o vendedor. – Foi de propósito. Para o meu status social.

– Uma das suas máquinas parece ter disparado... – disse Colin, apontando a engenhoca em questão.

– Ah!... – disse o vendedor de remédios.

Ele se curvou, pegou uma carabina debaixo do balcão, posicionou-a tranquilamente no ombro e atirou. A máquina rodopiou pelos ares e caiu em arquejos.

– Não foi nada – disse o vendedor. – De vez em quando o coelho ganha do aço e é preciso eliminá-los.

Ele ergueu a máquina, pressionou o cárter inferior para fazê-la mijar e a dependurou num prego.

– Aqui estão os seus remédios – disse ele, tirando uma caixa do bolso. – Cuidado, é muito ativo. Não ultrapasse a dose.

– Ah! – disse Colin. – E, segundo o senhor, é contra o quê?

– Não posso dizer... – respondeu o vendedor.

Ele passou na cabeleira branca uma mão comprida de unhas curvas.

– Pode ser para muitas coisas... – concluiu. – Mas uma planta comum não resistiria muito tempo.

– Ah! – disse Colin. – Quanto eu lhe devo?
– É bem caro – disse o vendedor. – O senhor deveria me trucidar e ir embora sem pagar...
– Oh! – disse Colin. – Estou muito cansado...
– Então são dois dobrezões – disse o vendedor.
Colin sacou a carteira.
– O senhor sabe – disse o vendedor –, é realmente um roubo.
– Não tem importância – disse Colin, com a voz mortíça.
Ele pagou e foi embora. Chick o seguiu.
– O senhor é burro – disse o vendedor de remédios ao acompanhá-los até a porta. – Sou velho e sem resistência.
– Não tenho tempo – murmurou Colin.
– Não é verdade – disse o vendedor. – Não teria esperado tanto tempo...
– Agora estou com os remédios – disse Colin. – Até a próxima, senhor.
Ele andava de viés pela rua, em abordagem oblíqua, para administrar suas forças.
– Você sabe – disse Chick – que eu não vou me separar da Alise só porque não vou casar com ela...
– Oh! – disse Colin. – Não posso dizer nada... É assunto seu, no final das contas...
– É a vida – disse Chick.
– Não – disse Colin.

36

O vento se embrenhava por entre as folhas e saía das árvores carregado de odores de rebentos e flores. As pessoas andavam um pouco mais alto e respiravam mais forte, pois havia ar em abundância. O sol desdobrava devagar seus raios e os aventurava, com cautela, em lugares que não conseguia atingir diretamente, recurvando-os em ângulos arredondados e untuosos, mas se chocava com coisas muito escuras e os recolhia bem rápido, num movimento nervoso e preciso de polvo dourado. Sua imensa carcaça em chamas se aproximou pouco a pouco, depois começou, imóvel, a vaporizar as águas continentais, e os relógios soaram três badaladas.

Colin lia uma história para Chloé. Era uma história de amor e acabava bem. Naquele momento, o herói e a heroína escreviam-se cartas.

– Por que é tão comprido? – disse Chloé. – Normalmente vai bem mais rápido...

– Você está acostumada a esse tipo de coisa? – perguntou Colin.

Ele pinçou vigorosamente a extremidade de um raio de sol que ia atingir o olho de Chloé. Ele se retraiu, molengo, e foi passear nos móveis do quarto.

Chloé ruborizou-se.

– Não, não tenho o costume... – disse, timidamente –, mas me parece...

Colin fechou o livro.

– Tem razão, minha Chloé.

Ele se levantou e se aproximou da cama.

– Está na hora de tomar um dos seus comprimidos.

Chloé teve um arrepio.

– É muito desagradável – disse ela. – Sou obrigada?

– Acho que sim – disse Colin. – Hoje à noite você vai ver o doutor, finalmente vamos saber o que você tem. Por enquanto, é preciso tomar os comprimidos. Depois, quem sabe ele te dá outra coisa...

– É horrível – disse Chloé.

– É preciso ser sensata.

– É como se dois bichos brigassem no meu peito quando tomo um. E, além disso, não é verdade... Não é preciso ser sensata...

– É melhor não, mas, às vezes, é preciso – disse Colin.

Ele abriu a caixinha.

– Eles têm uma cor horrível – disse Chloé – e cheiram mal.

– São estranhos, reconheço – disse Colin –, mas é preciso tomar.

– Olha – disse Chloé. – Eles mexem sozinhos e, além disso, são meio transparentes, e com certeza tem alguma coisa viva lá dentro.

– Com certeza, na água que você bebe em seguida – disse Colin – eles não vivem por muito tempo.

– É idiota o que você está dizendo... Talvez seja um peixe...

Colin começou a rir.

– Então vai te fortalecer.

Ele se inclinou na direção dela e a beijou.

– Toma, minha Chloé, seja boazinha!

– Tomo sim – disse Chloé –, mas só se você me beijar!

– Claro – disse Colin. – Você não tem nojo de beijar um marido feioso que nem eu...

– É verdade que bonito você não está – disse Chloé, implicante.

– Não é culpa minha.

Colin baixou o nariz.

– Não estou dormindo o suficiente – continuou ele.

– Meu Colin, me beije, eu sou horrorosa. Me dê dois comprimidos.

– Você é louca – disse Colin. – Um só. Vai, engole...

Chloé fechou os olhos, empalideceu e levou a mão ao peito.

– Pronto – disse ela, com esforço. – Vai recomeçar...

Gotículas de suor apareciam bem perto de seu cabelo brilhante.

Colin se sentou a seu lado e passou um braço por trás do pescoço dela. Ela pegou a mão dele entre as suas e gemeu.

– Calma, minha Chloé – disse Colin –, é necessário.

– Está doendo... – murmurou Chloé.

Lágrimas grossas feito olhos apareceram no canto de suas pálpebras e traçaram riscos frios em suas bochechas redondas e suaves.

37

– Não consigo mais ficar de pé... – murmurou Chloé.

Ela estava com os dois pés no chão e tentava se levantar.

– Não consigo de jeito nenhum... – disse ela –, estou toda mole.

Colin se aproximou e a ergueu. Ela se agarrou em seus ombros.

– Me segura, Colin. Vou cair!

– Foi a cama que te cansou... – disse Colin.

– Não – disse Chloé. – Foram os comprimidos do seu velho vendedor.

Ela tentou se manter de pé sozinha e cambaleou. Colin a segurou e ela o levou em sua queda na cama.

– Estou bem assim – disse Chloé. – Fica do meu lado. Faz tanto tempo que não deitamos juntos!

– Não devemos – disse Colin.

– Sim, devemos. Me beija. Sou sua mulher ou não sou?

– É – disse Colin –, mas você não está bem.

– Não é culpa minha – disse Chloé, e sua boca tremeu de leve, como se ela fosse chorar.

Colin se inclinou na direção dela e a beijou com muita suavidade, como se beijasse uma flor.

– Mais – disse Chloé. – E não só no rosto... Então você não me ama mais? Não quer mais uma mulher?

Ele a apertou mais forte em seus braços. Ela estava morna e cheirosa. Um frasco de perfume saindo de uma caixa branca capitonê.

– Isso... – disse Chloé, se espichando. – Mais...

38

- Vamos chegar atrasados – afirmou Colin.
- Não tem problema – disse Chloé –, acerta o seu relógio.
- Não quer mesmo que a gente vá de carro?...
- Não... – disse Chloé. – Queria passear na rua com você.
- Mas tem chão até lá!
- Não tem problema... – disse Chloé. – Quando você me...

beijou, agora há pouco, renovou minhas energias. Estou a fim de andar um pouco.

- Vou dizer ao Nicolas para ir nos buscar de carro, então? – sugeriu Colin.

- Oh! Se você quiser...

Ela tinha posto, para ir ao médico, um vestidinho azul leve, sem gola, com a barra em ponta, e usava um mantelete de lince, combinando com um chapeuzinho. Sapatos de couro de cobra tingido completavam o conjunto.

- Vem, gata – disse Colin.
- Não é gato – afirmou Chloé. – É lince.
- Difícil de pronunciar – disse Colin.

Eles saíram do quarto e foram para a entrada. Diante da janela, Chloé parou.

- O que há aqui? Está menos dia que de costume...
- Claro que não – disse Colin. – Tem muito sol.
- Não – disse Chloé –, eu me lembro bem, o sol vinha até este desenho no tapete, e agora só vem até aqui...
- Depende da hora – disse Colin.
- Não, não depende não, porque era na mesma hora!...
- Vamos ver amanhã, na mesma hora – disse Colin.
- Olha lá, vinha até o sétimo traço. Agora, está no quinto...

– Vem – disse Colin. – Estamos atrasados.

Chloé sorriu para si mesma ao passar por um grande espelho do corredor de lajotas. O que ela tinha não podia ser grave, e a partir de então eles sempre iriam passear juntos. Ele administraria os dobrezões dele, restava-lhe o bastante para lhes dar uma vida agradável. Talvez ele trabalhasse...

O aço da lingueta fez um clique e a porta se fechou. Chloé se segurava em seu braço. Ia a passinhos suaves. Para cada passo de Colin, eram dois dela.

– Estou contente – disse Chloé. – Tem sol e as árvores estão com um cheiro bom!

– Com certeza! – disse Colin. – É a primavera!

– É? – disse Chloé, lançando-lhe um olhar malicioso.

Viraram à direita. Havia ainda dois casarões para vencer até entrar no bairro médico. A cem metros de distância, começaram a sentir o cheiro dos anestésicos, que, em dia de vento, chegava ainda mais longe. A estrutura da calçada mudava. Agora era um canal largo e plano, coberto de grades de concreto com barras estreitas e apertadas. Debaixo das barras corria um álcool misturado com éter que carregava chumaços de algodão embebido de fluidos corporais e pus, às vezes sangue. Longos fios de sangue semicoagulado tingiam aqui e ali o fluxo volátil e farrapos de carne semidecomposta passavam lentamente, girando sobre si mesmos feito icebergs já bem derretidos. Não se sentia no ar nada além do cheiro de éter. Bandagens de gaze e curativos também desciam a corrente, desenrolando seus anéis adormecidos. Em frente de cada prédio, um tubo de escoamento desembocava no canal, e podia-se determinar a especialidade do médico observando, por alguns instantes, a abertura desses tubos. Um olho girou sobre si mesmo, olhou para eles por alguns instantes e desapareceu sob uma larga camada de algodão avermelhado e mole como uma medusa malsã.

– Não gosto disso – disse Chloé. – O ar é bem saudável, mas não é agradável de olhar...

– Não – disse Colin.

– Vem pro meio da rua.

– Tá – disse Colin. – Mas vamos ser atropelados.

– Fiz mal em recusar o carro – disse Chloé. – Minhas pernas me faltam.

– Sorte sua que ele mora bem longe do bairro da cirurgia pesada...

– Cala a boca! – disse Chloé. – Estamos chegando?

Ela recomeçou a tossir de repente e Colin empalideceu.

– Não tosse, Chloé!... – suplicou ele.

– Não, meu Colin... – disse ela, se contendo com esforço.

– Não tosse... Chegamos... É aqui.

O letreiro do professor Comemangas representava um enorme maxilar deglutindo uma pá de operário cujo ferro ficava para fora. Isso fez Chloé rir. Bem de mansinho, baixinho, pois estava com medo de tossir de novo. Havia, nas paredes, fotografias coloridas das curas milagrosas do professor, iluminadas por luzes que, no momento, não funcionavam.

– Está vendo – disse Colin. – É um grande especialista. As outras casas não têm uma decoração tão completa.

– O que só prova que ele tem muito dinheiro – disse Chloé.

– Ou que é um homem de bom gosto – disse Colin. – É muito artístico.

– É – disse Chloé. – Lembra um açougue-modelo.

Eles entraram e se viram num grande vestíbulo redondo, pintado de branco. Uma enfermeira foi até eles.

– Têm hora marcada? – perguntou ela.

– Temos – disse Colin. – Talvez estejamos meio atrasados...

– Não tem importância – garantiu a enfermeira. – O professor já parou de operar por hoje. Queiram me seguir.

Eles obedeceram e seus passos ressoavam no esmalte do solo com um som surdo e alto. Uma série de portas se abria na parede circular e a enfermeira os levou à que exibia, banhada a ouro, a reprodução em escala do letreiro gigante do lado de fora. Ela abriu a porta e apagou-se diante deles para deixá-los entrar. Eles empurraram uma segunda porta transparente e maciça e se encontraram no escritório do professor. Este último, de pé junto à janela, perfumava sua barbicha com uma escova de dentes mergulhada em extrato de opopânace.

Ele se virou com o barulho e foi até Chloé, com a mão estendida.

– Então, como se sente hoje?

– Aquelas pílulas eram terríveis.

O rosto do professor escureceu. Agora ele estava com o aspecto amulatado.

– Desagradável... – murmurou. – Bem que eu pensei.

Ficou parado por um minuto, com ar sonhador, depois percebeu que ainda estava com a escova de dentes na mão.

– Tome isto – disse ele a Colin, enfiando-a em suas mãos. – Sente-se, pequena – disse a Chloé.

Ele deu a volta na escrivaninha e sentou-se.

– Vejamos – ele disse a ela –, a senhora tem uma coisa de pulmão. Uma coisa no pulmão, para ser mais exato. Eu esperava que fosse...

Ele se interrompeu e levantou-se de repente.

– Tagarelar não adianta nada – disse. – Venha comigo. Ponha essa escova onde quiser – disse ele para Colin, que de fato não sabia o que fazer com ela.

Colin quis seguir Chloé e o professor, mas precisou afastar uma espécie de véu invisível e consistente que acabara de se instalar entre eles. Seu coração experimentou uma angústia estranha e batia sem regularidade. Ele fez um esforço, se levantou e fechou os punhos. Juntando todas as suas forças, conseguiu

avançar alguns passos, e, assim que tocou a mão de Chloé, o véu desapareceu.

Ela estava de mãos dadas com o professor e este a levou a uma salinha branca de teto cromado, da qual um aparelho liso e atarracado ocupava um lado inteiro.

– Prefiro que esteja sentada – disse o professor. – Não vai durar muito.

Havia, em frente à máquina, uma tela de prata vermelha, numa vitrine de cristal, e um só botão de regulagem, em esmalte negro, cintilando na base.

– O senhor fica? – perguntou o professor a Colin.

– Prefiro ficar – disse Colin.

O professor apertou o botão. A luz vazou do quarto numa torrente clara que desapareceu sob a porta e por um respiro situado bem em cima da máquina, e pouco a pouco a tela foi ficando mais clara.

39

O professor Comemangas dava tapinhas nas costas de Colin.

– Não se preocupe, meu velho – disse ele. – Dá para resolver.

Colin olhava para o chão, com ar devastado. Chloé segurava-lhe o braço. Fazia grandes esforços para parecer alegre.

– Pois é – disse ela –, não vai durar muito...

– Sem dúvida – murmurou Colin.

– Enfim – acrescentou o professor –, se ela seguir o meu tratamento, provavelmente vai melhorar.

– Provavelmente – disse Colin.

Eles estavam no vestibulo redondo e branco, e a voz de Colin ressoava no forro como se viesse de muito longe.

– Em todo caso – concluiu o professor –, vou lhe enviar a conta.

– Claro – disse Colin. – Agradeço pelo seu cuidado, doutor...

– E, se não melhorar – disse o professor –, venha me ver. Existe a solução da operação, que nós nem cogitamos...

– Pois é – disse Chloé, apertando o braço de Colin, e, desta vez, se pôs a soluçar.

O professor puxava a barbicha com as duas mãos.

– É muito aborrecido – disse ele.

Houve um silêncio. Uma enfermeira apareceu através da porta transparente e deu duas batidas. Um luminoso verde ENTRE se acendeu diante dela, na espessura da porta.

– É um senhor que me pediu que avisasse o senhor e a senhora que Nicolas está aqui.

– Obrigado, Mofina – respondeu o professor. – Pode se retirar – acrescentou, e a enfermeira foi embora.

– Pois então! – murmurou Colin –, vamos nos despedir, doutor.

– Certo... – disse o professor. – Até mais... Cuidem-se... Tratem de ir embora...

40

– Más notícias? – disse Nicolas sem se virar, antes de o carro sair.

Chloé ainda chorava sobre a pele branca e Colin tinha o aspecto de um homem morto. O cheiro das calçadas subia cada vez mais. Os vapores de éter preenchiam a rua.

– Vai – disse Colin.

– O que é que ela tem? – perguntou Nicolas.

– Oh! Não poderia ser pior – disse Colin.

Ele se deu conta do que tinha acabado de dizer e olhou para Chloé. Ele a amava tanto naquele momento que teria se matado por essa imprudência.

Chloé, encolhida num canto do carro, mordida os punhos. Os cabelos lustrosos caíam sobre seu rosto e ela pisoteava o chapéu de pele. Chorava com todas as suas forças, que nem um bebê, mas sem barulho.

– Perdão, minha Chloé – disse Colin. – Eu sou um monstro.

Ele se aproximou dela e a puxou para si. Beijava seus pobres olhos apavorados e sentia o coração bater em golpes surdos e lentos dentro do peito.

– Vamos te curar – disse ele. – O que eu queria dizer é que não poderia acontecer nada pior do que te ver doente, seja qual for a doença...

– Estou com medo... – disse Chloé. – Ele vai me operar, sem a menor dúvida.

– Não – disse Colin. – Você vai se curar antes.

– O que é que ela tem? – repetiu Nicolas. – Posso fazer alguma coisa?

Ele também estava com uma cara muito infeliz. Sua disposição costumeira tinha se amolecido fortemente.

– Calma, minha Chloé – disse Colin.

– Não tem dúvida – disse Nicolas –, ela vai se curar muito rápido.

– Esse nenúfar – disse Colin. – Onde será que ela foi pegar isso?

– Ela está com um nenúfar? – perguntou Nicolas, incrédulo.

– No pulmão direito – disse Colin. – No começo, o professor achava que não passava de alguma coisa animal. Mas é isso. Vimos na tela. Já está bem grande, mas, enfim, a gente deve conseguir superar.

– Pois é – disse Nicolas.

– Vocês não conseguem saber o que é – soluçou Chloé –, dói demais quando ele se mexe!

– Não chore – disse Nicolas. – Não adianta e a senhora vai se cansar.

O carro partiu. Nicolas dirigia devagar em meio às casas complicadas. O sol ia desaparecendo pouco a pouco por trás das árvores e o vento refrescava.

– O doutor quer que ela vá para a montanha – disse Colin. – Afirma que o frio vai matar essa porcaria...

– Ela pegou isso na estrada – disse Nicolas. – Estava cheia de um monte de nojeiras do mesmo tipo.

– Ele também disse que é preciso colocar flores ao redor dela o tempo todo – acrescentou Colin –, para fazer medo no outro...

– Por quê? – perguntou Nicolas.

– Porque, se ele florir – disse Colin –, outros virão. Mas não vamos deixá-lo florir...

– E é esse o tratamento? – perguntou Nicolas.

– Não – disse Colin.

– O que mais?

Colin vacilou ao responder. Sentia Chloé chorando, apertada contra seu corpo, e odiava a tortura que ia ter que lhe infligir.

- Ela não pode beber... – disse ele.
 - O quê?... – perguntou Nicolas. – Nada?...
 - Não – disse Colin.
 - Também não é assim!...
 - Duas colheres por dia... – murmurou Colin.
 - Duas colheres!... – disse Nicolas.
- Não disse mais nada e fitou o caminho à sua frente.

41

Alise deu dois toques na campainha e esperou. A porta de entrada lhe parecia mais estreita que de costume. O tapete parecia mais gasto e fino. Nicolas foi abrir.

– Oi!... – disse ele. – Veio visitá-los?

– Vim – disse Alise. – Eles estão?

– Estão – disse Nicolas. – Vem. A Chloé está lá dentro.

Ele fechou a porta. Alise examinou o tapete.

– Aqui está menos claro do que antes – disse ela. – Por que isso?

– Não sei – disse Nicolas.

– É estranho – disse Alise. – Não havia um quadro aqui?

– Não lembro mais – disse Nicolas.

Ele passou uma mão hesitante nos cabelos.

– Realmente – disse ele –, dá a impressão de que a atmosfera não é mais a mesma.

– É – disse Alise. – Isso mesmo.

Ela estava de tailleur castanho-escuro, bem cortado, e tinha na mão um grande buquê de narcisos.

– Você – disse Nicolas – está ótima. Tudo bem?

– Tudo – disse Alise. – Viu que o Chick me deu um tailleur de presente?...

– Caiu bem em você – disse Nicolas.

– Sorte minha – disse Alise – que a duquesa de Bovuar tenha o mesmo manequim que eu. É usado. O Chick queria um papel que estava num dos bolsos, então arrematou.

Ela olhou para Nicolas e acrescentou:

– Você não está bem.

– Pois é... – disse Nicolas. – ... Não sei. Tenho a impressão de estar envelhecendo.

– Mostra o passaporte – disse Alise.

Ele vasculhou o bolso de trás.

– Aí está – disse ele.

Alise abriu o passaporte e ficou lívida.

– Que idade você tinha? – perguntou em voz baixa.

– Vinte e nove anos... – disse Nicolas.

– Olha...

Ele contou. Dava trinta e cinco.

– Não entendo... – disse ele.

– Deve ser um erro – disse Alise. – Você não parece ter mais do que vinte e nove.

– Parecia ter vinte e um – disse Nicolas.

– Tudo vai se resolver, com certeza – disse Alise.

– Gosto do seu cabelo – disse Nicolas. – Vem, vem ver a Chloé.

– O que é que há aqui? – disse Alise, pensativa.

– Ah! – disse Nicolas. – É essa doença. Ficamos todos transtornados. Tudo vai se resolver e eu vou rejuvenescer.

Chloé estava estendida na cama, de pijama de seda malva e com um comprido robe de cetim de piquê, de um leve bege-alaranjado. A seu redor, havia muitas flores, sobretudo orquídeas e rosas. Havia também hortênsias, cravos, camélias, longos ramos de flor de pessegueiro e de amendoeira e braçadas de jasmim. Seu peito estava descoberto e uma grossa corola azul contrastava com o âmbar do seio direito. As maçãs do rosto estavam rosadas e seus olhos brilhantes, mas secos, e seus cabelos leves e eletrizados como fios de seda.

– Você vai pegar frio! – disse Alise. – Cubra-se!

– Não – disse Chloé. – É preciso. É o tratamento.

– Que flores lindas! – disse Alise. – O Colin está se arruinando – acrescentou alegremente, para fazer Chloé rir.

– É – murmurou Chloé. Ela deu um sorriso de dar dó.

– Ele está procurando trabalho – disse ela em voz baixa. – Por isso não está aqui.

– Por que está falando desse jeito? – perguntou Alise.

– Estou com sede... – disse Chloé num sopro.

– Você realmente só toma duas colheres por dia? – disse Alise.

– É... – suspirou Chloé.

Alise se inclinou na direção dela e a beijou.

– Logo, logo você vai estar curada.

– É – disse Chloé. – Amanhã eu vou embora com o Nicolas e o carro.

– E o Colin? – perguntou Alise.

– Ele fica – disse Chloé. – Precisa trabalhar. Coitado do Colin!...

Não tem mais dobrezões...

– Por quê? – perguntou Alise.

– As flores... – disse Chloé.

– Ele está crescendo? – murmurou Alise.

– O nenúfar? – disse Chloé, baixinho. – Não, acho que vai embora...

– Então você está contente?

– Estou – disse Chloé. – Mas estou com tanta sede.

– Por que você não acende a luz? – perguntou Alise. – Está tão escuro aqui.

– Faz algum tempo – disse Chloé. – Faz algum tempo. Não há nada a fazer. Tenta.

Alise manipulou o interruptor e um leve halo se desenhou ao redor da lâmpada.

– As lâmpadas morrem – disse Chloé. – As paredes também encolhem. E a janela, aqui, também.

– É mesmo? – perguntou Alise.

– Olha...

A grande janela projetada para fora, que corria sobre toda a extensão da parede, só ocupava dois retângulos oblongos, arredondados nas extremidades. Uma espécie de pedúnculo se

formara no meio da janela, ligando as duas margens e interrompendo o caminho do sol. O teto havia baixado consideravelmente e a plataforma onde ficava a cama de Colin e Chloé não estava mais longe do piso.

– Como é que isso é possível? – perguntou Alise.

– Não sei... – disse Chloé. – Olha, um pouco de luz.

O camundongo de bigodes pretos tinha acabado de entrar, carregando um pequeno fragmento de um dos ladrilhos do corredor da cozinha que espalhava um brilho forte.

– Assim que fica meio escuro – explicou Chloé – ele me traz um pouco.

Ela acariciou o bichinho, que depositou seu butim no criado-mudo.

– Que gentileza, a sua, ter vindo me visitar – disse Chloé.

– Oh! – disse Alise –, sabia que eu gosto muito de você?

– Sabia – disse Chloé. – E o Chick?

– Ah! Tudo bem – disse Alise. – Ele me deu um tailleur.

– É bonito – disse Chloé. – Caiu bem em você.

Ela parou de falar.

– Está doendo? – disse Alise. – Coitada.

Ela se inclinou e acariciou a bochecha de Chloé.

– Está – gemeu Chloé. – Estou com tanta sede...

– Entendo – disse Alise. – Se eu te beijar, você vai ter menos sede.

– É – disse Chloé.

Alise se inclinou na direção dela.

– Oh! – suspirou Chloé. – Como os seus lábios são frescos...

Alise sorriu. Seus olhos estavam molhados.

– Para onde você vai? – perguntou.

– Perto daqui – disse Chloé. – Na montanha.

Ela se virou para a esquerda.

– Você gosta do Chick?

– Gosto – disse Alise. – Mas ele gosta mais dos livros dele.

– Não sei – disse Chloé. – Talvez seja verdade. Se eu não tivesse casado com o Colin, gostaria tanto que fosse você que vivesse com ele.

Alise a beijou de novo.

42

Chick saiu da loja. Não havia nada interessante para ele lá dentro. Andava olhando seus pés calçados de couro castanho-vermelho e se espantou ao ver que um tentava levá-lo para um lado e o outro para a direção oposta. Refletiu por alguns instantes, traçou mentalmente a bissetriz do ângulo e foi ao longo dessa linha. Quase foi atropelado por um enorme táxi obeso e só se salvou por obra de um salto gracioso que o levou até o pé de um transeunte, o qual o xingou e deu entrada no hospital para se tratar.

Chick retomou seu caminho, bem à frente havia uma livraria, era a rua Jimmy Noone, e a pintura do letreiro imitava a do Mahogany Hall de Lulu White. Ele empurrou a porta, ela lhe devolveu brutalmente o empurrão e ele entrou pela vitrine sem insistir.

O livreiro fumava um cachimbo da paz, sentado sobre as obras completas de Jules Romains, que as concebeu para esse fim. Ele tinha um belíssimo cachimbo da paz em barro de urze, que enchia com folhas de oliveira. Havia também, ao lado dele, uma pia para vomitar e uma toalha úmida para refrescar as têmporas e um frasco de álcool de menta de Ricqlès para cortar o efeito do cachimbo.

Ele ergueu para Chick um olhar desencarnado e malcheiroso.

- O que o senhor quer? – perguntou ele.
- Ver os seus livros... – respondeu Chick.
- Veja – disse o homem e se inclinou sobre a pia, mas era apenas um alarme falso.

Chick avançou até o fundo da loja. Reinava uma atmosfera propícia à descoberta. Alguns insetos estalaram sob seus passos.

Recendia a couro velho e a fumaça de folhas de oliveira, que é um cheiro mais para abominável.

Os livros estavam em ordem alfabética, mas o vendedor não conhecia direito o alfabeto e Chick encontrou o canto de Partre entre o T e o B. Muniu-se de sua lupa e se pôs a examinar as encadernações. Não demorou a localizar, num exemplar de *O sério nada*, o célebre estudo crítico sobre a sisudez dos atletas aquáticos, uma impressão digital interessante. Febrilmente, puxou do bolso uma caixinha que continha, além de um pincel de cerdas moles, pó para adubar e um *Manual do tira-modelo*, pelo cônego Sembolas. Agiu cuidadosamente, comparando com uma ficha que tirou de sua carteira, e parou, arfante. Era a digital do polegar esquerdo de Partre, que até então só havia sido localizada em seus cachimbos velhos.

Apertando contra o peito o precioso achado, virou-se na direção do livreiro.

– Quanto, este aqui?

O livreiro olhou o livro e deu uma risadinha.

– Ah! O senhor encontrou!...

– O que tem de tão extraordinário? – perguntou Chick, falsamente espantado.

– Ora!... – gargalhou o livreiro, largando o cachimbo, que caiu na pia e se apagou.

Ele disse um palavrão e esfregou as mãos, satisfeito de não ter mais que fumar aquela infame porcaria.

– Estou perguntando... – insistiu Chick.

Seu coração começou a abandoná-lo e grandes batidas soavam em seus flancos, sem regularidade, selvagem.

– Ai, ai, ai!... – disse o livreiro, que se sufocava e rolava pelo chão. – O senhor é um fanfarrão!...

– Escute – disse Chick, embaraçado –, explique-se...

– Quando eu penso – disse o livreiro – que, para ter essa digital, fui obrigado a oferecer a ele dezenas de vezes o meu cachimbo da

paz e aprender prestidigitação para substituí-lo, na última hora, por um livro...

– Deixa para lá – disse Chick. – Já que o senhor sabe, quanto é?

– Barato – disse o livreiro –, mas tenho coisa melhor. Me espere.

Ele se levantou, desapareceu por trás de uma divisória que cortava a loja em duas, vasculhou alguma coisa e não demorou a retornar.

– Aí está – disse, jogando uma calça sobre o balcão.

– O que é? – murmurou Chick, ansioso.

Uma deliciosa excitação tomava conta dele.

– Uma calça do Partre!... – anunciou com orgulho o livreiro.

– Como fez? – disse Chick em êxtase.

– Aproveitei uma conferência... – explicou o livreiro. – Ele nem percebeu. Tem uns queimados de cachimbo, sabe como é...

– Vou levar – disse Chick.

– O quê? – perguntou o vendedor. – Porque tenho mais uma coisa...

Chick levou a mão ao peito. Não conseguia conter as batidas do coração e se deixou levar.

– Aqui está... – disse o vendedor novamente.

Era um cachimbo em cuja piteira Chick reconheceu facilmente a marca dos dentes de Partre.

– Quanto? – disse Chick.

– Está sabendo – disse o livreiro – que neste momento ele está preparando uma *Enciclopédia da náusea* em vinte volumes, com fotos, e vou ter uns manuscritos...

– Mas eu jamais poderei... – disse Chick, aterrado.

– O que o senhor pensa que eu tenho com isso? – perguntou o livreiro.

– Quanto por essas três coisas aqui? – perguntou Chick.

– Mil dobrezões – disse o vendedor. – É meu último preço.

Recusei mil e duzentos ontem, e é só porque o senhor parece

cuidadoso.

Chick puxou a carteira. Estava horrivelmente pálido.

43

– Está vendo? – disse Colin. – Não usamos mais toalha de mesa.
– Não tem problema – disse Chick. – Mas não entendo por que a madeira está tão engordurada...

– Não sei – disse Colin, distraidamente. – Acho que não dá para limpar. Volta o tempo todo, vem lá de dentro.

– E o tapete, não era de lã? – perguntou Chick. – Este aqui tem cara de algodão...

– É o mesmo – disse Colin. – Não, não acho que esteja diferente.

– É estranho – disse Chick –, dá a impressão de que o mundo ao redor está se estreitando.

Nicolas levou uma sopa cremosa onde nadavam *croûtons*. Serviu uns pratos enormes.

– O que que é isso, Nicolas? – perguntou Chick.

– Sopa de Knorr e farinha de espiga de milho – respondeu Nicolas. – É bom demais.

– Ah! – disse Chick. – Achou isso no Gouffé?

– É o que o senhor pensa – disse Nicolas. – É uma receita do De Pomiane. Gouffé é bom para os esnobes. Além do mais, ele usa uma parafernália inacreditável!...

– Mas você tem tudo de que precisa – disse Chick.

– O quê? – disse Nicolas. – Só tem gás e uma geladura, que nem em qualquer lugar. O que é que o senhor imaginava?

– Ah!... Nada!!!! – disse Chick.

Ele se remexeu na cadeira. Não sabia como continuar a conversa.

– Quer vinho? – perguntou Colin. – Só tenho este na minha adega. Não é ruim.

Chick estendeu a taça.

– A Alise veio visitar a Chloé três dias atrás – disse Colin. – Não consegui vê-la, e ontem o Nicolas levou a Chloé para a montanha.

– Sim – disse Chick. – A Alise me falou.

– Recebi uma carta do professor Comemangas – disse Colin. – Ele me pediu muito dinheiro. Acho que é um homem capaz.

Colin estava com dor de cabeça. Queria que Chick falasse, contasse histórias, qualquer coisa. Chick fitava algo no vazio através da janela. De repente, levantou-se e, tirando uma trena do bolso, foi medir o caixilho.

– Estou com a impressão de que isso está mudando – disse ele.

– Como assim? – perguntou Colin, com indiferença.

– Está encolhendo – disse Chick –, e a sala também...

– Como assim? – disse Colin. – Não faz o menor sentido...

Chick não respondeu. Pegou a caderneta e o lápis e anotou números.

– Encontrou trabalho? – perguntou.

– Não... – disse Colin. – Tenho uma entrevista daqui a pouco e outra amanhã.

– Que tipo de trabalho está procurando? – perguntou Chick.

– Ah! Qualquer coisa – disse Colin. – Desde que me deem dinheiro. As flores custam caríssimo.

– É – disse Chick.

– E o seu trabalho? – disse Colin.

– Arranjei um sujeito para me substituir – disse Chick – porque tinha muita coisa para fazer...

– Eles aceitaram? – perguntou Colin.

– Aceitaram, deu certo, ele sabia das coisas.

– E então? – perguntou Colin.

– Quando eu quis voltar – explicou Chick –, eles me disseram que o outro fazia muito bem o trabalho, e que se eu quisesse um outro cargo tinham um para me oferecer. Só que pagava pior...

– Seu tio não pode mais te dar dinheiro – disse Colin.

Ele nem estava perguntando. Isso lhe parecia óbvio.

– Eu não poderia nem pedir para ele – disse Chick. – Ele morreu.

– Você não tinha me falado...

– Não era interessante – murmurou Chick.

Nicolas voltou com uma frigideira gordurenta na qual se debatiam três linguças pretas.

– Comam assim mesmo – disse ele –, não consigo terminar. São resistentes a um ponto extraordinário. Pus ácido nítrico, por isso elas ficaram pretas, mas não adiantou.

Colin conseguiu espetar uma das linguças com o garfo e ela se contorceu num derradeiro espasmo.

– Peguei uma – disse ele. – Sua vez, Chick!

– Estou tentando – disse Chick –, mas está difícil.

Ele enviou um grande jato de gordura para a mesa.

– Droga! – disse.

– Não tem problema – disse Nicolas. – É bom para a madeira.

Chick conseguiu se servir e Nicolas levou a terceira linguça de volta.

– Não sei o que há – disse Chick. – Antes aqui era assim?

– Não – confessou Colin. – Tudo vai mudando. Não posso fazer nada. É que nem lepra. Desde que eu fiquei sem dobrezões...

– Você não tem mais nada mesmo? – perguntou Chick.

– Quase nada... – respondeu Colin. – Paguei adiantado a viagem à montanha e as flores porque não quero economizar nada para tirar a Chloé dessa. Mas, fora isso, as coisas vão mal por conta própria.

Chick terminou sua linguça.

– Vem ver o corredor da cozinha – disse Colin.

– Vou te seguir – disse Chick.

Através das vidraças, de cada lado, distinguia-se um sol tenro, lavado, polvilhado de grandes manchas negras, um pouco mais luminoso no centro. Alguns magros feixes de raios conseguiam penetrar o corredor, mas, no contato com os ladrilhos, outrora

tão brilhantes, eles fluidificavam e escorriam em longos rastros úmidos. Um cheiro de porão emanava das paredes. O camundongo de bigodes pretos, num canto, havia feito um ninho elevado. Ele não conseguia mais brincar no chão com os raios de ouro como antes. Estava encolhido num amontoado de pedaços miúdos de pano e tremia, com seus longos bigodes empapados pela umidade. Durante um tempo, conseguiu arranhar um pouco os ladrilhos para que eles voltassem a brilhar, mas a tarefa era grande demais para suas diminutas patas e ele passou a ficar no canto dele, tremendo e sem forças.

– A calefação não está funcionando? – perguntou Chick, erguendo as golas do paletó.

– Está, sim – disse Colin –, o dia inteiro, mas não adianta nada. Foi aqui que começou...

– Caramba – disse Chick. – Precisa chamar o arquiteto...

– Ele veio – disse Colin. – E desde então está doente.

– Oh! – disse Chick. – Isso se resolve, provavelmente.

– Acho que não – disse Colin. – Vem, vamos terminar de almoçar com o Nicolas.

Eles entraram na cozinha. Ali também o ambiente havia encolhido. Nicolas, sentado a uma mesa laqueada de branco, comia distraidamente, lendo um livro.

– Escuta, Nicolas... – disse Colin.

– Sim – disse Nicolas. – Vou levar a sobremesa.

– Não é isso. Vamos comer aqui. É outra coisa. Nicolas, você não quer que eu te ponha na rua?

– Não quero – disse Nicolas.

– É necessário – disse Colin. – Aqui você está diminuindo.

Envelheceu dez anos em oito dias.

– Sete anos – retificou Nicolas.

– Não quero te ver assim. Você não está assim do nada. É a atmosfera.

– Mas e com você – disse Nicolas –, ela não faz nada?

– Não dá na mesma – disse Colin. – Preciso curar a Chloé, e tanto faz todo o resto, então isso não me pega. E o seu clube, como vai?

– Quase não vou mais lá... – disse Nicolas.

– Não quero mais saber disso – repetiu Colin. – Os Pontoasinino estão procurando um cozinheiro, eu te indiquei. Queria que você me dissesse se topa.

– Não – disse Nicolas.

– Pois então – disse Colin – você vai assim mesmo.

– Isso é nojento da sua parte – disse Nicolas. – Vai parecer que eu fugi que nem um rato.

– Não – disse Colin. – É necessário. Você sabe muito bem como isso é difícil para mim...

– Sei muito bem – disse Nicolas, e fechou seu livro e apoiou a cabeça nos braços.

– Você não tem motivo para estar zangado – disse Colin.

– Não estou zangado – grunhiu Nicolas.

Ele ergueu a cabeça. Chorava em silêncio.

– Sou um idiota – disse.

– Você é um cara bacana, Nicolas – disse Colin.

– Não – disse Nicolas. – Queria me aposentar dentro de um marmelo. Por causa do cheiro. E também porque lá eu vou ficar tranquilo...

44

Colin subiu a escada, vagamente iluminada pelos vitrais imóveis, e chegou ao primeiro andar. Diante dele, uma porta escura recortava a pedra fria da parede. Entrou sem tocar a campainha, preencheu uma ficha e devolveu-a ao porteiro, que a esvaziou, fez uma bolinha, a introduziu no cano de uma pistola previamente preparada e mirou cuidadosamente um guichê recortado na parede vizinha. Apertou o gatilho enquanto tapava o ouvido direito com a mão esquerda, e o tiro foi. Cheio de pose, começou a carregar a pistola para um novo visitante.

Colin ficou de pé até que uma campainha ordenou ao porteiro que o introduzisse no gabinete do diretor.

Ele seguiu o homem por uma longa passagem com curvas fechadas. As paredes, nas curvas, ficavam perpendiculares ao solo e se inclinavam, por conseguinte, no ângulo suplementar, e ele precisava ir bem rápido para manter o equilíbrio. Antes de se dar conta do que estava lhe acontecendo, viu-se diante do diretor. Sentou-se, obediente, numa cadeira teimosa, que empinou com o peso e só parou depois de um gesto imperativo de seu chefe.

- Então?... – disse o diretor.
- Pois então, aqui estamos!... – disse Colin.
- O que o senhor sabe fazer? – perguntou o diretor.
- Aprendi os rudimentos... – disse Colin.
- Quero dizer – disse o diretor –, como passa o seu tempo?
- Claramente – disse Colin –, passo-o a escurecê-lo.
- Por quê? – perguntou mais baixo o diretor.
- Porque a luz me incomoda – disse Colin.
- Ah!... Hum!... – resmungou o diretor. – Sabe para qual emprego estamos precisando de alguém aqui?

– Não – disse Colin.
– Eu também não... – disse o diretor. – Preciso perguntar a meu subdiretor. Mas o senhor não parece poder preencher a vaga...
– Por quê? – perguntou Colin, por sua vez.
– Não sei... – disse o diretor.
Ele parecia nervoso e recuou um pouco a cadeira.
– Não se aproxime!... – disse, rapidamente.
– Mas... eu nem me mexi... – disse Colin.
– Sim... Sim... – resmungou o diretor. – É o que sempre dizem...

E depois...

Ele se debruçou, desconfiado, na escrivaninha, sem tirar os olhos de Colin, e tirou o telefone do gancho, agitando-o vigorosamente.

– Alô!... – berrou ele. – Aqui, agora mesmo!...

Recolocou o fone no lugar e continuou a considerar Colin com um olhar de suspeita.

– Qual é sua idade? – perguntou.

– Vinte e um... – disse Colin.

– É o que eu pensava... – murmurou seu tête-à-tête.

Bateram na porta.

– Entre! – berrou o diretor, e seu rosto se distendeu.

Um homem arruinado pela absorção contínua de poeira de papel, cujos bronquíolos se adivinhavam repletos, até o orifício, de pasta de celulose reconstituída, entrou no gabinete. Levava uma pasta debaixo do braço.

– O senhor quebrou uma cadeira – disse o diretor.

– Sim – disse o subdiretor.

Ele pôs a pasta sobre a mesa.

– Podemos consertá-la, veja...

Ele se voltou para Colin.

– Sabe consertar cadeiras?...

– Acho que... – disse Colin, desorientado. – É muito difícil?

– Usei – garantiu o subdiretor – três potes de cola branca e não consegui.

– O senhor vai pagar por eles! – disse o diretor. – Vou descontá-los do seu ordenado...

– Já descontei do da minha secretária – disse o subdiretor. – Não se preocupe, patrão.

– Mas é – perguntou timidamente Colin – para consertar cadeiras que vocês precisam de alguém?

– Certamente! – disse o diretor.

– Não me lembro bem – disse o subdiretor. – Mas o senhor não *pode* consertar uma cadeira...

– Por quê? – disse Colin.

– Simplesmente porque não pode – disse o subdiretor.

– Me pergunto onde foi que o senhor enxergou isto – disse o diretor.

– Em particular – disse o subdiretor – porque essas cadeiras são inconsertáveis, e, em geral, porque ele não me dá a impressão de poder consertar uma cadeira.

– Mas o que uma cadeira tem a ver com um emprego no escritório? – disse Colin.

– O senhor vai se sentar no chão, talvez, para trabalhar? – zombou dele o diretor.

– Mas então o senhor não deve trabalhar com frequência – avançou o subdiretor.

– Vou lhe dizer – disse o diretor –, o senhor é um encostado!...

– Isso mesmo... Um encostado... – aprovou o subdiretor.

– Nós – concluiu o diretor – não podemos, em nenhuma hipótese, contratar um encostado!...

– Principalmente quando não temos nenhum trabalho para lhe oferecer... – disse o subdiretor.

– Isso é absolutamente ilógico – disse Colin, aturdido pelas vozes de escritório dos dois.

– Por que ilógico, hein? – perguntou o diretor.

– Porque – disse Colin – o que se deve dar a um encostado é justamente nenhum trabalho.

– É isso – disse o subdiretor –, então o senhor quer substituir o diretor?

Este último explodiu em risos com essa ideia.

– Ele é extraordinário!... – disse.

Seu rosto se ensombreceu e ele recuou ainda mais a cadeira.

– Leve-o... – disse ele ao subdiretor. – Percebo por que ele veio... Vá, rápido!... Desinfeta, infeliz! – berrou.

O subdiretor se precipitou sobre Colin, mas este havia pegado a pasta que estava esquecida em cima da mesa.

– Se encostar em mim... – disse ele.

E recuou devagar até a porta.

– Vai! – berrava o diretor. – Abantesma!...

– O senhor é um velho babaca – disse Colin e girou a maçaneta.

Arremessou a pasta na escrivaninha e correu pelo corredor.

Quando chegou à entrada, o porteiro deu-lhe um tiro de pistola e a bola de papel fez um buraco em forma de caveira na porta, que acabara de se fechar.

45

– Reconheço que é uma bela peça – disse o antiguitário, dando uma volta em torno do pianoquedel de Colin.

– É de bordo assoado – disse Colin.

– Eu vi – disse o antiguitário. – Suponho que funcione direito.

– Estou tentando vender o que tenho de melhor – disse Colin.

– Deve ser difícil – disse o antiguitário, inclinando-se para examinar um pequeno desenho da madeira.

Soprou alguns grãos de poeira que davam opacidade ao brilho do móvel.

– Não prefere ganhar dinheiro trabalhando e assim poder conservá-lo?

Colin se lembrou do escritório do diretor e do tiro de pistola do porteiro e disse que não.

– O senhor terá que fazê-lo de todo modo – disse o antiguitário – quando não tiver mais nada para vender...

– Se os meus gastos parassem de aumentar... – disse Colin, e retomou: – Se meus gastos parassem de crescer, eu teria o suficiente, vendendo minhas coisas, para viver sem trabalhar. Não muito bem, mas viver.

– Não gosta de trabalhar? – disse o antiguitário.

– É horrível – disse Colin. – Rebaixa o homem ao nível da máquina.

– E os seus gastos não param de crescer? – perguntou o antiguitário.

– As flores custam muito caro – disse Colin –, e a vida na montanha também...

– Mas e se ela se curasse? – disse o antiguitário.

– Oh! – disse Colin.

Ele deu um sorriso feliz.
– Seria tão maravilhoso!... – murmurou.
– Não é inteiramente impossível, de todo modo – disse o antiguitário.
– Não! Claro que não!... – disse Colin.
– Mas precisa de tempo – disse o antiguitário.
– É – disse Colin. – E o sol vai embora...
– Ele pode voltar – disse o antiguitário, encorajando-o.
– Acho que não – disse Colin. – É algo bem profundo.
Houve um silêncio.
– Está abastecido? – perguntou o antiguitário, apontando o pianoquetel.

– Está – disse Colin. – Todos os receptáculos estão cheios.
– Toco piano muito bem, poderíamos experimentar.
– Como quiser – disse Colin.
– Vou buscar um banco.
Eles estavam no meio da loja onde Colin havia mandado entregar o pianoquetel. Por todos os lados havia pilhas de estranhos objetos velhos, em forma de poltrona, de cadeira, de aparador ou de outros móveis. Não estava muito claro ali e o cheiro era de cera das Índias e de vibrião azul. O antiguitário muniu-se de um banco de ferro entalhado e se postou ao piano. Tinha tirado a lingueta do trinco, a qual, por esse fato, se encontrava muda e não os atrapalharia.

– Conhece Duke Ellington?... – disse Colin.
– Conheço – disse o antiguitário. – Vou tocar para você o “Blues of the Vagabond”.
– Em quanto eu ajusto? Vai levar três refrãos?
– Vou – disse o antiguitário.
– Bom – disse Colin. – Dá meio litro, no total. Tudo bem?
– Perfeito – disse o vendedor, que começou a tocar.

Ele tinha um toque de extrema sensibilidade e as notas revoavam, tão aéreas quanto as pérolas do clarinete de Barney

Bigard na versão de Duke.

Colin estava sentado no chão para escutar, com as costas apoiadas no pianoquetel, e chorava grossas lágrimas elípticas e suaves que rolavam sobre sua roupa e sumiam na poeira. A música passava através dele e saía filtrada, e a melodia que saía dele era muito mais parecida com “Chloé” do que com o “Blues of the Vagabond”. O comerciante de antiguidades cantarolava um contracanto de uma simplicidade pastoral e balançava a cabeça de lado feito uma cascavel. Tocou os três refrãos e parou. Colin, feliz até o fundo da alma, ficou sentado ali, e era como se Chloé não estivesse doente.

– Como fazemos agora? – perguntou o antiguitário.

Colin se levantou e, fazendo a manobra, abriu o pequeno painel móvel, e eles pegaram dois copos cheios de um líquido com aspecto de arco-íris. O antiguitário tomou primeiro, fazendo um clique com a língua.

– É exatamente o gosto do blues – disse ele. – Daquele blues, exatamente. Boa, essa sua invenção, sabia?...

– Sim – disse Colin –, funcionou direitinho.

– Pode saber – disse o antiguitário –, com certeza vou lhe pagar um bom preço.

– Vou ficar bem contente – disse Colin. – Tudo vai mal para mim, agora.

– É assim – disse o antiguitário. – Não se pode ir sempre bem.

– Mas podia não ir sempre mal – disse Colin. – Sempre lembramos muito mais dos bons momentos; então, para que servem os ruins?

– E se eu tocasse “Misty Morning”? – propôs o antiguitário. – Será que fica bom?

– Fica – disse Colin. – Tem um rendimento formidável. Dá um coquetel cinza-perolado e verde-menta, com gosto de pimenta e fumaça.

O antiguitário voltou ao piano e tocou “Misty Morning”. Eles beberam. Depois, ainda tocou “Blue Bubbles” e parou, pois já começava a tocar duas notas ao mesmo tempo, e Colin a ouvir quatro melodias diferentes de uma só vez. Colin fechou a tampa do piano com cautela.

- Então – disse o antiguitário –, agora vamos falar de negócios?
- Zim! – disse Colin.
- Seu pianoquetel é um troço fantástico – disse o antiguitário –, ofereço três mil dobrezões por ele.
- Não – disse Colin –, é demais.
- Insisto – disse o antiguitário.
- Mas é idiota – disse Colin. – Não posso. Dois mil, se quiser.
- Não – disse o antiguitário. – Leve-o daqui, eu me recuso.
- Não posso lhe vender por três mil – disse Colin –, é um roubo!...
- Nada disso... – insistiu o antiguitário. – Posso revendê-lo por quatro mil no minuto seguinte...
- O senhor sabe muito bem que vai ficar com ele – disse Colin.
- Obviamente – disse o antiguitário. – Escute, vamos rachar a diferença: dois mil e quinhentos dobrezões.
- Vá lá – disse Colin –, concordo. Mas quem vai consertar essa diferença rachada?
- Aí está... – disse o antiguitário.
- Colin pegou o dinheiro e o guardou cuidadosamente na carteira. Hesitava um pouco.
- Não estou seguro – disse ele.
- Naturalmente – disse o antiguitário. – O senhor virá escutar um pouquinho aqui comigo, de vez em quando?
- Prometido – disse Colin. – Agora, preciso ir. O Nicolas vai brigar comigo.
- Eu o levo até ali – disse o antiguitário –, preciso fazer compras.
- É muito gentil de sua parte!... – disse Colin.

Sáiram. O céu azul-esverdeado pendia quase até o calçamento e grandes manchas brancas marcavam no solo o lugar onde as nuvens haviam acabado de se despedaçar.

– Teve tempestade – disse o antiguitário.

Eles foram juntos por alguns metros e o companheiro de Colin parou diante de um bazar.

– Espere um minuto – disse ele. – Já volto!...

Entrou. Através da vidraça, Colin o viu escolher um objeto que ele olhou atentamente contra a luz e enfiou no bolso.

– Pronto!... – disse ele, fechando a porta.

– O que era? – perguntou Colin.

– Um nível – respondeu o antiguitário. – Tenho a intenção de tocar todo o meu repertório assim que eu o deixar, e depois vou ter que caminhar...

46

Nicolas olhava para seu forno. Estava sentado em frente a ele, com um atiçador e um maçarico, e verificava o interior. O forno cedia um pouco na parte de cima e as chapas derretiam, tomando a consistência de fatias de queijo Gruyère. Ele ouviu os passos de Colin no corredor e se recompôs na cadeira. Sentia-se cansado. Colin empurrou a porta e entrou. Parecia feliz.

– E então? – perguntou Nicolas. – Deu certo?

– Vendi – disse Colin. – Dois mil e quinhentos...

– Dobrezões?... – disse Nicolas.

– Isso – disse Colin.

– Inesperado!...

– Eu também não esperava. Estava vigiando o forno?

– Sim – disse Nicolas. – Ele está se transformando em fogão a lenha, e eu queria saber que porra aconteceu aqui...

– É muito estranho – disse Colin –, mas não mais do que o resto. Viu o corredor?

– Vi – disse Nicolas. – Mais parece um caixão...

– Queria repetir para você – disse Colin – que não quero mais que você fique aqui.

– Chegou uma carta – disse Nicolas.

– Da Chloé?

– É – disse Nicolas –, está em cima da mesa.

Ao abrir a carta, Colin ouvia a voz suave de Chloé, e bastou escutar para ler. Lá dentro havia:

Meu Colin querido,

Estou bem, o tempo está bom. O único problema são as toupeiras da neve, uns bichos que rastejam entre a neve e a terra, têm pelo

laranja e à noite berram alto. Fazem grandes montes de neve e a gente cai. Faz muito sol e eu vou voltar logo.

– Boas novas – disse Colin. – Então você vai para a casa dos Pontoasinino.

– Não – disse Nicolas.

– Vai, sim – disse Colin. – Eles precisam de um cozinheiro e eu não quero que você fique aqui... Você está envelhecendo demais, e eu disse que te indiquei.

– E o camundongo? – disse Nicolas. – Quem vai dar de comer a ele?

– Eu cuido disso – disse Colin.

– Não é possível – disse Nicolas. – E além disso eu sinto que perdi a mão.

– Nada disso – disse Colin. – É a atmosfera daqui que te esmaga... Nenhum de vocês aguenta...

– Você sempre diz isso – disse Nicolas –, e isso não explica nada.

– Enfim – disse Colin –, a questão não é essa!...

Nicolas se levantou e se espichou. Estava com um jeito triste.

– Você não faz mais nada da obra de Gouffé – disse Colin. – Você anda negligenciando a sua cozinha, se deixando levar.

– Nada disso – protestou Nicolas.

– Deixe-me continuar – disse Colin. – Você parou de se vestir bem no domingo e não faz mais a barba toda manhã.

– Isso não é crime – disse Nicolas.

– É um crime – disse Colin. – Não posso te pagar pelo seu valor. Mas, atualmente, o seu valor está baixando, um pouco por culpa minha.

– Não é verdade – disse Nicolas. – Não é culpa sua se você está com problemas.

– É sim – disse Colin –, porque eu me casei e porque...

– Isso é idiota – disse Nicolas. – Quem vai cozinhar?

– Eu – disse Colin.
– Mas você vai trabalhar!... Não vai ter tempo.
– Não, não vou trabalhar. Até vendi meu pianoqueto por dois mil e quinhentos dólares.
– Sim – disse Nicolas –, você ficou bem confortável com isso!...
– Você vai para a casa dos Pontas – disse Colin.
– Puxa! – disse Nicolas. – Você está me aporrinhando. Vou. Mas não é legal da sua parte.
– Você vai retomar suas boas maneiras.
– Você cansou de reclamar das minhas boas maneiras...
– Sim – disse Colin –, porque, comigo, não valia a pena.
– Você está me aporrinhando – disse Nicolas. – Me aporrinhando, aporrinhando.

47

Colin ouviu baterem na porta de entrada e correu. Uma de suas pantufas tinha um buraco dos grandes e ele escondeu o pé debaixo do tapete.

– A casa de vocês é alta – disse Comemangas ao entrar.

Ele emitia um hálito compacto.

– Olá, doutor – disse Colin, ruborizando-se, porque seria obrigado a mostrar o pé.

– Vocês mudaram de apartamento – disse o professor –, antes era mais perto.

– Nada disso – disse Colin. – É o mesmo.

– Nada disso – disse o professor. – Quando o senhor faz uma brincadeira, deveria levar a coisa mais a sério e pensar em respostas mais espirituosas.

– Sim?... – disse Colin. – Sem dúvida.

– Como vai? A enferma? – disse o professor.

– Melhor – disse Colin. – Está com uma cara melhor e não sente mais dor.

– Hum!... – disse o professor. – Estranho.

Ele passou, seguido por Colin, ao quarto de Chloé e abaixou a cabeça para não se chocar com o batente, mas este se curvou no mesmo instante e o professor emitia um palavrão. Chloé, em sua cama, deu risada ao ver a entrada do professor.

O quarto tinha chegado a dimensões bastante reduzidas. O tapete, ao contrário dos de outros ambientes da casa, estava mais espesso, e a cama agora estava numa pequena alcova com cortinas de cetim. A grande janela estava completamente dividida em quatro janelinhas quadradas pelos pedúnculos de

pedra, que por fim haviam cessado de crescer. Reinava ali uma luz meio cinzenta, mas limpa. Fazia calor.

– Vão me dizer mais uma vez que não mudaram de apartamento, hein? – disse Comemangas.

– Eu juro, doutor... – começou Colin.

Ele se deteve, pois o professor o olhava com ar nervoso e cheio de suspeita.

– Era brincadeira!... – concluiu, rindo.

Comemangas se aproximou da cama.

– Então – disse ele –, descubra-se. Vou auscultá-la.

Chloé entreabriu seu mantelete de plumas.

– Ah! – disse Comemangas. – Eles a operaram por lá...

– Sim... – respondeu Chloé.

Ela tinha, no seio direito, uma pequena cicatriz, perfeitamente redonda.

– Eles o retiraram por aqui quando ele morreu? – disse o professor. – Era grande?

– Um metro, acho – disse Chloé. – Com uma flor enorme, de vinte centímetros.

– Que sujeira!... – resmungou o professor. – A senhora não teve sorte. Desse tamanho não é normal!

– Foram as outras flores que o fizeram morrer – disse Chloé. – Em particular uma flor de baunilha que eles me trouxeram no final.

– Estranho – disse o professor. – Eu não teria pensado que a baunilheira pudesse ter algum efeito. Pensava mais no zimbro ou na acácia. A senhora sabe que a medicina é uma verdadeira salsicharia – concluiu.

– Com certeza – disse Chloé.

O professor a auscultou. Ele se levantou.

– Tudo bem – disse ele. – Obviamente, ele deixou marcas...

– Deixou? – disse Chloé.

– Sim – disse o professor. – A senhora está com um pulmão completamente parado, ou quase.

– Isso não me incomoda – disse Chloé –, desde que o outro esteja bom!

– Se a senhora pegar qualquer coisa no outro – disse o professor –, vai ser um problema para o seu marido.

– Não para mim? – perguntou Chloé.

– Para a senhora, não mais – disse o professor.

Ele se levantou.

– Não quero lhe fazer medo inutilmente, mas tome muito cuidado.

– Estou tomando cuidado – disse Chloé.

Seus olhos se arregalavam. Ela passou uma mão tímida no cabelo.

– Como posso fazer para ter certeza de que não vou pegar outra coisa? – disse ela, e sua voz quase chorava.

– Não se preocupe, pequena – disse o professor. – Não há motivos para que pegue outra coisa.

Ele olhou a seu redor.

– Gostava mais do antigo apartamento de vocês. Tinha um ar mais saudável.

– Sim – disse Colin –, mas não é culpa nossa...

– O que é que o senhor faz da vida? – perguntou o professor.

– Aprendo coisas – disse Colin. – E amo a Chloé.

– O seu trabalho não lhe rende nada? – perguntou o professor.

– Não – disse Colin. – Não faço um trabalho no sentido que as pessoas entendem por trabalho.

– O trabalho é uma coisa infecta, sei bem – murmurou o professor –, mas o que escolhemos fazer evidentemente não pode render, uma vez que...

Ele se interrompeu.

– O senhor me mostrou, da última vez, um aparelho que dava resultados espantosos. Ainda o tem, por acaso?

– Não – disse Colin. – Vendi. Mas ainda posso lhe oferecer algo para beber...

Comemangas passou os dedos no colarinho da camisa amarela e coçou o pescoço.

– Vou acompanhá-lo. Até logo, jovem senhora – disse ele.

– Até logo, doutor – disse Chloé.

Ela deslizou e se afundou na cama e ajeitou as cobertas debaixo do pescoço. Seu rosto estava claro e tenro sob os lençóis azul-lavanda bordados de púrpura.

48

Chick passou pela poterna de controle e deu sua carteira para a máquina perfurar. Como de costume, tropeçou no limiar da porta metálica da passagem de acesso às oficinas e uma lufada de vapor e fumaça negra o golpeou violentamente no rosto. Os ruídos começaram a chegar até ele: surdo zumbido dos turboalternadores gerais, guincho das pontes rolantes sobre as vigas cruzadas, algazarra de ventos violentos da atmosfera fustigando as folhas do telhado. A passagem era bastante escura, iluminada, a cada seis metros, por uma lâmpada avermelhada cuja luz escorria preguiçosamente sobre os objetos lisos, agarrando-se, para contorná-las, nas rugosidades das paredes e do piso. Sob seus pés, a chapa deformada estava quente, esburacada aqui e ali, e percebia-se, pelos buracos, a boca vermelha e escura dos fornos de pedra bem abaixo. Os fluidos passavam roncando em grossos tubos pintados de cinza e vermelho, sobre sua cabeça, e, a cada pulsação do coração mecânico que os caldeireiros punham sob pressão, a estrutura oscilava de leve para a frente, num frágil descompasso e com vibração profunda. Gotas se formavam na parede, soltando-se por vezes sob uma pulsação mais forte, e, quando uma dessas gotas lhe caía na nuca, Chick tinha um arrepio. Era uma água baça, que cheirava a ozônio. A passagem tinha uma curva no final, e o piso, agora iluminado por uma claraboia, dominava as oficinas.

Embaixo, na frente de cada máquina robusta, um homem se debatia, lutando para não virar picadinho nas ávidas engrenagens. No pé direito de cada um estava fixado um pesado anel de ferro. Só eram abertos duas vezes por dia: no meio do dia

e à tardinha. Os homens disputavam com as máquinas as peças metálicas que saíam tilintando dos estreitos orifícios distribuídos na parte de baixo. As peças caíam quase imediatamente, se não fossem recolhidas a tempo, na boca, fervilhante de ferragens, onde se efetuava a síntese.

Havia aparelhos de todos os tamanhos. Chick conhecia bem aquele espetáculo. Trabalhava nos fundos de uma das oficinas e devia controlar o funcionamento das máquinas e dar aos homens as indicações para recolocá-las em ordem quando paravam após lhes arrancar um pedaço de carne.

Para purificar a atmosfera, longos jatos de essências atravessavam obliquamente o ambiente, cintilante de reflexos, em determinados lugares, e condensavam a seu redor as fumaças e poeiras de metal e óleo quente que subiam em colunas retas e delgadas acima de cada uma das máquinas. Chick ergueu a cabeça. Os tubos ainda o seguiam. Ele chegou à gaiola da plataforma de descida, entrou e fechou a porta. Tirou do bolso um livro de Partre, apertou o botão de comando e começou a ler enquanto esperava chegar ao solo.

O choque surdo da plataforma no para-choque de metal o tirou de seu torpor. Saiu e entrou em seu escritório, uma caixa de vidro fracamente iluminada de onde podia vigiar as oficinas. Ele se sentou, reabriu o livro e retomou a leitura, adormecido pela pulsação dos fluidos e o rumor das máquinas.

Uma dissonância na algazarra o fez levantar os olhos de repente. Procurou de onde vinha o barulho suspeito. Um dos jatos de purificação acabara de parar de repente, no meio da sala, e ficou no ar, como que cortado em dois. As quatro máquinas que ele havia cessado de abastecer trepidavam. À distância, via-se o movimento das duas e, diante de cada uma delas, uma forma caía pouco a pouco. Chick pousou o livro e se precipitou para fora. Correu para o painel de manobra dos jatos e abaixou rapidamente uma alavanca. O jato quebrado permanecia imóvel. Mais parecia

uma lâmina de foice, e as fumaças das quatro máquinas subiam pelos ares em turbilhão. Ele saiu de perto do painel e correu na direção das máquinas. Elas foram parando devagar. Os homens que trabalhavam nelas jaziam no chão. Suas pernas direitas dobradas formavam ângulos estranhos, por causa do anel de ferro, e as quatro mãos direitas estavam seccionadas no punho. O sangue queimava no contato do metal da corrente e espalhava pelo ar um cheiro horrível de bicho vivo carbonizado.

Chick, por meio de sua chave, desfez os anéis que retinham os corpos e os estendeu diante das máquinas. Voltou para o escritório e chamou, pelo telefone, os maqueiros de plantão. Em seguida voltou para perto do painel de manobra e tentou recolocar o jato em funcionamento. Não adiantou. O líquido saía bem reto, mas, chegando ao nível da quarta máquina, desaparecia ali mesmo, e percebia-se o corte do jato, nítido como se ele tivesse sido seccionado a golpes de machado.

Tateando, com desgosto, o livro no bolso, ele se dirigiu para o Escritório Central. Ao sair da oficina, abriu caminho para deixar sair os maqueiros, que empilharam os quatro corpos num carrinho elétrico e estavam prestes a despejá-los no Coletor Geral.

Ele seguiu por outro corredor. Longe, diante dele, o carrinho fez uma curva com um suave ronronar, deixando escapar algumas fagulhas brancas. O teto, muito baixo, repercutia o barulho de seus passos sobre o metal. O solo subia um pouco. Para chegar ao Escritório Central, era preciso atravessar três outras oficinas, e Chick seguia distraidamente seu caminho. Chegou enfim ao bloco principal e entrou no escritório do chefe de pessoal.

– Os números 709, 10, 11 e 12 estão avariados – assinalou para uma secretária atrás de um guichê. – Os quatro homens devem ser substituídos e as máquinas, retiradas, acho. Posso falar com o chefe de pessoal?

A secretária apertou alguns botões vermelhos num painel de acaju envernizado e disse: “Entre, ele o aguarda”.

Chick entrou e se sentou. O chefe de pessoal o olhou com ar interrogativo.

– Preciso de quatro homens – disse Chick.

– Muito bem – disse o chefe de pessoal –, amanhã o senhor os terá.

– Um dos jatos de purificação não funciona mais – acrescentou ele.

– Não tenho nada a ver com isso – disse o chefe de pessoal. – Veja ao lado.

Chick saiu e repetiu as mesmas formalidades antes de entrar no escritório do chefe de materiais.

– Um dos jatos de purificação do 700 não está mais funcionando – disse ele.

– Não funciona mesmo?

– Não vai mais até o fim – disse Chick.

– Não consegui recolocar em funcionamento?

– Não – disse Chick –, não há nada a fazer.

– Vou mandar examinar a sua oficina – disse o chefe de materiais.

– Meu rendimento está caindo – disse Chick. – Seja rápido.

– Não tenho nada a ver com isso – disse o chefe de materiais. – Vá falar com o chefe de produção.

Chick chegou ao bloco vizinho e entrou no escritório do chefe de produção. Havia ali uma escrivaninha violentamente iluminada e, atrás da escrivaninha, fixado à parede, um grande painel de vidro jateado, no qual a extremidade de uma linha vermelha se deslocava bem devagar para a direita, feito uma lagarta numa folha; os ponteiros de grandes mostradores circulares com aro cromado se moviam ainda mais lentamente sob o mostrador.

– A sua produção está caindo 0,7% – disse o chefe. – O que é que há?

– Quatro máquinas fora do circuito – disse Chick.

– Com 0,8 o senhor será demitido – disse o chefe de produção. Ele consultou o mostrador girando na cadeira cromada.

– 0,78 – disse ele. – No seu lugar, eu já estaria me preparando.

– É a primeira vez que isso me acontece – disse Chick.

– Lamento – disse o chefe de produção. – Talvez possamos mudar a sua função...

– Não faço questão – disse Chick. – Não faço questão de trabalhar. Não gosto disso.

– Ninguém tem o direito de dizer isso – disse o chefe de produção. – O senhor está demitido – acrescentou.

– Eu não podia fazer nada – disse Chick. – O que é a justiça?

– Nunca ouvi falar – disse o chefe de produção. – Preciso dizer que tenho trabalho para fazer.

Chick saiu do escritório. Voltou até o chefe de pessoal.

– Podem me pagar? – perguntou.

– Que número? – perguntou o chefe de pessoal.

– Oficina 700. Engenheiro.

– Certo.

Ele voltou-se para a secretária e disse:

– Faça o necessário.

Depois falou em seu transmissor interno.

– Alô! – disse ele. – Um engenheiro para substituição, tipo 5, para a oficina 700.

– Aqui está – disse a secretária, dando um envelope a Chick. – São seus cento e dez dobrezões.

– Obrigado – disse Chick e foi embora.

Ele passou pelo engenheiro que ia substituí-lo, um jovem magro e louro, com ar cansado. Foi até o elevador mais próximo e entrou na cabine.

49

– Entre! – berrou o torneiro de discos.

Ele olhou na direção da porta. Era Chick.

– Olá – disse Chick. – Venho aqui para ver aquelas gravações que eu lhe trouxe.

– Vou recapitular – disse o outro. – Pelos trinta lados, confecção de ferramentas, gravura no pantógrafo de vinte exemplares numerados, de cada lado, dá, tudo somado, cento e oito dobrezões. Para o senhor, faço por cento e cinco.

– Aqui está – disse Chick. – Tenho um cheque de cento e dez dobrezões, que vou endossar para o senhor, e o senhor me devolve cinco dobrezões.

– Certo – disse o torneiro de discos.

Ele abriu a gaveta e deu a Chick uma nota novinha de cinco dobrezões.

Os olhos de Chick se apagaram em seu rosto.

50

Isis saltou. Nicolas dirigia o carro. Olhou no relógio e a seguiu com os olhos enquanto ela entrava na casa de Colin e Chloé. Ele usava um uniforme novo de gabardine branco e um boné de couro branco. Tinha rejuvenescido, mas sua expressão inquieta traía uma perturbação profunda.

A escada se estreitava bruscamente no andar de Colin e Isis conseguia tocar ao mesmo tempo a rampa e a parede fria sem abrir os braços. O tapete não passava de uma leve penugem que mal cobria a madeira. Ela atingiu o andar, arfou um pouco e tocou.

Ninguém veio abrir. Não havia nenhum ruído na escada, exceto, de vez em quando, um leve estalido seguido de um respingo úmido quando um degrau cedia.

Isis tocou novamente. Ela percebia, do outro lado, o leve tremor do martelo de aço sobre o metal. Sacudiu um pouco a porta, que se abriu de uma vez.

Entrou e tropeçou em Colin. Ele repousava, deitado no chão, de cara no piso, de lado, com os braços para a frente... Seus olhos estavam fechados. Na entrada, estava escuro. Ao redor da janela, via-se um halo de claridade que não entrava. Ele respirava suavemente. Dormia.

Isis se abaixou, se ajoelhou perto dele e acariciou-lhe a bochecha. Sua pele teve um leve arrepio e seus olhos se mexeram debaixo das pálpebras. Ele olhou para Isis e pareceu adormecer novamente. Isis o sacudiu de leve. Ele se sentou, passou a mão na boca e disse:

- Eu estava dormindo.
- Sim – disse Isis. – Não dorme mais na cama?

– Não – disse Colin. – Queria ficar aqui para esperar o doutor chegar e ir buscar flores.

Ele estava com um ar completamente desorientado.

– O que é que há? – disse Isis.

– A Chloé – disse Colin. – Está tossindo de novo.

– É um pouco da irritação que ainda ficou – disse Isis.

– Não – disse Colin. – É o outro pulmão.

Isis se levantou e correu para o quarto de Chloé. A madeira do assoalho colava sob seus passos. Ela não reconhecia o quarto. Na cama, Chloé, a cabeça semiescondida debaixo do travesseiro, tossia, sem fazer barulho, mas sem interrupção. Ela se recompôs um pouco ao ouvir Isis entrar e retomou fôlego. Deu um fraco sorriso quando Isis se aproximou, sentou-se na cama e a pegou em seus braços feito um bebê doente.

– Não tosse, minha Chloé – murmurou Isis.

– Você está com uma linda flor – disse Chloé num sopro, cheirando o grande cravo vermelho enfiado no cabelo de Isis. – Faz bem – acrescentou.

– Você ainda está doente? – disse Isis.

– É no outro pulmão, acho – disse Chloé.

– Nada disso – disse Isis –, é o primeiro que ainda te faz tossir um pouco.

– Não – disse Chloé. – Cadê o Colin? Saiu para comprar flores?

– Ele já vem – disse Isis. – Encontrei com ele. Ele tem dinheiro? – acrescentou.

– Tem – disse Chloé –, mas não muito. De que adianta, isso não serve para nada!...

– Está doendo? – perguntou Isis.

– Está – disse Chloé –, mas não muito. Você viu que o quarto mudou?

– Prefiro assim – disse Isis. – Antes era grande demais.

– Como estão os outros quartos? – disse Chloé.

– Oh!... Bem... – disse Isis, evasiva.

Ela ainda se lembrava da sensação do assoalho, frio feito um pântano.

– Para mim, tanto faz se mudou ou não – disse Chloé. – Desde que faça calor e que seja confortável...

– Com certeza! – disse Isis. – Um apartamento pequeno é mais simpático.

– O camundongo ficou comigo – disse Chloé. – Está vendo ali, naquele canto? Não sei o que ele está aprontando. Não queria mais ficar no corredor.

– Sim... – disse Isis.

– Me dá o cravo aqui de novo – disse Chloé –, ele me faz bem.

Isis o tirou da cabeleira e o deu a Chloé, que o aproximou de seus lábios e o aspirou em longos haustos.

– Como vai o Nicolas? – disse ela.

– Bem – disse Isis. – Mas não está mais tão alegre como antes. Vou te trazer outras flores quando voltar.

– Eu gostava bem do Nicolas – disse Chloé. – Não vai casar com ele?

– Não posso – murmurou Isis. – Não estou à altura...

– Não tem problema – disse Chloé –, se ele te ama...

– Meus pais não se atrevem a tocar no assunto com ele – disse Isis. – Oh!...

O cravo de repente empalideceu, murchou, pareceu ressecar. Caía, agora, em fina poeira sobre o peito de Chloé.

– Oh! – disse Chloé, por sua vez –, vou tossir de novo... Você viu?...

Ela se interrompeu para levar a mão à boca. Um acesso de tosse violento a dominou.

– É... essa coisa que eu tenho... que faz todas elas morrerem... – balbuciou.

– Não fale – disse Isis. – Isso não tem a menor importância. O Colin vai trazer mais.

No quarto, o dia estava azul, quase verde nos cantos. Ainda mal havia sinais de umidade e o tapete permanecia bem alto, mas uma das quatro janelas quadradas se fechava quase completamente.

Isis ouviu o barulho molhado dos passos de Colin na entrada.

– Aí está – disse ela. – Ele trouxe flores para você, com certeza.

Colin apareceu. Tinha nos braços um grande arranjo de lilases.

– Toma, minha Chloé – disse ele. – Pega!...

Ela estendeu os braços.

– Você é muito gentil, meu querido – disse ela.

Ela pôs o buquê no segundo travesseiro, virou-se para o lado e enfiou o rosto nos cachos brancos e açucarados.

Isis se levantou.

– Vai embora? – disse Colin.

– Vou – disse Isis. – Estão me esperando. Volto com mais flores.

– Seria legal se você viesse amanhã de manhã – disse Colin. – Preciso ir procurar trabalho e não quero deixá-la sozinha antes de ser examinada pelo médico.

– Eu venho... – disse Isis.

Ela se inclinou um pouco, com cautela, e beijou Chloé em sua bochecha macia. Chloé ergueu a mão e acariciou o rosto de Isis, mas não virou a cabeça. Respirava avidamente o perfume dos lilases, que se soltava em lentas volutas em torno de seu cabelo brilhante.

51

Colin andava com dificuldade pelo caminho. Este se afundava, de viés, entre montinhos de terra cobertos por cúpulas de vidro que ganhavam, à luz do dia, um brilho glauco e incerto.

De quando em vez, levantava a cabeça e lia as placas para ter certeza de que tinha tomado o rumo correto, e então via o céu, com uma faixa transversal de um marrom sujo e de azul.

Ao longe, à sua frente, conseguia ver, sobre os taludes, as chaminés alinhadas da estufa principal.

Tinha, em seu bolso, o jornal no qual recrutavam-se homens de vinte a trinta anos para preparar a defesa do país. Ele andava o mais rápido possível, mas seus pés afundavam na terra quente, que, em toda parte, retomava lentamente a posse das construções e do caminho.

Não se viam plantas. Sobretudo terra, em blocos uniformes, amontoados dos dois lados, formando aterros rápidos em instável equilíbrio, e, por vezes, uma massa pesada oscilava, rolava pelo talude e se abatia molemente na superfície do caminho.

Em certos lugares, os aterros se rebaixavam e Colin distinguia, através dos vidros turvos das cúpulas, formas azul-escuras, que se agitavam vagamente sobre um fundo mais claro.

Ele apertou o passo, arrancando os pés dos buracos que faziam no solo. A terra se encolhia de súbito, feito um músculo circular, e não sobrava mais do que uma fraca depressão que mal se via. Ela se apagava quase imediatamente.

As chaminés se aproximavam. Colin sentia o coração aos pinotes, feito uma fera enfurecida no peito. Apertou o jornal através do forro do bolso.

O sol deslizava e se escondia sob seus pés, mas penetrava menos e o caminho perceptivelmente ficava mais difícil. Notou a primeira chaminé perto dele, fincada na terra feito um pau. Pássaros escuros revoavam em torno da boca, de onde escapava uma magra fumaça verde. Na base da chaminé, um bojo arredondado assegurava a estabilidade. Os edifícios começavam um pouco mais longe. Só havia uma porta.

Ele entrou, esfregou os pés numa grade brilhante com as lâminas afiadas e seguiu por um corredor baixo, ladeado por luminárias de luz pulsada. O piso era de tijolos vermelhos e a parte superior das paredes era, assim como o forro, guarnecida de placas de vidro de vários centímetros de espessura, através das quais entreviam-se massas escuras e imóveis. Bem no final do corredor havia uma porta. Tinha o número indicado no jornal, e ele entrou sem bater, como recomendava o anúncio.

Um velho de avental branco, cabelo embaraçado, lia um manual atrás de sua escrivaninha. Armas variadas estavam presas à parede, adagas brilhantes, fuzis, lança-mortes de diversos calibres e uma coleção completa de tira-corações de todos os tamanhos.

– Olá, senhor – disse Colin.

– Olá, senhor – disse o homem.

Sua voz estava quebradiça e engrossada pela idade.

– Vim por causa do anúncio – disse Colin.

– Ah? – disse o homem. – Já faz um mês que estamos publicando, sem resultados. Saiba que é um trabalho difícilimo...

– Sim – disse Colin –, mas é bem pago!

– Meu Deus! – disse o homem. – É desgastante, veja bem, e talvez não valha o preço, mas não cabe a mim denegrir a administração. Aliás, pode ver que eu ainda estou vivo...

– O senhor trabalha há muito tempo? – disse Colin.

– Um ano – disse o homem. – Tenho vinte e nove anos.

Passou uma mão enrugada e trêmula pelas dobras do rosto.

– E agora eu consegui, veja só... Posso ficar no escritório e ler o manual o dia inteiro...

– Preciso de dinheiro – disse Colin.

– Isso é frequente – disse o homem –, mas o trabalho faz do senhor um filósofo. Três meses depois, não vai mais precisar dele.

– É para cuidar da minha mulher – disse Colin.

– Ah, é? – disse o homem.

– Ela está doente – explicou Colin. – Não gosto de trabalhar.

– Sinto muito – disse o homem. – Quando uma mulher está doente, não serve para mais nada.

– Eu a amo – disse Colin.

– Sem dúvida – disse o homem. – Sem isso o senhor não iria querer trabalhar. Vou lhe indicar o seu posto. É no andar superior.

Ele guiou Colin por corredores limpos com pé-direito rebaixado e por escadas de tijolos vermelhos até uma porta, vizinha de outras, que estava marcada com um símbolo.

– Aí está – disse o homem. – Entre, vou lhe explicar o trabalho.

Colin entrou. O ambiente era pequeno, quadrado. As paredes e o piso eram de vidro. No chão, repousava uma grande massa de terra em forma de caixão, mas muito grossa, de pelo menos um metro. Uma pesada cobertura de lã estava enrolada ao lado. Nenhum móvel. Um pequeno nicho recortado na parede abrigava um cofre de ferro azul. O homem foi até o cofre e o abriu. Tirou de lá doze objetos brilhantes e cilíndricos com um minúsculo buraco no meio.

– A terra é estéril, sabe como é – disse o homem –, é preciso material de primeira qualidade para a defesa do país. Mas, para que os canos de fuzil cresçam direito, e sem distorções, constatamos, faz muito tempo, que é preciso calor humano. Isso vale para todas as armas, aliás.

– Sim – disse Colin.

– Cave doze buraquinhos na terra – disse o homem –, distribuídos no meio do coração e do fígado, e deite-se no chão depois de se despir. O senhor vai se cobrir com o pano de lã estéril que está aqui, e dê um jeito de emitir um calor perfeitamente regular.

Ele deu uma risada quebradiça e bateu na coxa direita.

– Eu fazia catorze nos vinte primeiros dias de cada mês. Ah!... Eu mandava ver!...

– E depois? – perguntou Colin.

– Depois fique assim por vinte e quatro horas, e ao final dessas vinte e quatro horas os canos de fuzil terão crescido. Viremos retirá-los. Regamos a terra com óleo e o senhor recomeça.

– Eles crescem para baixo? – disse Colin.

– Sim, é iluminado por baixo – disse o homem. – Eles têm fototropismo positivo, mas crescem para baixo porque são mais pesados do que a terra, então iluminamos por baixo para que não haja distorção.

– E as estrias? – disse Colin.

– Os dessa espécie crescem estriados – disse o homem. – São sementes selecionadas.

– Para que servem as chaminés? – perguntou Colin.

– Para a aeração – disse o homem –, e a esterilização das coberturas e dos edifícios. Não é o caso de tomar precauções especiais, pois isso se faz muito energicamente.

– Não funciona com calor artificial? – disse Colin.

– Mal – disse o homem. – É preciso calor humano para crescer bem.

– Vocês empregam mulheres? – disse Colin.

– Elas não podem fazer o trabalho – disse o homem. – Não têm o peito chato o bastante para que o calor se espalhe direito. Vou deixá-lo trabalhar.

– Vou ganhar dez dobrezões por dia, é isso? – disse Colin.

– Certamente – disse o homem –, e um bônus se fizer mais de doze canos...

Ele saiu e fechou a porta. Colin segurava as doze sementes na mão. Colocou-as a seu lado e começou a se despir. Estava com os olhos fechados e seus lábios tremulavam de vez em quando.

52

– Não sei o que está acontecendo – disse o homem –, no começo funcionava direito. Mas, com os últimos, só podemos fazer armas especiais.

– Vai me pagar mesmo assim? – perguntou Colin, nervoso.

Cabiam-lhe setenta dobrezões e um bônus de dez dobrezões. Tinha dado o seu melhor, mas o controle dos canos revelava determinadas anomalias.

– Veja por si mesmo – disse o homem.

Ele segurava um dos canos e mostrava a Colin a extremidade dilatada.

– Não entendo – disse Colin. – Os primeiros eram perfeitamente cilíndricos.

– É claro que podemos usá-los para fazer trabucos – disse o homem –, mas é o modelo de cinco guerras atrás e nós já possuímos um estoque enorme. É um problema.

– Fiz o meu melhor – disse Colin.

– Certamente – disse o homem. – Vou lhe dar seus oitenta dobrezões.

Ele pegou, na gaveta da escrivaninha, um envelope lacrado.

– Mandei trazer aqui para evitar que o senhor fosse ao departamento de pagamentos – disse –, às vezes levam-se meses para obter o dinheiro, e o senhor parece apurado.

– Agradeço – disse Colin.

– Ainda não examinei sua produção de ontem – disse o homem. – Vai chegar agora. Não quer aguardar por um instante?

Sua voz trêmula e manca era um sofrimento para os ouvidos de Colin.

– Vou esperar – disse ele.

– Veja bem – disse o homem –, somos obrigados a prestar muita atenção a esses detalhes, pois, afinal de contas, um fuzil deve parecer um fuzil, mesmo se não estiver carregado...

– Sim – disse Colin.

– Vira e mexe falta munição – disse o homem –, estamos atrasados no programa de munição, temos grandes estoques para um modelo de fuzil que não fabricamos mais, mas não recebemos a ordem de fazer para os novos, então não podemos usá-los. Mas não faz diferença. O que o senhor quer fazer com um fuzil diante de uma máquina rolante? Para cada máquina rolante que o inimigo fabrica, nós fazemos dois fuzis. Então temos a superioridade numérica. Mas uma máquina rolante não tem medo de um fuzil, nem de dez, sobretudo descarregados...

– Aqui não se fabricam máquinas rolantes? – perguntou Colin.

– Sim – disse o homem –, mas nem acabamos direito o programa da última guerra, então elas não funcionam bem e é preciso desmontá-las, e, como são solidamente construídas, leva muito tempo.

Bateram na porta e surgiu um manutencianário, empurrando um carrinho branco esterilizado. Sob um pano branco, estava a produção de Colin do dia anterior. O pano se erguia numa das pontas. Isso não deveria acontecer se os canos fossem bem cilíndricos, e Colin ficou nervoso.

O manutencianário saiu fechando a porta.

– Ah! – disse o homem. – Parece que não se resolveu.

Ele ergueu o pano. Havia doze canos de aço azul e frio, e, na ponta de cada um, uma bela rosa branca desabrochava, fresca e tisonada de bege no oco das pétalas aveludadas.

– Oh!... – murmurou Colin. – Como são bonitas!...

O homem não dizia nada. Tossiu duas vezes.

– Pois então, não é o caso de o senhor retomar o seu trabalho amanhã – disse ele, hesitando.

Seus dedos agarravam nervosamente a borda do carrinho.

– Posso pegá-las? – disse Colin. – Para a Chloé?

– Se o senhor as remover do aço – disse o homem –, elas vão morrer. São de aço, o senhor sabe...

– Não é possível – disse Colin.

Ele pegou delicadamente uma rosa e tentou quebrar o caule. Fez um movimento em falso e uma pétala fez-lhe um talho de vários centímetros na mão. Sua mão sangrava, em pulsações lentas, grandes goladas de sangue escuro que ele engolia maquinalmente. Olhou para a pétala branca marcada por um crescente vermelho e o homem lhe deu um tapinha nas costas e o empurrou suavemente para a porta.

Chloé dormia. Durante o dia, o nenúfar lhe emprestava a bonita cor creme de sua pele, mas, durante o sono, não era preciso e as manchas vermelhas voltavam a aparecer em suas bochechas. Os olhos faziam duas marcas azuladas sob sua testa, e, de longe, não se sabia se eles estavam abertos. Colin estava sentado numa cadeira na sala de jantar e esperava. Havia muitas flores ao redor de Chloé. Ele ainda podia esperar mais algumas horas antes de ir procurar outro trabalho. Queria descansar para causar boa impressão e arranjar um emprego que pagasse bem de verdade. Fazia quase escuro no ambiente. A janela tinha se fechado a dez centímetros do parapeito e o dia só entrava por uma faixa estreita. Ele só tinha a testa e os olhos iluminados. O resto de seu rosto vivia na escuridão. A vitrola não funcionava mais, agora era preciso dar a corda à mão para cada disco e isso o exauria. Os discos também se desgastavam. Agora, em alguns deles dificilmente se reconhecia a melodia. Ele pensava que, se Chloé precisasse de alguma coisa, o camundongo iria avisá-lo rapidamente. Será que o Nicolas casaria com a Isis? Que vestido a Isis usaria no casamento? Quem estava batendo na porta?

– Olá, Alise – disse Colin. – Veio visitar a Chloé?

– Não – disse Alise. – Apenas vim.

Eles podiam ficar na sala de jantar. Com o cabelo de Alise, fazia mais claro ali. Sobravam duas cadeiras.

– Você estava entediada – disse Colin. – Sei o que é isso.

– O Chick está aqui – disse Alise. – Está na casa dele.

– Você precisa levar alguma coisa – explicou Colin.

– Não – disse Alise –, preciso ficar longe de lá.

– Sim – disse Colin. – Ele está pintando a casa...

– Não – disse Alise. – Ele tem os livros dele, mas não quer mais saber de mim.

– Você aprontou uma cena com ele? – disse Colin.

– Não – disse Alise.

– Ele não entendeu direito o que você disse, mas, quando ele não estiver mais com raiva, você explica para ele.

– Ele simplesmente me disse que não tinha mais que os dobrões suficientes para mandar encadernar em couro de nada o último livro que comprou – disse Alise –, e que não suportaria ficar comigo porque não poderia me dar nada e eu ficaria feia, com as mãos estragadas.

– Ele tem razão – disse Colin. – Você não deve trabalhar.

– Mas eu amo o Chick – disse Alise. – Eu trabalharia por ele.

– Não adianta nada – disse Colin. – Aliás, você nem pode, é bonita demais.

– Por que ele me pôs na rua? – disse Alise. – Eu era realmente linda?

– Não sei – disse Colin –, mas eu gosto muito do seu cabelo e do seu rosto.

– Olha – disse Alise.

Ela se ergueu, abriu o pequeno fecho e o vestido foi ao chão. Era um vestido de lã clara.

– É... – disse Colin.

Estava muito claro ali e Colin via Alise de corpo inteiro. Seus seios pareciam prestes a alçar voo e os longos músculos de suas pernas delgadas eram firmes e quentes ao toque.

– Posso beijar? – disse Colin.

– Pode – disse Alise. – Gosto muito de você.

– Você vai ficar com frio – disse Colin.

Ela se aproximou. Sentou-se nos joelhos dele e, sem ruído, seus olhos começaram a chorar.

– Por que será que ele não me quer mais?

Colin a ninava suavemente.

– Ele não entende. Mas você sabe, Alise, que ele é um bom rapaz.

– Ele me amava muito – disse Alise. – Ele achava que os livros aceitariam compartilhar! Mas não é possível.

– Você vai ficar com frio – repetiu Colin.
Ele a beijava e acariciava-lhe o cabelo.

– Por que será que eu não te encontrei antes? – disse Alise. – Eu teria te amado igual, mas, agora, não consigo. É ele que eu amo.

– Eu sei – disse Colin. – Agora eu também amo mais a Chloé.
Ele a fez se erguer e recolheu seu vestido.

– Veste, gatinha – disse ele. – Você vai ficar com frio.

– Não – disse Alise. – E além do mais não tem problema.
Ela se vestiu maquinalmente.

– Não quero que fique triste – disse Colin.

– Gentileza sua – disse Alise –, mas estou bem triste. Acho que vou poder fazer alguma coisa pelo Chick, pelo menos.

– Você vai para a casa dos seus pais – disse Colin. – Talvez eles queiram te ver... Ou para a casa da Isis.

– O Chick não vai estar lá – disse Alise. – Não preciso ir para a casa de ninguém se o Chick não estiver lá.

– Ele vai para lá – disse Colin. – Vou visitá-lo.

– Não – disse Alise. – Não dá mais para entrar na casa dele. Está sempre trancada a chave.

– Vou visitá-lo mesmo assim – disse Colin. – Ou então ele virá me visitar.

– Acho que não – disse Alise. – O Chick não é mais o mesmo.

– É sim – disse Colin. – As pessoas não mudam. As coisas é que mudam.

– Não sei – disse Alise.

– Vou te acompanhar – disse Colin. – Preciso ir procurar emprego.

– Não vou para lá – disse Alise.

– Vou te acompanhar para descer – disse Colin.

Ela estava à frente dele. Colin pôs as duas mãos nos ombros dela. Ele sentia o calor de sua nuca e dos cabelos macios e cacheados perto de sua pele. Seguiu o corpo de Alise com as mãos. Ela não chorava mais. Não parecia estar ali.

– Eu não queria que você fizesse besteira – disse Colin.

– Oh! – disse Alise. – Não vou fazer besteira...

– Vem me visitar – disse Colin – se ficar entediada.

– Talvez eu venha te visitar – disse Alise.

Ela olhava para dentro. Colin pegou-a pela mão. Desceram a escada. Escorregavam, de vez em quando, nos degraus molhados. Embaixo, Colin se despediu. Ela ficou de pé e o olhou indo embora.

54

O último tinha acabado de chegar do encadernador e Chick o acariciava antes de recolocá-lo em seu estojo. Era revestido de couro de nada, grosso e verde, com o nome de Partre se destacando em baixo-relevo na encadernação. Em uma só prateleira, Chick tinha todas as edições normais, e todas as variantes, os manuscritos, as primeiras tiragens, as páginas especiais ocupavam nichos particulares na parede.

Chick suspirou. Alise o havia deixado de manhã. Ele foi obrigado a dizer a ela que fosse embora. Restava-lhe um dobrezão e um pedaço de queijo, e os vestidos dela o atrapalhavam a dependurar as velhas roupas de Partre que o livreiro lhe fornecia por milagre. Ele não se lembrava que dia a beijara pela última vez. Não podia mais perder tempo beijando. Era preciso mandar consertar a vitrola para decorar o texto das conferências de Partre. Se viesse a quebrar os discos, devia poder conservar os textos.

Todos os livros de Partre estavam lá, todos os livros publicados. As encadernações luxuosas cuidadosamente protegidas em estojos de couro, os ferros dourados, os exemplares preciosos com grandes margens azuis, as tiragens limitadas em pega-moscas ou vergê Saintorix, uma parede inteira era reservada para isso, dividida em compartimentos alveolados, forrados de couro de veludo. Cada obra ocupava um alvéolo. Ornando a parede oposta, acomodados em espetos, os artigos de Partre, extraídos com fervor das revistas, dos jornais, dos inumeráveis periódicos que ele agradava com sua fecunda colaboração.

Chick passou a mão na testa. Fazia quanto tempo que Alise morava com ele?... Os dobrezões de Colin deveriam servir para casar com ela, mas ela não se apegava tanto a isso. Contentava-se em esperá-lo, e contentava-se em estar com ele, mas não se pode aceitar isso de uma mulher, que ela fique com você só porque te ama. Ele também a amava. Ele não podia se permitir deixá-la gastar o tempo dele porque ela não se interessava mais por Partre. Como não se interessar por um homem como Partre?... capaz de escrever qualquer coisa, sobre qualquer assunto, e com que precisão!... Certamente Partre levaria menos de um ano para realizar sua *Enciclopédia da náusea*, e a duquesa de Bovuar colaboraria nesse trabalho, e haveria manuscritos extraordinários. Era preciso, até lá, ganhar dobrezões o suficiente para se manter e reservar pelo menos um sinal para o livreiro. Chick não havia pagado os seus impostos. Mas o valor dos impostos lhe era mais útil na forma de um exemplar de *A gruta de Sainte Colombe*. Alise teria preferido que Chick usasse os dobrezões para pagar os impostos, chegou a propor vender uma coisa dela para isso. Ele aceitou, e o dinheiro deu exatamente para uma encadernação de *A gruta de Sainte Colombe*. Alise podia passar muito bem sem o colar.

Ele hesitou em voltar a abrir a porta. Talvez fosse ela do outro lado, esperando que ele virasse a chave. Ele achava que não. Seus passos na escada ressoavam como um pequeno martelar decrescente. Ela poderia voltar para a casa dos pais e retomar os estudos. No final das contas, aquilo não passava de um ligeiro atraso. É possível recuperar rapidamente as aulas perdidas. Mas Alise quase não trabalhava mais. Cuidava de demasiados assuntos de Chick e de fazer comida para ele e de passar a gravata dele a ferro. Os impostos, afinal, não iriam ser pagos mesmo. Será que existem casos de gente que foi pega em casa por não pagar impostos? Isso não acontece. Pode-se pagar uma conta, um dobrezão e depois te deixam tranquilo, não se fala mais do

assunto por algum tempo. Um sujeito como o Partre pagará impostos? Provavelmente, e, afinal, será que, do ponto de vista moral, é recomendável pagar impostos para ter, em contrapartida, o direito de ser preso porque outros pagam impostos que servem para manter a polícia e os altos funcionários? É um círculo vicioso que deve ser quebrado, que ninguém pague mais impostos por bastante tempo e os funcionários públicos todos morram definhados e a guerra não exista mais.

Chick ergueu a tampa da vitrola de dois pratos e pôs dois discos diferentes de Jean-Sol Partre. Queria escutar os dois ao mesmo tempo, para fazer jorrar novas ideias a partir do choque entre duas ideias antigas. Ele se postou a meia distância dos dois alto-falantes, para que a cabeça ficasse bem no lugar onde esse choque aconteceria, e conservasse, automaticamente, os resultados do impacto.

As agulhas estalaram no sulco do começo e se alojaram no oco da ranhura, e as palavras de Partre retiniram no cérebro de Chick. De seu lugar, ele olhou pela janela e constatou que fumaças se elevavam aqui e ali, acima dos tetos, em grossas volutas azuis, coloridas de vermelho na parte de baixo, feito fumaça de papel. Ele via maquinalmente o vermelho ganhar do azul, e as palavras se entrechocavam em grandes clarões, abrindo para sua exaustão um campo de repouso suave feito musgo no mês de maio.

O senescal da polícia tirou o apito do bolso e com ele golpeou um enorme gongo peruano pendurado às suas costas. Ouviu-se um galope férreo de botas em todos os andares, o barulho de sucessivas quedas e, pelo tobogã, seis de seus melhores agentes de armas irromperam em seu escritório.

Eles se levantaram, bateram nas nádegas para tirar a poeira e se puseram em posição de sentido.

– Douglas! – chamou o senescal.

– Presente! – respondeu o primeiro agente de armas.

– Douglas! – repetiu o senescal.

– Presente! – disse o segundo.

O chamado prosseguiu. O senescal da polícia não conseguia se lembrar do nome de todos os homens e Douglas era um genérico tradicional.

– Missão especial! – ordenou ele.

Num só gesto, os seis agentes de armas levaram a mão ao bolso nadeguístico, o que significava que estavam munidos de seus igualizadores de doze jatos.

– Vou dirigir pessoalmente! – enfatizou o senescal.

Bateu violentamente no gongo. A porta se abriu e um secretário apareceu.

– Vou embora – anunciou o senescal. – Missão especial. Bloco-note.

O Secretário pegou seu bloco de notas e seu lápis e ficou na posição de registro regulamentar número 6.

– Percebimento de impostos na casa do senhor Chick, com sequestro de bens preventivo – ditou o chefe. – Espancamento e

repreensão severa. Sequestro total ou talvez parcial, qualificado por violação de domicílio.

– Anotado! – disse o secretário.

– A caminho, Douglas! – ordenou o senescal da polícia.

Ele se levantou e tomou a liderança da esquadrilha, que partiu pesadamente imitando, com seus doze pés, o voo do cuco-da-panqueca. Os seis homens vestiam um conjunto justo de couro preto, à prova de balas no peito e nos ombros, e o capacete de aço escuro, tipo aviador, descia até a nuca e protegia as têmporas e a testa. Todos usavam botas pesadas e metálicas. O senescal tinha vestes semelhantes, mas de couro vermelho, e duas estrelas de ouro brilhavam em seus ombros. Os igualizadores inflavam os bolsos de trás de seus acólitos; ele segurava um pequeno cassetete de ouro e uma pesada granada dourada estava pendurada no cinto. Eles desceram a escada de honra e a sentinela se pôs em atitude de reserva enquanto o senescal levava a mão ao capacete. Uma viatura especial esperava na porta. O senescal sentou-se atrás, sozinho, e os seis agentes de armas se acomodaram nos estribos que ficavam para fora, os dois mais gordos de um lado e os quatro magros do outro. O motorista usava também um conjunto de couro preto, mas sem capacete. Ele partiu. O carro não tinha rodas, mas uma quantidade de pés vibráteis, de modo que não havia risco de que balas perdidas não furassem os pneus. Os pés resfolegaram no chão e o motorista de repente virou na primeira bifurcação; lá dentro, tinha-se a impressão de estar na crista de uma onda que se quebra.

56

Olhando Colin se afastar, Alise se despedia dele com todas as forças de seu coração. Ele amava tanto Chloé, ia procurar trabalho por ela, para poder comprar flores e lutar contra aquele horror que devorava o peito dela. Os ombros largos de Colin estavam caídos, ele parecia tão cansado, seu cabelo louro não estava mais penteado e arrumado como antes. Chick sabia se mostrar tão suave ao falar de um livro de Partre e explicar Partre. Ele de fato não pode ficar sem o Partre, não vai pensar em pesquisar qualquer outra coisa diferente, o Partre diz tudo o que ele gostaria de saber dizer. Não deviam deixar o Partre publicar aquela enciclopédia, vai ser a morte de Chick, ele vai roubar, vai matar um livreiro. Alise tomou o caminho lentamente. Partre passa os dias num botequim, bebendo e escrevendo com outras pessoas que nem ele, que vão lá para beber e escrever, bebem chá dos Mares e alcoóis suaves, o que lhes evita pensar no que estão escrevendo, e entra e sai muita gente, o que sacode as ideias lá no fundo e pesca-se uma ou outra, não se deve eliminar todo o supérfluo, põe-se um pouco de ideias e um pouco de supérfluo e tudo se dilui. As pessoas absorvem essas coisas mais facilmente, sobretudo as mulheres que não gostam do que é puro. O caminho não era muito comprido para chegar ao botequim, de longe Alise viu um dos garçons, de paletó branco e calça limão, servir um pé de porco recheado para Don Evany Marqué, o famoso jogador de futebol que, em vez de beber, o que ele detestava, absorvia comidas condimentadas para dar sede nos vizinhos. Ela entrou, Jean-Sol Partre, em seu lugar de sempre, estava escrevendo, havia muita gente e falava-se baixo. Por um milagre ordinário, o que é extraordinário, Alise viu uma cadeira vazia ao lado de Jean-Sol e

se sentou. Pôs sobre os joelhos sua bolsa pesada e abriu o fecho. Por cima do ombro de Jean-Sol ela via o título da página, *Enciclopédia*, volume XIX. Ela pôs uma mão tímida no braço de Jean-Sol; ele parou de escrever.

– O senhor já está nesse ponto – disse Alise.

– Sim – respondeu Jean-Sol. – Quer falar comigo?

– Queria lhe pedir que não a publique – disse ela.

– É difícil – disse Jean-Sol. – Estão esperando.

Ele tirou os óculos, soprou nas lentes e os recolocou; não se viam mais seus olhos.

– É claro – disse Alise. – Mas eu queria dizer que bastaria atrasar.

– Ah – disse Jean-Sol –, se é só isso, podemos ver.

– Precisaria atrasar dez anos – disse Alise.

– É? – disse Jean-Sol.

– É – disse Alise. – Dez anos ou mais, naturalmente. Como o senhor sabe, é melhor deixar as pessoas economizarem para poderem comprá-la.

– Vai ser bem chato de ler – disse Jean-Sol Partre –, porque já é muito chato de escrever. Estou com uma forte câimbra no punho esquerdo, só de ficar segurando a folha.

– Sinto muito – disse Alise.

– Que eu esteja com uma câimbra?

– Não – disse Alise –, que o senhor não queira atrasar a publicação.

– Por quê?

– Vou explicar: Chick gasta todo o dinheiro dele comprando o que o senhor faz e não tem mais dinheiro.

– Ele faria melhor se comprasse outra coisa – disse Jean-Sol –, eu nunca compro os meus livros.

– Ele gosta do que o senhor faz.

– É direito dele – disse Jean-Sol. – Ele fez a escolha dele.

– Ele é engajado demais, acho – disse Alise. – Eu também fiz minha escolha, mas sou livre, porque ele não quer mais que eu more com ele, então vou matar o senhor, já que o senhor não quer atrasar a publicação.

– Vai me fazer perder meus meios de existência – disse Jean-Sol. – Como quer que eu ganhe meus direitos autorais se estiver morto?

– Problema seu – disse Alise –, não posso levar tudo em consideração, já que quero matá-lo mais do que tudo.

– Mas reconhece que eu não poderia me render a um motivo como esse? – perguntou Jean-Sol Partre.

– Reconheço – disse Alise. Ela abriu a bolsa e puxou o tira-corações de Chick, que ela havia pegado vários dias atrás na gaveta da escrivaninha dele.

– Poderia sabotar o colarinho? – pediu ela.

– Escute – disse Jean-Sol, tirando os óculos –, eu acho idiota essa história.

Ele sabotou o colarinho. Alise juntou suas forças e, num gesto resoluto, enfiou o tira-corações no peito de Partre. Ele olhou para ela, estava morrendo bem rápido, e teve um último olhar espantado ao constatar que seu coração tinha a forma de um tetraedro. Alise ficou bem pálida, Jean-Sol Partre agora estava morto e o chá esfriava. Ela pegou o manuscrito da *Enciclopédia* e o rasgou. Um dos garçons veio limpar o sangue e toda a porcaria que a tinta da caneta tinha feito na mesinha retangular. Ela pagou o garçom, abriu as duas hastes do tira-corações, e o coração de Partre ficou sobre a mesa; ela dobrou o instrumento brilhante e o guardou na bolsa, depois saiu pela rua tendo na mão a caixa de fósforos que Partre guardava no bolso.

Ela se voltou. Uma grossa fumaça preta cobria a vitrine, e as pessoas começavam a olhar, ela havia queimado três palitos de fósforo antes de tocar fogo, os livros de Partre não queriam se deixar inflamar. O livreiro jazia atrás de sua mesa, seu coração, a seu lado, começava a queimar, uma labareda negra e jatos curvos de sangue em ebulição já escapavam dele. As duas primeiras livrarias, trezentos metros para trás, ardiam estalando e roncando, e os livreiros estavam mortos, todos os que haviam vendido livros a Chick iam morrer da mesma forma, e suas livrarias queimariam. Alise chorava e se apressava, lembrava-se dos olhos de Jean-Sol Partre vendo seu coração, de início não queria matá-lo, só impedir que seu livro novo fosse publicado e salvar Chick daquela ruína que lentamente crescia ao redor dele. Eles estavam todos em conluio contra Chick, queriam tomar o dinheiro dele, se aproveitavam da paixão dele por Partre, vendiam-lhe roupas velhas sem valor e cachimbos com digitais, mereciam o destino que os esperava. Viu à esquerda uma vitrine repleta de volumes encadernados, parou, retomou a respiração e entrou. O livreiro se aproximou.

– O que deseja? – perguntou ele.

– O senhor tem Partre? – disse Alise.

– Tenho, sim – disse o livreiro –, mas, por enquanto, não posso lhe fornecer relíquias, que estão todas reservadas por um bom cliente.

– É o Chick? – disse Alise.

– Isso – disse o livreiro –, acho que é o nome dele.

– Ele não virá comprar mais – disse Alise.

Ela se aproximou e deixou seu lenço cair. O livreiro se abaixou rangendo para pegar, ela enfiou-lhe o tira-corações nas costas num gesto rápido, chorava e tremia de novo, ele caiu de rosto no assoalho, ela não se atreveu a pegar o lenço de volta, ele tinha fechado os dedos nele. O tira-corações saiu, tendo entre suas hastes o coração do livreiro, pequenino e vermelho-claro, ela afastou as hastes e o coração rolou para perto de seu livreiro. Era preciso se apressar, ela pegou uma pilha de jornais, riscou um fósforo, fez uma tocha e a jogou sobre o balcão, e atirou os jornais em cima, depois atirou nas chamas uma dúzia de Nicolas Calas que pegou na prateleira mais próxima, e as chamas correram para os livros com uma vibração quente; a madeira do balcão soltava fumaça e crepitava, vapores preenchiam o espaço da loja. Alise atirou uma última fileira de livros no fogo e saiu tateando, retirou o trinco para que ninguém entrasse e retomou a corrida. Seus olhos ardiam e seu cabelo cheirava a fumaça, ela corria e as lágrimas quase não escorriam mais em suas bochechas, o vento as secava imediatamente. Ela se aproximava do bairro onde Chick morava, faltavam apenas dois ou três livreiros, os demais não representavam perigo para ele. Ela se voltou antes de entrar na livraria seguinte; ao longe viam-se subir grossas colunas de fumaça no céu, e as pessoas se apressavam em ver funcionar os aparelhos complicados do corpo de Bombeiros. Suas grandes viaturas brancas passaram na rua quando ela estava fechando a porta; ela as seguiu com os olhos através da vitrine, e o livreiro se aproximou e perguntou o que ela desejava.

58

– O senhor – disse o senescal da polícia – vai ficar aqui, à direita da porta, e o senhor, Douglas – continuou, virando-se para o segundo dos dois agentes gordos –, vai ficar à esquerda, e não deixem ninguém entrar.

Os dois agentes de armas designados pegaram seus igualizadores e deixaram cair a mão direita ao longo da coxa direita, o cano apontado para o joelho, na posição regulamentar. Eles acomodaram a jugular do capacete debaixo do queixo, espremido na frente e atrás. O senescal entrou, seguido dos quatro magros agentes de armas; posicionou de novo um de cada lado da porta, com a missão de não deixar ninguém sair. Dirigiu-se para a escada, seguido pelos dois magros que sobraram. Eles se reuniram, tinham a pele arroxeadada e os olhos pretos, e os lábios finos.

59

Chick parou a vitrola para mudar os dois discos que acabara de escutar simultaneamente até o fim. Pegou uma outra série de discos; debaixo de um deles, encontrou uma foto de Alise, ele achava que a tinha perdido. Ela estava de meia três-quartos, iluminada por uma luz difusa, e o fotógrafo precisou pôr um projetor atrás dela para fazer sol no alto de seu cabelo. Trocou os discos e manteve a foto na mão. Dando uma olhada pela janela, constatou que subiam novas colunas de fumaça mais perto da casa dele. Ia escutar aqueles dois discos e descer para ir ao livreiro ali do lado. Sentou-se, sua mão levou a foto para perto de seus olhos, olhando com mais atenção, ela era parecida com Partre; pouco a pouco, a imagem de Partre se formava em cima da de Alise, e ele sorria para Chick, certamente ele faria uma dedicatória no que ele quisesse; passos subiam a escada, ele escutou, e batidas ressoaram na sua porta. Ele largou a foto, parou a vitrola e foi abrir. À sua frente, viu o conjunto de couro preto de um dos agentes de armas, o segundo seguia e o senescal da polícia entrou por último, de baixo de sua roupa vermelha e de seu capacete preto subiam reflexos fugazes na penumbra do corredor.

– O senhor se chama Chick? – disse o senescal.

Chick recuou e seu rosto empalideceu. Recuou até a parede onde estavam seus belos livros.

– O que foi que eu fiz? – perguntou.

O senescal vasculhou o bolso do peito e leu o papel:

Percebimento de impostos na casa do senhor Chick, com sequestro de bens preventivo. Espancamento e repreensão severa. Sequestro

total ou talvez parcial, qualificado por violação de domicílio.

– Mas... vou pagar meus impostos – disse Chick.

– Sim – disse o senescal –, vai pagá-los depois. Antes, é preciso que o espanquemos. É um espancamento bem forte; usamos a abreviação para que as pessoas não se emocionem.

– Vou lhe dar meu dinheiro – disse Chick.

– Certamente – disse o senescal.

Chick se aproximou da mesa e abriu a gaveta; ele guardava ali um tira-corações modelo grande e um mata-tiras em mau estado. Não encontrou o tira-corações, mas o mata-tiras fazia um relevo debaixo de uma pilha de papéis velhos.

– Espera aí – disse o senescal –, é mesmo dinheiro o que o senhor procura?

Os dois agentes tinham se afastado um do outro e seguravam seus igualizadores. Chick se recompôs, já com o mata-tiras na mão.

– Atenção, chefe! – disse um dos agentes de armas.

– Aperto o botão, chefe? – perguntou o segundo.

– Vocês não vão me pegar assim... – disse Chick.

– Muito bem – disse o senescal –, então vamos levar os seus livros.

Um dos agentes pegou um livro que estava à mão. Abriu-o brutalmente.

– Nada além de palavras, chefe – anunciou.

– Viole – disse o senescal.

O agente pegou o livro pela lombada e o agitou com força. Chick começou a berrar.

– Não toquem nisso!...

– Então me diga – disse o senescal –, por que o senhor não se vale do seu mata-tiras? O senhor sabe muito bem que o papel diz: *Violação de domicílio.*

– Largue isso – rugiu Chick novamente e ergueu seu mata-tiras, mas o aço se abaixou, sem estalar.

– Aperto o botão, chefe? – perguntou de novo o agente de armas.

O livro tinha acabado de se soltar da encadernação e Chick se precipitou em cima dele, largando o mata-tiras inutilizável.

– Aperte, Douglas – disse o senescal, recuando.

O corpo de Chick caiu aos pés dos agentes de armas; ambos haviam atirado.

– Espancamos, chefe? – perguntou o outro agente de armas.

Chick ainda se remexia um pouco. Ele se levantou apoiando-se com as mãos e conseguiu se ajoelhar. Segurava a barriga e seu rosto fazia caretas enquanto gotas de suor caíam em seus olhos. Ele tinha um enorme talho na testa.

– Deixem esses livros... – murmurou. Sua voz estava rouca e quebradiça.

– Vamos pisoteá-los – disse o senescal. – Acho que o senhor vai morrer em alguns segundos.

A cabeça de Chick caiu, ele se esforçava em reerguê-la, mas a barriga doía como se lâminas triangulares girassem lá dentro. Ele conseguiu pôr um pé no chão, mas o outro joelho se recusava a se desdobrar. Os agentes de armas se aproximaram dos livros enquanto o senescal dava dois passos na direção de Chick.

– Não toquem nesses livros – disse Chick. Ouvia-se o sangue gorgolejar em sua garganta, e a cabeça tombava cada vez mais. Ele soltou a barriga, as mãos estavam vermelhas, elas golpearam o ar ao léu e ele caiu de rosto no assoalho. O senescal da polícia virou-o com o pé. Ele não se mexia mais e seus olhos abertos olhavam mais longe que o quarto. Seu rosto estava cortado em dois pelo fio de sangue que escorria de sua testa.

– Pisoteie, Douglas! – disse o senescal. – Vou quebrar esse aparelho barulhento pessoalmente.

Ele passou em frente à janela e viu que um grande cogumelo de fumaça se elevava devagar em sua direção, saído do térreo do prédio vizinho.

– É inútil pisotear cuidadosamente – acrescentou –, a casa ao lado está em chamas. Sejam rápidos, é o essencial. Não vai sobrar vestígio, mas vou registrar tudo no meu relatório.

O rosto de Chick estava negro. Debaixo de seu corpo, a poça de sangue coagulava em forma de estrela.

Nicolas passou pela penúltima livraria na qual Alise acabara de tocar fogo. Havia passado por Colin, que estava a caminho do trabalho, e sabia da aflição de sua sobrinha. Soube imediatamente da morte de Partre telefonando para seu clube e se pôs no encalço de Alise, queria consolá-la e levantar seu moral e cuidar dela até que ficasse feliz de novo como antes. Ele viu a casa de Chick, e uma chama longa e magra saiu do meio da vitrine do livreiro ao lado, fazendo explodir a vidraça feito uma martelada. Ele notou, diante da porta, a viatura do senescal da polícia e viu que o motorista a avançava para evitar a zona perigosa, e percebeu também as silhuetas escuras dos agentes de armas. Os Bombeiros surgiram quase na mesma hora. O carro deles parou em frente à livraria, fazendo um barulho terrível. Nicolas já lutava com a fechadura. Conseguiu arrombar a porta a pontapés e correu para dentro. Tudo queimava nos fundos da loja. O corpo do livreiro estava estirado, os pés nas chamas, o coração a seu lado, e ele viu o tira-corações de Chick no chão. O fogo jorrava em grossas esferas vermelhas e em línguas pontudas que perfuravam, de uma só vez, as paredes espessas da loja, e Nicolas se atirou no chão para não ser atingido, e, nesse momento, sentiu, em cima dele, o violento deslocamento de ar produzido pelo jato extintor dos aparelhos dos Bombeiros. O barulho do fogo dobrou enquanto o jato o atacava na base. Os livros queimavam crepitando; as páginas revoavam batendo e passavam por sobre a cabeça de Nicolas, no sentido oposto ao do jato, e ele mal podia respirar, tais eram o barulho e as chamas. Ele pensava que Alise não teria ficado em meio ao fogo, mas não via uma porta por onde ela pudesse ter fugido, e o fogo se debatia

contra os Bombeiros e pareceu se elevar rapidamente, liberando a área mais baixa, que parecia se apagar. Sobrou no meio das cinzas um clarão brilhante, mais brilhante que as chamas.

A fumaça desapareceu muito rápido, aspirada para o andar de cima. Os livros se apagaram, mas o forro queimava mais forte do que nunca. Perto do solo, só havia aquele clarão.

Imundo de cinzas, com os cabelos totalmente pretos, mal conseguindo respirar, Nicolas avançou rastejando na direção da claridade. Ele ouvia a afobação das botas dos Bombeiros. Sob uma viga de ferro retorcida ele percebeu a ofuscante cabeleira loura. As chamas não conseguiram devorá-la, pois ela brilhava mais do que elas. Ele a enfiou em seu bolso interno e saiu.

Caminhava a passos muito pouco firmes. Os Bombeiros o olharam ir embora. O fogo se alastrava pelos andares de cima e eles se apressavam em isolar o quarteirão dos prédios para deixá-lo queimar, pois não havia mais líquido extintor.

Nicolas seguia pela calçada. Sua mão direita, sobre o peito, acariciava os cabelos de Alise. Ele ouviu o barulho da viatura do senescal da polícia que passou por ele. Na parte de trás, reconheceu o conjunto de couro vermelho do senescal. Afastando um pouco o forro do paletó, ele se encontrava totalmente banhado pelo sol. Só seus olhos permaneciam na sombra.

61

Colin viu o trigésimo pilar. Andava, desde a manhã, no porão da Reserva de Ouro. Sua tarefa consistia em gritar quando visse homens vindo roubar o ouro. O porão era bem grande. Era preciso um dia, andando rápido, para dar uma volta inteira. No centro encontrava-se a câmara blindada onde o ouro amadurecia devagar numa atmosfera de gases mortais. Esse trabalho rendia bastante para quem conseguisse dar a volta durante o dia. Colin não se sentia em suficientes condições físicas e no porão fazia noite demais. Sem querer, ele voltava de vez em quando e perdia a hora, e não via, atrás de si, nada além do minúsculo ponto radiante da última lâmpada, e, diante dele, a lâmpada seguinte, crescendo devagar.

Os ladrões de ouro não iam lá todos os dias, mas era preciso, mesmo assim, passar para fazer o controle no momento previsto, senão sofria-se um desconto no ordenado. Era preciso respeitar o horário para se encontrar pronto para berrar quando os ladrões passassem. Eram homens de hábitos muito regulares.

Colin sofria do pé direito. O porão, construído em dura pedra artificial, tinha um piso rugoso e desigual. Ele forçou um pouco, ultrapassando a oitava linha branca, para chegar ao trigésimo pilar no tempo desejado. Começou a cantar bem alto para acompanhar a caminhada, e parou, pois os ecos lhe devolviam palavras moídas e ameaçadoras e cantavam uma melodia oposta à dele.

Com as pernas doloridas, lá ia ele, incansável, e passou pelo trigésimo pilar. Maquinalmente, ele se voltou, acreditando ter visto alguma coisa atrás. Ainda perdeu cinco segundos e deu alguns passos acelerados para recuperar.

62

Não dava mais para entrar na sala de jantar. O teto quase tocava o assoalho, ao qual se ligava por projeções meio vegetais, meio minerais que vicejavam na escuridão úmida. A porta do corredor não se abria mais. Só permanecia uma passagem estreita que levava da entrada ao quarto de Chloé. Isis entrou primeiro, Nicolas a seguia. Ele estava com uma cara aparvalhada. Alguma coisa inflava o bolso interno de seu paletó e, de vez em quando, ele levava a mão ao peito.

Isis olhou para a cama antes de entrar no quarto, Chloé ainda estava rodeada de flores. Suas mãos, abertas sobre a coberta, mal seguravam uma grande orquídea branca que parecia bege ao lado de sua pele diáfana. Ela estava de olhos abertos e mal se mexeu ao ver Isis se sentar perto dela. Nicolas viu Chloé e virou o rosto. Ele queria ter sorrido. Aproximou-se e acariciou-lhe a mão. Ele também se sentou e Chloé fechou suavemente os olhos e os abriu de novo. Parecia contente em vê-los.

– Estava dormindo? – perguntou Isis em voz baixa.

Chloé disse não com os olhos. Procurou a mão de Isis com seus dedos magros. Debaixo de sua outra mão, ela escondia o camundongo cujos olhos negros e vivos eles viram brilhar, e que trotou em cima da cama para se aproximar de Nicolas. Ele o apanhou delicadamente e o beijou em seu pequeno focinho lustroso, e o camundongo voltou para perto de Chloé. As flores tremulavam ao redor da cama, não resistiam muito, e Chloé se sentia mais fraca de hora em hora.

– Cadê o Colin? – perguntou Isis.

– Trabalho... – disse Chloé num sopro.

– Não fala – disse Isis. – Vou te fazer as perguntas de outro jeito.

Ela aproximou sua bela cabeça morena da de Chloé e a beijou com cuidado.

– Ele está trabalhando no banco? – disse ela.

As pálpebras de Chloé se fecharam.

Ouviu-se um passo na entrada. Colin surgiu na porta.

Segurava novas flores, mas não tinha mais trabalho. Os homens tinham passado cedo demais, ele não conseguia mais andar.

Como dava o melhor de si, trazia um pouco de dinheiro, aquelas flores.

Chloé parecia mais calma, quase sorria, agora, e Colin foi para bem perto dela. Ele a amava demais para a força que ela agora tinha, e mal a roçava, com medo de quebrá-la completamente. Com suas pobres mãos ainda estragadas pelo trabalho, ele alisou-lhe o cabelo escuro.

Estavam Nicolas, Colin, Isis e Chloé. Nicolas começou a chorar porque Chick e Alise nunca mais iriam lá, e porque Chloé estava tão mal.

63

A administração dava muito dinheiro a Colin, mas era tarde demais. Ele devia, agora, ir às casas das pessoas, todos os dias. Davam-lhe uma lista e ele anunciava os infortúnios um dia antes que eles chegassem.

Todo dia, ele ia para os bairros populosos, ou então para os bairros bons. Subia montes de degraus. Era muito mal recebido. Atiravam em sua cabeça objetos pesados e contundentes, e palavras duras e pontudas, e punham-no na rua. Ganhava dinheiro para isso e dava satisfação. Ia conservar aquele trabalho. A única coisa que ele poderia fazer era aquilo, ser posto na rua.

O cansaço o comprimia, soldava-lhe os joelhos, esvaziava-lhe o rosto. Seus olhos não viam nada além da feiura das pessoas. Sem parar, ele anunciava as infelicidades por vir. Sem parar, era enxotado, debaixo de socos, gritos, lágrimas, xingamentos.

Ele subiu os dois degraus, seguiu pelo corredor e bateu, recuando um passo no instante seguinte. Quando as pessoas viam seu capacete preto, já sabiam e o maltratavam, mas Colin não devia dizer nada, era pago por aquele trabalho. A porta se abriu. Ele avisou e foi embora. Um pesado pedaço de pau o atingiu nas costas.

Ele procurou na lista o nome seguinte e viu que era o seu. Então atirou longe o capacete e foi caminhando pela rua, e seu coração era de chumbo, pois ele sabia que, no dia seguinte, Chloé ia morrer.

64

O Religioso falava com o Bedeléu e Colin esperava o fim da conversa, depois se aproximou. Não via mais a terra debaixo dos seus pés e a toda hora tropeçava. Seus olhos olhavam Chloé em seu leito de núpcias, sem brilho, com o cabelo escuro e o nariz arrebitado, a testa meio inchada, o rosto ovalado-arredondado e suave, e suas pálpebras fechadas que a haviam retirado do mundo.

– Vem para o enterro? – disse o Religioso.

– A Chloé morreu – disse Colin.

Ele ouviu Colin dizer “A Chloé morreu” e não acreditou.

– Eu sei – disse o Religioso. – Que preço pretende pagar? O senhor deseja, sem dúvida, uma bela cerimônia?

– Sim – disse Colin.

– Posso lhe fazer algo muito bom por uns dois mil dobrezões – disse o Religioso. – Também tenho mais caros...

– Só tenho vinte dobrezões – disse Colin. – Talvez eu possa conseguir mais uns trinta ou quarenta, mas não agora.

O Religioso encheu os pulmões de ar e soprou com cara de desgosto.

– Então é uma cerimônia de pobre que lhe convém.

– Eu sou pobre... – disse Colin. – E a Chloé morreu.

– Sim – disse o Religioso. – Mas deveríamos sempre dar um jeito de morrer com o bastante para um enterro decente. Então, não tem nem quinhentos dobrezões?

– Não... – disse Colin. – Posso chegar a cem se o senhor aceitar ser pago em várias vezes. Será que o senhor se dá conta do que é dizer “a Chloé morreu”?

– O senhor sabe – disse o Religioso –, estou acostumado, então isso não faz mais efeito em mim. Eu deveria lhe aconselhar a se dirigir a Deus, mas penso que, com uma soma tão fraca, talvez seja melhor não incomodá-lo...

– Oh! – disse Colin. – Não vou incomodá-lo. Não acredito que ele seja capaz de muita coisa, porque, veja só, a Chloé morreu.

– Mude de assunto – disse o Religioso. – Pense... em... não sei, qualquer coisa... Por exemplo...

– Será que por cem dobrezões eu terei uma cerimônia decente? – disse Colin.

– Não quero nem imaginar esse desfecho – disse o Religioso. – O senhor consegue ir até cento e cinquenta.

– Vou levar tempo para lhe pagar.

– O senhor tem trabalho... Vai assinar um papelzinho...

– Como quiser – disse Colin.

– Nessas condições – disse o Religioso –, talvez o senhor consiga duzentos, e terá o Sacrostão e o Bedeléu a seu lado. Já por cento e cinquenta eles ficam no partido oposto.

– Acho que não – disse Colin. – Acho que não vou ter esse trabalho por muito tempo.

– Então fechamos em cento e cinquenta – concluiu o Religioso.

– É lamentável, vai ser uma cerimônia verdadeiramente infecta. O senhor me dá nojo, regateia demais...

– Queira me perdoar – disse Colin.

– Venha assinar os papéis – disse o Religioso e o empurrou brutalmente.

Colin se chocou contra uma cadeira. O Religioso, furioso com esse barulho, o empurrou de novo na direção da sacristada e o seguiu aos grunhidos.

65

Os dois carregadores encontraram Colin esperando-os na entrada do apartamento. Estavam cobertos de sujeira, pois a escada se degradava cada vez mais. Mas estavam com suas roupas mais velhas, que não tinham apenas um rasgo. Viam-se, pelos buracos nos uniformes, os pelos vermelhos de suas feias pernas nodosas, e eles cumprimentaram Colin com um tapinha na barriga, como previsto no regulamento dos enterros de pobre.

A entrada agora parecia o corredor de um porão. Eles abaixaram a cabeça para chegar ao quarto de Chloé. Os do caixão tinham ido embora. Não se via mais Chloé, apenas uma velha caixa negra, marcada com um número de ordem e toda amassada. Eles a pegaram e, usando-a como um aríete, a atiraram pela janela. Só desciam defuntos no braço a partir de quinhentos dobrezões.

“É por isso”, pensou Colin, “que a caixa tem tantos amassados”, e chorou, porque Chloé devia estar machucada e estragada.

Ele pensou que ela não sentia mais nada e chorou mais alto. A caixa fez um barulho no calçamento e quebrou a perna de uma criança que brincava ali perto. Empurraram a criança pela calçada e puseram a caixa no rabeção. Era um caminhão velho, pintado de vermelho, e um dos carregadores ia dirigindo.

Pouca gente seguia o caminhão, Nicolas, Isis e Colin, e dois ou três que eles não conheciam. O caminhão ia bem rápido. Precisavam correr para segui-lo. O motorista cantava em altos brados. Só se calava a partir de duzentos e cinquenta dobrezões.

Pararam diante da igreja e a caixa negra ficou ali enquanto eles entravam para a cerimônia. O Religioso, com cara de poucos

amigos, lhes dava as costas e começou a se agitar sem convicção. Colin estava de pé diante do altar.

Ergueu os olhos: diante dele, pregado na parede, havia um Jesus em sua cruz. Tinha ar de tédio e Colin lhe perguntou:

– Por que a Chloé morreu?

– Não tenho nenhuma responsabilidade sobre isso – disse Jesus. – Que tal falarmos de outra coisa...

– Quem é o responsável? – perguntou Colin.

Eles conversavam em voz bem baixa e os outros não ouviam.

– Não somos nós, em todo caso – disse Jesus.

– Eu o convidei para o meu casamento – disse Colin.

– Foi um sucesso – disse Jesus –, eu me diverti muito. Por que desta vez não deu mais dinheiro?

– Não tenho mais – disse Colin –, e afinal isso aqui não é o meu casamento.

– É – disse Jesus.

Ele parecia incomodado.

– É bem diferente – disse Colin. – Desta vez, a Chloé morreu...

Não gosto da ideia dessa caixa negra.

– Hmmmmm... – disse Jesus.

Ele olhava para outro lado e parecia entediado. O Religioso girava uma matraca e berrava versos latinos.

– Por que a fez morrer? – perguntou Colin.

– Ah!... – disse Jesus. – Não insista.

Ele procurou uma posição mais cômoda em seus pregos.

– Ela era tão doce – disse Colin. – Nunca fez o mal, nem em pensamento, nem em ação.

– Isso não tem nada a ver com religião – resmungou Jesus, bocejando.

Ele sacudiu um pouco a cabeça para mudar a inclinação da coroa de espinhos.

– Não consigo ver o que foi que nós fizemos – disse Colin. – A gente não merecia isso.

Ele baixou os olhos. Jesus não respondeu. Colin ergueu a cabeça. O peito de Jesus sobressaía suave e regularmente. Seus traços transpiravam calma. Seus olhos estavam fechados e Colin ouviu sair das narinas dele um ligeiro ronronar de satisfação, feito um gato gordo. Nesse momento, o Religioso pulava de um pé para o outro e soprava num tubo, e a cerimônia estava terminada.

O Religioso foi o primeiro a ir embora da igreja e voltou para a sacristuda para calçar grandes sapatos com tachas.

Colin, Isis e Nicolas saíram e esperaram atrás do caminhão.

Então o Bedeléu e o Sacrostão apareceram, ricamente vestidos de cores claras. Começaram a vaiar Colin e dançavam feito selvagens ao redor do caminhão. Colin tapou as orelhas, mas não podia falar nada, tinha contratado um enterro de pobre e não se mexeu nem quando era atingido pelos punhados de pedras.

Eles caminharam por muito tempo pelas ruas. As pessoas não se voltavam mais e o dia baixava. O cemitério dos pobres era bem longe. O caminhão vermelho rodava e saltava nas irregularidades do caminho, enquanto o motor soltava alegres petardos.

Colin não ouvia mais nada, ia atrás e sorria às vezes, lembrava-se de tudo. Nicolas e Isis caminhavam atrás dele. Isis tocava de vez em quando o ombro de Colin.

A estrada parou e o caminhão também, era a água. Os carregadores desceram a caixa negra. Colin ia ao cemitério pela primeira vez; estava situado numa ilha de formato incerto, cujos contornos variavam muito com o peso da água. Enxergava-se a ilha vagamente através da neblina. O caminhão ficou na margem; chegava-se à ilha por uma comprida prancha leve e cinzenta cuja extremidade distante se perdia na bruma. Os carregadores soltaram palavrões e o primeiro se firmou na prancha, tinha a largura exata para passar. Seguravam a caixa negra com grandes correias de couro cru que passavam por seus ombros dando uma volta no pescoço, e o segundo carregador começava a se sufocar, ia ficando todo roxo; no cinza da neblina, ficava bem triste. Colin seguia; Nicolas e Isis começaram, por sua vez, a andar sobre a prancha; o primeiro carregador pisava forte de propósito para sacudi-la e balançá-la para a esquerda e para a direita. Ele desapareceu no meio de um vapor que se desfiava feito filetes de açúcar na água de um xarope. Seus passos ressoavam na prancha em escala descendente e, pouco a pouco, ela se curvou, eles se aproximavam do centro; assim que passaram por ele, ela tocou a água e pequenas marolas simétricas borbulharam dos dois lados; a água quase a cobria; ela estava escura e transparente, Colin se

inclinou à direita, olhou para o fundo, pensou ter visto uma coisa branca se remexer vagamente na profundidade; Nicolas e Isis pararam atrás dele, estavam como que de pé sobre a água. Os carregadores continuavam, a segunda metade do caminho subia, e quando eles passaram pelo meio as marolas diminuíram e a prancha se descolou da água com um barulho de sucção.

Os carregadores começaram a correr. Batiam os pés e as alças da caixa ressoavam nas laterais. Chegaram à ilha antes de Colin e seus amigos e pegaram pesadamente a pequena trilha demarcada por duas sebes de folhas escuras. A trilha descrevia estranhas sinuosidades, em formas desoladas, e o piso era poroso e quebradiço. Ela se alargou um pouco. As folhas das plantas mudavam para um cinza leve, e nervuras de ouro sobressaíam em sua carne aveludada. As árvores, compridas e flexíveis, caíam em arco de um lado do caminho para o outro. Através da abóbada assim formada, o dia produzia um halo branco, sem brilho. A trilha se bifurcava em diversos ramos e os carregadores pegaram a direita sem hesitar, Colin, Isis e Nicolas se apressavam para alcançá-los. Não se ouviam animais nas árvores. Apenas as folhas cinzentas se destacavam por vezes, para cair pesadamente no chão. Eles seguiram as ramificações do caminho. Os carregadores davam pontapés nas árvores e seus pesados calçados marcavam, na casca esponjosa, profundas feridas azuladas. O cemitério era bem no meio da ilha; subindo nas pedras, podia-se, além da copa das árvores franzinas, entrever, ao longe, para os lados da outra margem, o céu, crivado de negro, e marcado pelo voo pesado dos alerões nos campos de morugem e endro.

Os carregadores pararam perto de um grande buraco; começaram a balançar o caixão de Chloé cantando “Se a canoa não virar” e abriram a trava. A tampa se abriu e alguma coisa caiu no buraco com um grande estalido; o segundo carregador desabou, meio estrangulado, porque a correia não havia se soltado imediatamente de seu pescoço. Colin e Nicolas chegaram

correndo, Isis tropeçava atrás. Então o Sacrostão e o Bedeláu, com velhos macacões manchados de óleo, saíram de repente de trás de um túmulo e começaram a uivar feito lobos jogando terra e pedras na fossa.

Colin estava encolhido de joelhos. Segurava a cabeça com as mãos, as pedras faziam um barulho surdo ao cair, o Bedeláu, o Sacrostão e os dois carregadores se deram as mãos, fizeram um círculo em torno do buraco e então, de repente, correram para a trilha e desapareceram dançando. O Sacrostão soprava num enorme cromorno e os sons roucos vibravam no ar morto. A terra desabava pouco a pouco, e ao fim de dois ou três minutos o corpo de Chloé tinha desaparecido completamente.

67

O camundongo cinza de bigodes pretos fez um último esforço e conseguiu passar. Atrás dele, de uma vez, o forro tocou o assoalho e compridos vermículos de matéria inerte saíram retorcendo-se lentamente pelos interstícios da sutura. Ele corria com muita pressa pelo corredor escuro da entrada cujas paredes se aproximavam uma da outra tremulando, e conseguiu sair por baixo da porta. Chegou à escada e a desceu; na calçada, parou. Hesitou por um instante, orientou-se e se pôs a caminho do cemitério.

68

– Na verdade – disse o gato – isso não me interessa muito, não.
– Você está errado – disse o camundongo. – Ainda sou jovem e, até o último momento, era bem alimentado.

– Mas eu também sou bem alimentado – disse o gato – e não tenho a menor vontade de me suicidar, então você percebe por que acho isso anormal?

– É que você não o viu – disse o camundongo.

– O que é que ele faz? – perguntou o gato.

Ele não queria muito saber. Fazia calor e seus pelos estavam todos bem elásticos.

– Ele fica perto da água – disse o camundongo –, esperando, e quando chega a hora ele vai para a prancha e para no meio. Vê alguma coisa.

– Ele não consegue ver muita coisa – disse o gato. – Talvez um nenúfar.

– É – disse o camundongo –, está esperando que ele suba, para matá-lo.

– Isso é idiota – disse o gato. – Não tem o menor interesse.

– Quando a hora passa – continuou o camundongo –, ele volta à margem e olha a foto.

– Não come nunca? – perguntou o gato.

– Não – disse o camundongo –, e fica muito fraco, não consigo suportar isso. Um dia desses ele ainda dá um passo em falso naquela prancha.

– Em que isso te afeta? – perguntou o gato. – Ele está infeliz, e daí?...

– Ele não está infeliz – disse o camundongo –, ele está com dor. É isso o que eu não consigo suportar. E ele vai cair na água, ele se

inclina demais.

– Então – disse o gato –, se é assim, aceito te fazer esse serviço, mas não sei por que estou dizendo “se é assim”, porque não entendi nada.

– Você é muito bondoso – disse o camundongo.

– Enfia a sua cabeça na minha boca – disse o gato – e espera.

– Pode demorar muito? – perguntou o camundongo.

– Até que alguém pise no meu rabo – disse o gato. – Preciso de um reflexo rápido. Mas eu vou estendê-lo, não tenha medo.

O camundongo abriu o maxilar do gato e enfiou a cabeça entre os dentes agudos. Retirou-a quase no mesmo instante.

– Diga lá – disse ele –, comeu tubarão hoje de manhã?

– Escuta – disse o gato –, se não te agrada, pode ir embora. Esse troço me assusta. Se vira sozinho.

Ele parecia zangado.

– Não se irrite – disse o camundongo.

Ele fechou seus olhinhos negros e recolocou a cabeça em posição. O gato deixou repousar com cautela os caninos afiados no pescoço macio e cinzento. Os bigodes pretos do camundongo se misturavam ao seu. Ele desenrolou a cauda fofa e a deixou se arrastar pela calçada.

Vinham, cantando, onze garotinhas cegas do orfanato de Júlio, o Apostólico.

Memphis, 8 de março de 1946
Davenport, 10 de março de 1946

[1] O tratamento formal – *vous* em vez de *tu* – foi uma moda entre casais existencialistas como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, e, neste livro, entre Colin e sua amada. [As notas são do tradutor.]

[2] O Collège de France e o Institut de France são os símbolos máximos da elite acadêmica francesa.

[3] O hospital Saint-Louis, especializado em dermatologia, era estigmatizado por tratar doenças venéreas. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45), a estação Saint-Lazare, que serve a Normandia e a região parisiense, frequentemente era fechada.

[4] Palavra de origem indiana que designa as estruturas montadas sobre elefantes para abrigar passageiros.

Sobre o autor

BORIS VIAN nasceu em Ville d'Avray, nos arredores de Paris, em 1920. Em 1932 foi acometido de uma febre reumática e, três anos mais tarde, de uma febre tifoide que, mal curadas, lhe deixaram graves sequelas no coração.

Formou-se engenheiro civil em 1942 e trabalhou durante quatro anos na Associação Francesa de Normalização (AFNOR). Mas foi como trompetista de jazz, ator, cantor, escritor, dramaturgo, poeta e tradutor que se tornou conhecido.

Seu primeiro romance, *J'irai cracher sur vos tombes* (1946), foi publicado sob o pseudônimo de Vernon Sullivan. Considerado imoral, acabou proibido na França.

Na época da publicação, estabeleceu relações de amizade com Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus. Passou a colaborar com a revista *Les Temps Modernes*, ligada ao existencialismo.

Em 1947, publicou seu romance mais célebre, *A espuma dos dias*, sem grande repercussão. Descoberto pelo público nos anos 1960, é hoje considerado um clássico moderno. Embora pouco conhecida, a extensão da obra de Vian surpreende pela riqueza e pela diversidade. Escreveu dez romances, sessenta contos, três livros de poesia, o equivalente a três volumes de crônicas e críticas de jazz, dez peças de teatro, seis libretos de ópera e mais de quinhentas canções.

Ao contrário do que possa sugerir a menção às cidades americanas de Nova Orleans, Memphis e Davenport em *A espuma dos dias*, Vian jamais esteve nos Estados Unidos.

Com a saúde debilitada, morreu de um ataque cardíaco enquanto assistia a uma adaptação para o cinema de seu livro *J'irai cracher sur vos tombes*, em Paris, em 1959, aos 39 anos.

© Cosac Naify, 2013, e-book, 2013
© L'Écume des jours, de Boris Vian
© Société Nouvelle des Editions Pauvert 1979, 1996 et 1998.
Librairie Arthème Fayard, 1999 pour l'édition en oeuvres complètes

CAPA Cartão postal de John Hinde, década de 1960.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Marta Garcia
ASSISTENTE EDITORIAL Ana Paula Martini
PREPARAÇÃO Lucas Murtinho
REVISÃO Eliane Santoro e Débora Donadel
PROJETO GRÁFICO ORIGINAL Flávia Castanheira

ADAPTAÇÃO E COORDENAÇÃO DIGITAL Antonio Hermida
PRODUÇÃO DE EPUB Fabian J. Tonack

1ª edição eletrônica, 2013

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

 MÉDIATHÈQUE
Maison de France

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vian, Boris [1920-1959]

A espuma dos dias: Boris Vian

Título original: *L'Écume des jours*

Tradução: Paulo Werneck

São Paulo: Cosac Naify, ano corrente

ISBN 978-85-405-0635-0

1. Romance francês I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2° andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em
outubro de 2013, com base na 1ª edição impressa, de
2013.

FONTE Abril
SOFTWARE Adobe InDesign